**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

BRUNA BRAGA FONTES

Manuscrito e Impresso: as diferentes materialidades do texto de Fulke Greville

São Paulo

2021

BRUNA BRAGA FONTES

Manuscrito e Impresso: as diferentes materialidades do texto de Fulke Greville

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Adone Agnolin

Versão Corrigida

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F682m Fontes, Bruna Braga
Manuscrito e Impresso: as diferentes
materialidades do texto de Fulke Greville / Bruna
Braga Fontes; orientador Adone Agnolin - São Paulo,
2021.
321 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

1. Revolução Inglesa. 2. Regalismo. 3. Impressos.
4. Manuscritos. 5. História do Livro. I. Agnolin,
Adone, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Bruna Braga Fontes

Data da defesa: 30/03/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Adone Agnolin

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28/06/2021

Adone Agnolin

Professor Associado de História Moderna e História das Religiões
Departamento de História - FFLCH-USP
Av. Prof. Lineu Prestes, 338 - Cidade Universitária
05508-900 - São Paulo, SP - BRASIL

Vol. 1

Aos meus avós

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa ao projeto, que resultou nesta dissertação. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

Ao orientador desta dissertação, Adone Agnolin, deixo marcado meu agradecimento, por ter aceitado a orientação, pela paciência e generosidade intelectual, acompanhando-me em todos os momentos difíceis da trajetória do mestrado. Agradeço à Professora Eunice Ostrensky e ao Professor Luis Filipe Silvério Lima pela leitura de meu trabalho, pelas sugestões, recomendações e críticas que foram fundamentais para o desenvolvimento da dissertação.

Estendo meus agradecimentos aos trabalhadores e docentes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e das instituições de pesquisa, em especial aquelas públicas, sem as quais não teria tido condições de realizar nosso trabalho. Agradeço aos funcionários da Houghton Library, que me auxiliaram e ofereceram gratuitamente seu tempo, equipamentos e coleção.

Agradeço também ao Rodolpho Hockmuller Menezes, pelo companheirismo, carinho e atenção, além das incontáveis horas de revisão, discussão, leitura, burocracias e orientação em meu trabalho. Sem seu apoio e suor não haveria dissertação, bolsa ou pesquisa. Você e a Lola construíram comigo cada parágrafo desse trabalho, uma ponte constante com a sanidade ao longo desses anos.

À minha família, meus pais, irmãos, avós, tios e primos, pelo apoio financeiro e emocional, sem os quais não haveria tido condições materiais nem mentais para finalizar esse trabalho. Obrigada pelo apoio para conseguir acessar as cópias impressas e toda uma bibliografia essencial para nossos estudos. Por nossos encontros, almoços e conversas, pelo amor incondicional e oportunidades que me oferecem sempre. Aos meus amigos, entre eles Liah e Bea.

Expresso meu especial agradecimento aos pesquisadores do grupo de estudos (Talita, Verônica, Patrícia, Bruno, Mariana, Livia, Mayumi, Lury, Vinicius, J., Ramon, Heloise, Beatriz, Aline, Luis Filipe, Victoria, J.), coordenado pelo Professor Luís Filipe Silvério Lima, pelo acolhimento, amizade, recomendações, leituras, críticas, reflexões, discussões, companhia e orientação, sem os quais não poderia ter realizado essa pesquisa e sobrevivido estes últimos anos. Nossos encontros foram fundamentais! Todos vocês são prova da construção coletiva do conhecimento.

Aos colegas de PAE e dos Professores Ana Paula Megiani e José Miguel Nanni Soares, por relembrar as virtudes da graduação, docência e de História Ibérica e Moderna. Gostaria também de agradecer os colegas dos Seminários de Escrita Acadêmica em História por proporem a importante reflexão do trabalho da escrita na academia. Luma, Patrícia e

Talita (e sua grande ajuda com os emails), muito obrigada por compartilharem suas fontes, bibliografia, discussões e paciência!

Finalmente, registro meu especial agradecimento a Verônica Calsoni Lima, pela orientação, revisão, paciência, sempre disponível para ler, ajudar, compartilhar e discutir, me ajudando com suas fontes, bibliografia, metodologia, pela direção que a pesquisa e a dissertação tomou. Obrigada por me introduzir no interior das maravilhas da História do Livro. Sua generosidade intelectual e amizade foram inestimáveis.

I shortly made answer, that I conceived an Historian
was bound to tell nothing but the truth, but to tell all
truths were both justly to wrong, and offend not only
Princes, and States, but to blemish, and stir up
against himselfe, the frailty and tendernesse, not
only of particular men, but of many families, with
the spirit of an Athenian Timon; And therefore
shewed my self so far from being discouraged with
that objection, as I took upon me freely to adventure
all my own goods in this Ship, which was to be of
my owne building.

GREVILLE, Fulke.

The Life of the Renowned Sir Philip Sidney, p. 217-9

RESUMO

FONTES, Bruna Braga. **Manuscrito e Impresso:** as diferentes materialidades do texto de Fulke Greville. 2021. 321 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Nossa dissertação tem como objetivo discutir as diferentes versões do texto conhecido como “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney” ou “A Dedication to Sir Philip Sidney”, do cortesão inglês Fulke Greville (1554-1628). Procuramos contextualiza-lo partir de suas materialidades (manuscrita e impressa) para melhor entendermos como se deu o processo de produção, circulação, coleção e leitura no século XVII. O texto foi elaborado pelo autor durante os primeiros anos do reinado de Jaime I, enquanto o impresso data do contexto turbulento da Revolução Inglesa (1640-1660), quando é publicado pelo livreiro regalista Henry Seile. Em nossa pesquisa se organizou a partir de duas frentes: as versões manuscritas e impressa. Tendo em vista as particularidades de seus diferentes suportes materiais e seus contextos, a dissertação procura discutir como a obra se transformou. Aliando reflexões sobre o contexto e a materialidade do manuscrito e do impresso, busca-se contribuir para os estudos da História do Livro, visando complexificar as análises sobre as diferentes formas de comunicação escrita. Nesse sentido, pensar a respeito dos suportes materiais da obra, bem como sobre seus processos de produção e circulação, permite observar possíveis diferenças expressas nos conteúdos do manuscrito e do impresso, salientando adaptações que possam ter sido feitas devido à reinserção do texto em seus diferentes contextos.

Palavras-chave: Revolução Inglesa; Regalismo; Impressos; Manuscritos; História do Livro.

ABSTRACT

FONTES, Bruna Braga. **Manuscript and Print:** the different materialities of Fulke Greville's text. 2021. 321 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Our master's thesis aims to discuss the different versions of the text known as "The Life of the Renowned Sir Philip Sidney" or "A Dedication to Sir Philip Sidney", by the English courtier Fulke Greville (1554-1628). Based on materialities (manuscript and print) of our documents, our objective is to contextualize the work to better understand the process of production, circulation and collection. The text was written by the author during the first years of the reign of James I, while the print dates from the turbulent context of the English Revolution (1640-1660), when it was published by Henry Seile, a royalist bookseller. Our research was organized in two fronts: the manuscripts and the printed versions. In view of the particularities of its different material supports and their contexts, the thesis seeks to discuss how the work has been transformed. Combining reflections on the context and materiality of the manuscript and the print, we aim to contribute to the study of Book History, by understanding the different forms of written communication. In this sense, discussing the materials of the work, as well as its production and circulation processes, allowed us to observe possible differences expressed in the contents of manuscript and print, highlighting adaptations that may have been made due to the reinsertion of the text in its different contexts.

Keywords: English Revolution; Royalists; Print; Manuscripts; Book History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EEBO	Early English Books Online
ESTC	English Short Title Catalogue
CELM	Catalogue of English Literary Manuscripts 1450–1700
ODNB	Oxford Dictionary of National Biographies
GrF	Fulke Greville
MS	Manuscrito
SP	State Papers
MP	Membro do Parlamento
<i>Life</i>	<i>The Life of the Renowned Sir Philip Sidney [...] ou A Dedication to Sir Philip Sidney</i>

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E MAPAS

Fig. 1 Os manuscritos e o impresso em contexto	34
Fig. 2 exemplo de secretária pequena e alfabeto, manual de caligrafia e de letras européias, “A nevv booke, containing all sorts of hands vsually written at this day in Christendome” impresso em 1611	61
Fig. 3 alfabeto itálico, manual de caligrafia e de letras, “The pen's excellencie, or, The secretaries' delight” de Martin Billingsley impresso em 1618	61
Figs. 4, 5, 6 e 7 Sir Philip Sidney escrito nos três manuscritos, GrF 24, 25 e 26 (v1 e v2). A primeira imagem, de GrF 24 com grafia diferente (Philip, com só um L), escrita em itálico. A seguir os nomes escritos em secretário (grafados com dois L), ordenados de maior para menor influência itálica (GrF 26 v2, GrF 25 e GrF 26 v1)	66
Fig. 8 primeiro fólio de GrF 24, grifo nosso	67
Fig. 9 fólio de GrF 25, grifo nosso.	68
Fig. 10 fólio de GrF 26, volume 1, grifo nosso	69
Fig. 11 fólio de GrF 26, volume 2, grifo nosso	70
Fig. 12 GrF 24, f. 46, retirado de Gouws (1976)	74
Fig. 13 Heawood 2179	74
Fig. 14 GrF 25, f. 25, retirado de Gouws (1976)	75
Figs. 15 e 16 Heawood 140 e 136	75
Figs. 17 e 18 GrF 26, fols. 9 e 43, retirado de Gouws (1976)	76
Fig. 19 Heawood 3652	76
Fig. 20 Heawood 3674	76
Fig. 21 Estema adaptado de Gouws	80

Fig. 22 Estema adaptado de Kuhn	81
Fig. 23 Listas encontradas encadernadas junto ao final do texto manuscrito. Intitulado “A Catalogue of Books belonging to William Leveson Gower at Trentham”	89
Fig. 24 Folha de rosto do impresso de 1651 copiado a mão, encadernada antes do texto manuscrito	91
Fig. 25 Frontispício e folha de Rosto de “Fragmenta regalia” (1641)	102
Fig. 26 Entrada sobre Greville na página 32 do impresso “Fragmenta regalia”	103
Fig. 27 Frontispício e folha de Rosto de “The states-men and favourites of England Since the Reformation” (1665)	105
Figs. 28 e 29 Entrada sobre Greville nas páginas 727-729 do impresso “The states-men and favourites of England Since the Reformation” (1665)	106
Fig. 30 Circuito de produção de impressos em Londres, séc. XVII. Baseado em Feather	125
Fig. 31 Folha de Rosto de “Life of the Renowned Sir Philip Sidney”	128
Fig. 32 Frontispício da primeira edição de “Eikon Basilike”, publicada por Richard Royston e datada de 1648	154
Fig. 33 Retrato de Carlos I (“retrato de Richmond”), parte da obra “The Tablet or Moderation of Charles the First”	157
Fig. 34 Frontispício de “Boscobel” de Thomas Blount publicado por Seile em 1660. Destaque nosso para a apresentação de Seile: “Stationer to the Kings most Excellent Majesty”	161
Fig. 35 Páginas 238 e 239 de “Life of the Renowned Sir Philip Sidney”, cópia de Thomason, grifo nosso	169
Fig. 36 Encadernações das três cópias de “Life of the Renowned Sir Philip Sidney”	171
Figs. 37, 38 e 39 Dedicatória e capítulos I e III. “Life of the Renowned Sir Philip Sidney”, cópia de Thomason, grifo nosso	172
Fig. 40 Primeira página da peça “Mustapha”, elementos decorativos, gravuras e letras	

historiadas encontradas em “Certaine learned and elegant vvorkes” (1633).	173
Fig. 41 Comparação entre “Certaine learned and elegant vvorkes” e “Life of Sidney”	174
Fig. 42 Folha de rosto. “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney”	176
Figs. 43 e 44 Folhas de rosto de “Certaine learned and elegant vvorkes” (1633) e “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney” (1652), grifo nosso	180
Fig. 45 Frontispício de “Comosgraphie” de Peter Heylyn, reedição de 1657, gravura representando os quatro continentes: Europa, África, Ásia e América	184
Figs. 46 e 47 Frontispício e folha de rosto da segunda edição de “The reign of King Charles” de Hamon L’Estrange (1656), publicado com resposta a “Observations” de Peter Heylyn, grifo nosso	191
Figs. 48 e 49 Folha de rosto e parte de “An Advertisement.” de “The remains of Sir Fulk Grevill Lord Brooke: being poems of monarchy and religion: never before printed”, grifo nosso	197
Fig. 50 Folha de rosto de “The five yeares of King James”, que aponta Greville como autor, grifo nosso	199
Figs. 51 e 52 Folhas de rosto de “Life of the Renowned Sir Philip Sidney” e “A continuation of Sir Philip Sydney's Arcadia” e cópias de Thomason, grifo nosso	209
Figs. 53 e 54 Páginas 1 e 4 do número 84 de “Mercurius Politicus”, grifo nosso	216
Mapa 1 Mapa de Londres. Destaque para Fleetstreet, St. Dunstan e St. Paul	133

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 Organização interna temática por Rigali do impresso “The life of the Renowned Sir Philip Sidney”	24
Tabela 2 Tabela das Versões	114
Tabela 3 Tabela comparativa adaptado de Kuhn	116
Gráfico 1 Publicações dos Seile entre 1619 e 1636, levantadas a partir dos bancos de dados ESTC e EEBO	135
Gráfico 2 Publicações dos Seile entre 1637 e 1677, levantadas a partir dos bancos de dados ESTC e EEBO	140
Gráfico 3 Porcentagens e número de impressões por tamanho	163

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
-------------------	-----------

PARTE I: “A DEDICATION TO SIR PHILIP SIDNEY”

CAPÍTULO 1: “A DEDICATION TO SIR PHILIP SIDNEY”: AS VERSÕES MANUSCRITAS DO TEXTO DE GREVILLE	46
---	-----------

1.1 Os processos da produção manuscrita	50
1.2 As versões manuscritas	56
1.2.1 <i>Os manuscritos</i>	58
1.2.2 <i>Pontuação, grafia e escrita</i>	59
1.2.3 <i>Tamanho, formato e marca d' água</i>	71
1.3 Análise genética	78

CAPÍTULO 2: MATERIALIDADE E TEXTUALIDADE: CIRCULAÇÃO, COLEÇÃO E LEITURA DAS VERSÕES DE “A DEDICATION TO SIR PHILIP SIDNEY”	85
---	-----------

2.1 Proveniência dos documentos	85
2.1.1 <i>GrF 24</i>	86
2.1.2 <i>GrF 24.5</i>	92
2.1.3 <i>GrF 25</i>	93
2.1.4 <i>GrF 26</i>	95
2.1.5 <i>GrF 26.5</i>	95
2.2 A construção de um autor	97
2.3 Recordando Sidney	109
2.4 Variações e possíveis implicações	114

PARTE II: “THE LIFE OF THE RENOWNED SIR PHILIP SIDNEY”

CAPÍTULO 3: O LIVREIRO DE “THE LIFE OF THE RENOWNED SIR PHILIP SIDNEY”	122
3.1 O mercado impressos em Londres	124
3.2 O livreiro Henry Seile e sua produção (1617-1678)	129
3.2.1 <i>Os primeiros anos da livraria “Cabeça de Tigre” (1619-1637)</i>	134
3.2.2 <i>Regalismo, guerras civis e a produção dos Seile (1637-1649)</i>	139
3.2.3 <i>A experiência da derrota: títulos e autores impressos na “Cabeça de Tigre” após o regicídio (1649-1659)</i>	150
3.2.4 <i>Os Seile na Restauração</i>	160
3.3 Considerações sobre os mais de 60 anos de produção da livraria “Cabeça de Tigre”	162
 CAPÍTULO 4: “THE LIFE OF THE RENOWNED SIR PHILIP SIDNEY” EM CONTEXTO: MATERIALIDADE, REGALISMO E LEITORES DO IMPRESSO	 166
4.1 Aspectos materiais do impresso	167
4.2 “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney” e o repertório dos Seiles	182
4.2.1 <i>Heylyn e L’Estrange: debate regalista sobre Carlos I</i>	182
4.2.2 <i>“Life” em contexto: construção e disputa de imagens na produção dos Seile</i>	192
4.3 Personagens em disputa na Revolução Inglesa: os Greville, os Sidney e a memória da rainha Elizabeth	195
4.4 Leitores e leituras de “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney”	208
4.4.1 <i>Compradores do Impresso</i>	208
4.4.2 <i>Leitores e suas observações sobre “Life”</i>	212

4.5 Considerações sobre o impresso e seu contexto: ler e publicar Greville no século XVII	223
MANUSCRITO E IMPRESSO: REFLEXÕES FINAIS SOBRE AS DIFERENTES MATERIALIDADES DO TEXTO DE GREVILLE	226
REFERÊNCIAS	232
Documentos impressos	232
Documentos manuscritos	248
Sites, bancos de dados online e artigos jornalísticos	249
Bibliografia	256
APÊNDICE A - PUBLICAÇÕES DOS SEILE	283
ANEXO A - TABELA DE GOUWS: DIFERENÇAS ENTRE AS VERSÕES MANUSCRITAS E IMPRESSA	314
ANEXO B - VARIAÇÕES ENTRE CÓPIAS IMPRESSAS POR GOUWS	315
ANEXO C - LISTAGEM DE KUHN: DIFERENÇAS ENTRE AS VERSÕES MANUSCRITAS E IMPRESSA	317
ANEXO D - MARCA D' ÁGUA DO IMPRESSO	319
ANEXO E - ÁRVORE GENEALÓGICA DE FULKE GREVILLE	320
ANEXO F - FOLHA DE ROSTO DE “A MOST PLEASANT PROSPECT”	321

INTRODUÇÃO

‘these pamphlets which, having slept out my own time, if they
happen to be seen hereafter, shall at their own peril rise upon
the stage when I am not’

GREVILLE, Fulke.

The Life of the Renowned Sir Philip Sidney, p. 241.

O objetivo dessa dissertação é discutir a obra *The Life of the Renowned Sir Philip Sidney*, escrita pelo cortesão inglês Fulke Greville no início do século XVII, em suas diferentes materialidades, manuscrita e impressa. Buscamos, ao longo da pesquisa, entender os contextos dos documentos, discutindo como foram produzidos, lidos e colecionados.

Em primeiro de setembro de 1628, em sua casa londrina em Holborn, Fulke Greville foi esfaqueado no estômago por seu serviçal, Ralph Hayward, enquanto este o ajudava a fechar suas calças. O cortesão, com então 74 anos de idade, teria impedido a perseguição de seu atacante, que cortou a própria garganta em seus dormitório e morreu na mesma noite. A morte de Greville, entretanto, ocorreria apenas no final do mês, em decorrência de gangrena da ferida, tratada por seu médico com gordura animal. O motivo do ataque teria sido a insatisfação do empregado com os termos do testamento do cortesão¹.

Os detalhes mais sangrentos de sua morte talvez sejam os mais conhecidos sobre o primeiro barão de Brooke nos dias atuais. Possivelmente resultante de uma campanha para trazer mais visitantes ao Castelo de Warwick nos anos de 1960, a história da presença do fantasma de Fulke Greville no castelo figura em diversos produtos culturais sobre mistério e crime, aparecendo na televisão, em podcasts e diversos sites². A celebração da relação entre o

¹ GOUWS, John S. Greville, Fulke, first Baron Brooke of Beauchamps Court (1554–1628), courtier and author. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-11516>> Acesso em 02 jan 2021.

² Ver em: PODCASTLES. **Podcastles Episode 1- Warwick Castle**. Disponível em <<https://www.podcastles.co.uk/post/podcastles-warwick-castle>> Acesso em 31/12/20; Our Warwickshire. **The story of Fulke Greville's ghost**. Disponível em <<https://www.ourwarwickshire.org.uk/content/article/story-fulke-grevilles-ghost>> Acesso em 31/12/20; Our Warwickshire. **A murder, and the search for Fulke Greville's ghost**. Disponível em <<https://www.ourwarwickshire.org.uk/content/article/murder-search-fulke-grevilles-ghost>> Acesso em 31/12/20; Horror Made: A Spooky home for art and story. **A Haunted Castle entrenched in a rich history**. Disponível em <<https://horormade.com/2015/10/14/a-haunted-castle-entrenched-in-a-rich-history/>> Acesso em 31/12/20; England Reborn, **The most haunted places in England**. Disponível em <<https://www.englandreborn.com/blog/2019/10/23/haunted-places-in-england/>> Acesso em 31/12/20; WarwickFineArt, **Sir Fulke Greville (1554-1628), Lord Brooke**: Podcast. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=X8-BQ3Hi1ds>> Acesso em 31/12/20;

castelo e o cortesão continua sendo explorada, por exemplo com “The Fulke Greville Festival” (FulkeFest2018), em Warwickshire, realizado em setembro de 2018, comemorando os 390 anos de sua morte³.

Outra entre suas aparições na mídia na última década foi sobre a teoria de Fulke Greville ser a verdadeira identidade de William Shakespeare. A conjectura, que teria se originado com o livro “The Master of Shakespeare” publicado 2007 por A. W. L. Saunders⁴, relaciona a autoria da peça Antonio e Cleopatra a Greville. Jornais reportaram a análise dos conteúdos no interior da tumba de Fulke Greville, localizada na Collegiate Church of St Mary. A varredura por radar realizada pelo Professor Warwick Rodwell, arqueólogo consultante para Westminster Abbey, teria revelado duas caixas que possivelmente conteriam manuscritos inéditos como a referida peça, uma biografia de Jaime I e itens relacionados a Sir Philip Sidney e o *Life*. A descoberta e busca foram encabeçadas pelo pesquisador James Stevens Curl, Professor da Cambridge University. Os referidos artigos jornalísticos, que comparam a história a trama de “O Código Da Vinci” de Dan Brown, descrevem o cortesão como “a judge, a rear admiral in the Navy, an Army captain, an 'intelligencer' who travelled all over Europe recruiting spies for the Crown” e o relacionam com a maçonaria⁵. Uma “criptoanálise” por William J. Briere, especialista americano em decifração de códigos, da inscrição do monumento de Greville “FULKE GREVILL, SERVANT TO QUEENE ELIZABETH, CONCELLOR TO KING JAMES AND FRIEND TO SIR PHILLIP SIDNEY. TROPHAEUM PECCATI” teria revelado a frase “CONCEALED (IN THIS) MONUMENT

³ Twitter. @FulkeFest2018. **Fulke Greville Festival**. Disponível em: <<https://twitter.com/fulkefest2018?lang=en>> Acesso em 31/12/20; The Courier. **Festival celebrating life of previous Warwick Castle owner taking place this weekend**. Disponível em: <<https://www.warwickcourier.co.uk/news/festival-celebrating-life-previous-warwick-castle-owner-taking-place-weekend-574320>> Acesso em 31/12/20.

⁴ SAUNDERS, A. W. L. **The master of Shakespeare**. Tortola: MOS Publishing, 2007.

⁵ “There is also a strong body of evidence to suggest that Fulke was a leading Rosicrucian - a member of an esoteric society of mystics whose symbol is a cross of roses. Many tens of thousands of Masons hold the sincere belief that Fulke was the first Grand Master of the Rosicrucian order” Daily Mail. PRICE, RICHARD. **A murdered spy and coded messages from beyond the grave... Will opening this tomb prove Shakespeare didn't write his plays?** Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-1250068/A-murdered-spy-coded-messages-grave--Will-opening-tomb-prove-Shakespeare-didnt-write-plays.html>> Acesso em 31/12/20.

(IS THE) SIN (OF THE) KING”, a qual foi vista como indicativa da presença da biografia manuscrita inédita de Jaime I⁶.

Apesar de todas as conjecturas, o personagem de Fulke Greville permanece relativamente desconhecido para a academia e público brasileiros. Nascido em 1554 em Warwickshire, Greville serviu, em seus mais de 70 anos, a três reis: Carlos I, Jaime I e Elizabeth I. Relacionado à nobreza titulada, filho de Sir Fulke Greville, procurou ao longo de sua vida reaver o título barão Willoughby de Broke. Sua carreira política, relativamente próspera, contou com cargos na marinha, na Câmara dos Comuns do Parlamento e no tesouro real, como o de *Treasurer of the Navy* e *Chancellor of the Exchequer*. Autor de diversos poemas, tratados e peças, os mais conhecidos sendo “Alaham”, “Mustapha” e os “Tratados da Monarquia e da Religião”, a figura de Greville esteve ligada a círculos literários e de patronagem. O estudo sobre o autor ganhou mais fôlego após a compra de seus manuscritos de pela British Library em 1968, suas duas biografias contemporâneas sendo lançadas em seguida por Joan Rees e Ronald Rebholz em 1971⁷.

Seu amigo de escola e parente distante, o mais conhecido Sir Philip Sidney, personagem central em seu texto, era membro de uma importante família nobre, irmão do primeiro Conde de Leicester e neto por parte materna do Duque de Northumberland. Renomado cortesão elisabetano, ganhou notoriedade após sua morte prematura (embora não tenha inspirado lendas de fantasmas) aos 31 anos de idade na Batalha de Zutphen, nos Países

⁶ Disponível em: The Telegraph. HARRISON, David. **Tomb search could end riddle of Shakespeare's true identity**. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/culture/culturenews/5995083/Tomb-search-could-end-riddle-of-Shakespeares-true-identity.html>> Acesso em 31/12/20; Shakespeare Oxford Fellowship. TELL, Linda. **Charlton speculates on Greville monument connections to Oxford**. Disponível em: <<https://shakespeareoxfordfellowship.org/charlton-speculates-on-greville-monument-connections-to-oxford/>> Acesso em 31/12/20; Daily Mail. PRICE, RICHARD. **A murdered spy and coded messages from beyond the grave... Will opening this tomb prove Shakespeare didn't write his plays?** Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-1250068/A-murdered-spy-coded-messages-grave--Will-opening-tomb-prove-Shakespeare-didnt-write-plays.html>> Acesso em 31/12/20; Coventry Telegraph Live. **William Shakespeare mystery: Is this the real face of the Bard of Avon?** Disponível em: <<https://www.coventrytelegraph.net/news/local-news/william-shakespeare-mystery-real-face-9779445>> Acesso em 31/12/20.

⁷ Ver: REES, Joan. **Fulke Greville, Lord Brooke, 1554-1628: a critical biography**. Berkeley: University Of California Press, 1971; REBHOLZ, R. A. **The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971.

Baixos (1586). Escritor de peças e poesias, cuja obra mais conhecida foi “Arcadia”, Sidney foi objeto de extensivo estudo acadêmico, principalmente na área de estudos literários⁸.

Existe um importante debate a respeito do propósito e do conteúdo da obra de Greville, bem como seu leitor pretendido. Devido às tensas relações com Robert Cecil, conde de Salisbury, Greville teria se retirado da vida política. Após a morte de Cecil em 1612, Greville assume, em 1614, o cargo de *Chancellor of the Exchequer*. Gouws argumenta que quando Greville iniciou a escrita da obra, tinha como objetivo fazer uma dedicatória de seus poemas filosóficos à memória de seu falecido amigo Sir Philip. Entretanto, quando seu outro projeto de narrar a vida de Elizabeth foi inviabilizado por Cecil - ao impossibilitar o acesso de Greville aos arquivos reais - este decidiu adicionar a história da rainha ao ainda incompleto “Dedication”. O pesquisador afirma que o resultado de tal trabalho híbrido pode ter levado ao seu abandono em 1612, sofrendo revisões até 1614⁹.

Blair Worden sugere que Greville estaria a escrever esta obra especialmente para o príncipe Henry, filho de Jaime I, que veio a falecer em 1612, resultando então no abandono do projeto¹⁰. Já Rigali afirma que isso ilustraria o quão perigosa era a atualidade do texto ao conter críticas veladas a algumas das políticas mais controversas de Jaime I. O perigo se encontraria em Greville supostamente utilizar-se da história para fazer juízo de seu presente. Suas palavras seriam como conselhos sobre a melhor forma de governar, buscando persuadir o príncipe a tomar uma direção diferente do pai ao assumir o trono. Rigali apresenta uma outra possível interpretação a respeito da intencionalidade da obra: esta se daria então como uma introdução para um patrono em particular de um compilado dos manuscritos de

⁸ Incontáveis obras que estudam mais profundamente Sidney e seus trabalhos foram publicadas. Algumas das mais expressivas são: WOODCOCK, M. **Sir Philip Sidney and the Sidney Circle**. Writers and Their Work. Tavistock: Northcote House, 2010; ALEXANDER, Gavin. **Writing After Sidney**: the literary response to Sir Philip Sidney 1586–1640. Oxford: Oxford University Press, 2006; DUNCAN-JONES, Katherine. **Sir Philip Sidney: Courtier Poet**. New Haven: Yale University Press, 1991; WOU DHUYSEN, H. R., **Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts**, 1558-1640. Oxford: Clarendon Press, 1996; REES, Joan. **Sir Philip Sidney and Arcadia**. Rutherford: Fairleigh Dickinson University Press, 1991; WALLER, G. F.; MOORE, Michael D.. **Sir Philip Sidney and the Interpretation of Renaissance Culture**: The Poet in His Time and in Ours: A Collection of Critical and Scholarly Essays: Mostly Papers Presented to the International Conference "Sir Philip Sidney in His History and Ours", Held at Wilfrid Laurier University, Waterloo, Canada, in October 1982. London: Croom Helm, 1984; WORDEN, Blair. **The Sound of Virtue**: Philip Sidney's Arcadia and Elizabethan Politics. New Haven: Yale Univ. Press, 1996.

⁹ GOUWS, J. S. Early Readers of Fulke Greville, The Life of the Renowned Sir Philip Sidney (1652). **Notes And Queries**, [S.L.], v. 62, n. 4, p. 595-597, dez. 2015. Oxford University Press, p. 595.

¹⁰ WORDEN, Blair. Friend to Sir Philip Sidney: review of the prose works of Fulke greville, Lord Brooke, edited by John Gouws. **London Review Of Books**, [s. l], v. 8, n. 12, p. 19-22, 3 jul. 1986.

“Alaham”, “Mustapha” e do “Treatise of Monarchy”¹¹.

O texto de Fulke Greville provavelmente foi escrito entre os anos de 1610 e 1614¹². Embora tenham sobrevivido cinco versões manuscritas, um dos primeiros registros que marca a ampliação do espaço de circulação do texto data de 1651¹³, quando o livreiro Henry Seile registrou a obra, sob o título de “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney (...)”¹⁴, na Stationers’ Company – corporação de ofício que regulamentava o mercado do livreiro no período.

A obra¹⁵ é constituída a partir de um conjunto de textos cujos temas centrais versam sobre a história da vida de Sir Philip Sidney, uma história do reinado de Elizabeth e uma introdução a alguns textos de Greville. Com dezoito capítulos, o conteúdo de *Life* pode ser organizado em três grandes grupos: treze capítulos que contam a vida de Sir Sidney; três grandes capítulos sobre o reinado da rainha Elizabeth; e dois capítulos nos quais Greville aborda outras obras de sua autoria, como sua poesia, seus tratados e suas peças.

¹¹ RIGALI, Amanda. **The plays of Fulke Greville in context**. 2000. 208 f. Tese (Doutorado) - King's College London, Londres, 2000, p. 144-5.

¹² WILKES, G. A.. The Sequence of the Writings of Fulke Greville, Lord Brooke. **Studies In Philology**, Chapel Hill, v. 56, n. 3, p. 489-503, jul. 1959, p. 498.

¹³ Embora o registro da obra na Stationers’ Company tenha sido realizado em 1651, a data da publicação impressa na obra é de 1652.

¹⁴ GOUWS, J.. Post-dated Early Modern English Printed Books, Fulke Greville, and Bibliographical Stability. **Notes And Queries**, [S.L.], v. 61, n. 3, p. 371-373, 1 ago. 2014. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/notesj/gju091>, p. 372.

¹⁵ Tomamos por base, especificamente para esta parte introdutória da dissertação, a versão impressa de 1651. Nossa escolha se faz por motivos organizacionais e por ser o texto-base da maior parte da bibliografia, além de discutirmos mais em detalhe no capítulo 2 a organização e conteúdo das versões manuscritas. No decorrer da dissertação, buscamos repensar essa noção e pensar, a partir de seus suportes materiais, as diferentes versões do texto de forma mais autônoma. Utilizamos ao longo da dissertação, por questões práticas, o termo *Life* para se referir a “totalidade”, uma abstração generalizada e idealizada do coletivo das versões e fora de uma materialidade, do texto de Greville, independente de ser manuscrito ou impresso.

CAPÍTULO	CONTEÚDO
I	Introdução - discussão do conteúdo político de <i>Arcadia</i>
II-III	As opiniões de homens que admiravam Sidney
IV-VII	Ações de Sidney na Inglaterra
VIII	Concelho de Sidney para Elizabeth - o Mapa da Europa
IX-X	O problema da Espanha - Os planos de Sidney para a viagem à América
XI-XIII	Sidney se torna governado de Flushing - sua morte em Zutphen
XIV	As obras e a vida de Greville - os tratados e as tragédias
XV-XVII	A vida e o governo de Elizabeth
XVIII	Discussão/Defesa das tragédias <i>Alaham</i> e <i>Mustapha</i>

Adaptado de Rigali, 2001, p. 18.

Tabela 1 Capítulos de *Life*

Buscamos, a seguir, relatar brevemente o conteúdo dos capítulos da obra. Nossa escolha de descrição por capítulo se dá pelo fato de que algumas versões manuscritas possuem menos capítulos ou parte destes se encontrarem em ordem variada. Logo, faremos isso facilitando o posterior entendimento das alterações e dos efeitos que a supressão ou adição de conteúdos podem ter em possíveis leitores e suas percepções da obra como um todo.

A versão impressa possui 247 páginas de texto. Nos treze primeiros capítulos (até a página 167), está localizada a narrativa sobre Sidney. Grande parte da obra é contada de forma a mostrar Greville como um espectador, privilegiado e presente, dos acontecimentos. Greville inicia seu texto nos descrevendo suas intenções narrativas, partindo da infância com Sidney e da relação entre os dois. O cortesão analisa a mais conhecida obra de Sidney, “*Arcadia*”. Nos capítulos dois e três, são apresentados testemunhos do caráter de Sir Philip Sidney: pelo príncipe de Orange, conde de Leicester e Sir Francis Walsingham. Temos a opinião de Sidney sobre a religião, de lealdade à reforma. O texto contrasta as diferenças entre Sir Philip Sidney e um homem comum.

É contado, no quarto capítulo, como Sidney era respeitado, apesar de não ter ocupado cargos importantes. A seguir, é narrada a visita de Sidney (como embaixador da rainha Elizabeth) e Greville ao imperador Rudolf, na busca por uma união com os príncipes germânicos, contra a Espanha e Roma. Há um destaque das relações diplomáticas, principalmente a intenção de formar alianças contra o poder espanhol e papal. No quinto

capítulo, temos a opinião de Sidney a respeito de um possível casamento entre a rainha Elizabeth e o duque de Anjou, abordando questões como a união da rainha Maria com Felipe II da Espanha e listando dez razões contrárias a esse acordo matrimonial. Tal casamento poderia levar a mudanças na Igreja e na Inglaterra: os ministros, a “mentalidade do povo”, questões de idolatria, leis no parlamento, tirania, censura e absolutismo. Ao final, são listadas razões pelas quais esse acordo seria mais vantajoso para a França do que para a Inglaterra.

O capítulo sete narra a forma como Sidney expressou sua opinião sobre o casamento diretamente à rainha, resultando em sua saída da corte. Descreve-se a tentativa de Greville e Sir Philip em participar de uma viagem de exploração com Sir Francis Drake, impedida pela rainha. Sidney passa a trabalhar para seu tio, o conde de Leicester nos Países Baixos. No oitavo capítulo, temos a opinião de Sidney sobre o estado da política europeia: um resumido panorama de diversos locais como a Inglaterra, a França, as Cidades Hanseáticas, Polônia, Dinamarca, Suécia, Suíça, Estados Italianos, Turquia, Espanha e Holanda.

No capítulo nove são narradas sugestões de Sir Philip Sidney para medidas contra a Espanha. Descreve-se a captura de uma cidade francesa e a possível aliança entre a Inglaterra e os príncipes germânicos. A partir da ideia da aliança, o autor conjectura que tanto os Estados Italianos quanto o próprio papado apoiariam uma ocupação inglesa da Sicília. O texto demonstra como, com base no entendimento da rainha sobre os desejos espanhóis e do fracasso da aliança europeia, deveria se seguir com o ataque de Drake às Índias Ocidentais. O capítulo dez elenca razões para atacar as Índias Ocidentais, refletindo sobre a melhor maneira realizá-la, procurando mostrar porque Sidney teria embarcado na empreitada.

A ida de Sidney aos Países Baixos como Governador de Flushing é narrada no décimo primeiro capítulo. Sir Philip aparece como central para impedir a disputa entre Leicester e Hollock. Já o capítulo doze apresenta a batalha de Zutphen como local onde Sidney é ferido e o agravamento de seu estado de saúde. O décimo terceiro é o último capítulo do texto que aborda diretamente a história de Sir Philip Sidney. Ele inicia narrando os últimos momentos de vida de Sidney, afirmando o futuro promissor que ele poderia ter tido. Ao final, são escritas algumas reflexões sobre as relações da Inglaterra com os Países Baixos.

A segunda temática abordada por Greville diz respeito a seus comentários sobre outros textos de sua autoria. Tanto o capítulo quatorze quanto o dezoito são dedicados a essas discussões e se destacam por se diferenciarem dos outros capítulos. No capítulo quatorze,

Greville aborda como veio a escrever poesia. Comenta-se sobre alguns de seus textos, fazendo esclarecimentos e contando um pouco sobre o momento em que foram escritos, em especial seus tratados. Já o último capítulo debate suas tragédias, abordando seus objetivos, argumentos e estilo.

Os capítulos quinze, dezesseis e dezessete são dedicados ao reinado de Elizabeth. Essas quase 60 páginas se diferenciam tanto dos capítulos de Sidney quanto dos capítulos sobre sua escrita. Percebemos uma preocupação com políticas e com o cenário internacional (também presentes na parte sobre Sidney), e uma ênfase em aspectos econômicos. Vale lembrar que Greville ocupou cargos como *Treasurer of the Navy* (1598) e *Chancellor of the Exchequer* (1614).

O décimo quinto capítulo fala sobre as políticas religiosas da rainha Elizabeth e suas relações com o restante da Europa. Comenta-se sobre as políticas da rainha a respeito da prerrogativa real e de “favoritos” reais, um importante e relevante tema para o reinado de Jaime I. Um dos maiores e mais densos de sua obra, o capítulo 16, contém a análise panorâmica de “modos de governar” praticados durante o reinado de Elizabeth: o clero, o parlamento, o conselho privado, os nobres, a yeomanry, o uso da monarquia, as taxas e impostos, a marinha, as expedições, os mercadores, as universidades. O capítulo dezessete aborda dois pontos: a política elisabetana em relação à Espanha e o motivo que levou Greville a escrever sobre a rainha desta forma e não através de uma publicação regular de uma “História do reinado da rainha Elizabeth”.

Estudos sobre Greville e Life

Apontamos a seguir algumas das linhas e discussões mais expressivas a respeito de Greville e seu texto. Vale ressaltar que grande parte delas se concentra no campo da literatura e foi realizada a mais de quinze anos. Algumas das temáticas mais aprofundadas sobre autor e obra são o estudo de seu pensamento político, religioso e histórico. Percebemos que o autor

foi muitas vezes apontado por uma suposta aproximação a um maquiavelismo e calvinismo¹⁶.

P. C. Herman, em seu artigo “Bastard Children of Tyranny”: the Ancient Constitution and Fulke Greville’s “a Dedication to Sir Philip Sidney” (2002), enfatiza os três tempos da obra: o tempo da história narrada por Greville; o momento em que a obra foi escrita; e o presente da publicação da obra. O autor argumenta que as partes que abordam tanto o reinado de Elizabeth quanto o contexto de Essex não podem ser vistas como digressões da concepção original do texto de Greville. Para Herman, Greville formata sua narrativa sobre Sidney e Elizabeth partindo dos princípios da Antiga Constituição e contrastando-os com o absolutismo francês (principalmente no capítulo que aborda o possível casamento da rainha com o Duque de Anjou¹⁷), além de transformar a luta contra a Espanha, e o mundo Católico como um todo, em uma luta para proteger as liberdades inglesas contra a tirania que o absolutismo

¹⁶ Citamos, a seguir, alguns dos estudos mais expressivos sobre o autor: Farmer estuda a troca de cartas entre Greville e Sir John Coke, abordando a concepção de História de Greville e o seu interesse no ensino universitário, principalmente em Cambridge e Oxford. Farmer acredita que Greville se utiliza da figura de Sir Philip, que se tornara uma personificação da virtude pública e de serviço ao Estado, como veículo para a instrução moral e política. A narrativa que Greville escreve seria um lembrete de que os feitos de Sidney forneciam um guia para a vida, de um homem ideal. O autor mostra o então conceito de *Historia Magistra Vitae* na narrativa de Greville. FARMER, Norman. Fulke Greville and Sir John Coke: an exchange of letters on a history lecture and certain latin verses on Sir Philip Sidney. **Huntington Library Quarterly**, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 217-236, maio 1970; Christopher Hill, em sua obra *Intellectual Origins of the English Revolution* (1965), aborda a tentativa de Greville de fundar uma cadeira de História Civil em Oxford, suas relações com Camden e sua inserção no círculo de amigos de Leicester e Sidney. Trevor-Roper (1966) escreve uma resenha crítica à obra questionando a posição de Hill ao dizer que o objetivo das cadeiras de Greville e Camden em Oxford e Cambridge seria a promoção de uma história puritana; Gouws afirma que a parte da obra que aborda a história do reinado da rainha Elizabeth é constituída por uma transcrição de seções do texto de William Camden, de quem Greville era patrono, trazendo uma nova forma de “história civil”: “Na segunda parte do ‘Dedication’ Greville tenta escrever uma forma de nova história civil que estava sendo iniciada por seu amigo e cliente William Camden (...) Para seu material sobre a rainha ele simplesmente traduziu passagens em latim do manuscrito dos ‘Annals’ de Camden (publicado em 1625)” Trad. livre. “In the second part of the ‘Dedication’ Greville attempts to write a form of the new civil history that was being pioneered by his friend and client William Camden (...) For his material on the queen he simply translated passages from the Latin of Camden’s manuscript ‘Annals’ (published in 1625)”. GOUWS, John S. Greville, Fulke, first Baron Brooke of Beauchamps Court (1554–1628), courtier and author. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-11516>> Acesso em 02 jan 2021.; TREVOR-ROPER, H. R.; HILL, Christopher. *Intellectual Origins of the English Revolution*. **History And Theory**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 61-82, 1966; TREVOR-ROPER, H. R. Book Review: *Intellectual Origins of the English Revolution*. *History and Theory*. 5.1, 1966, 61-82; Mayer analisa a questão do poder político nas obras de Greville. Para o autor, Greville estava mais preocupado com os problemas de ordem prática do que a busca de uma esperança utópica, com tem uma visão de mundo negativa, de imperfeição e decadência, parcialmente inspirada pelo Calvinismo, que vê a política como um mal necessário. MAYER, Jean-Christophe. “Bothe Kinge, and People Seem’d Conjoyn’d in One” — Fulke Greville and the Question of Political Power. **Cahiers Élisabéthains: A Journal of English Renaissance Studies**, [S.L.], v. 60, n. 1, p. 43-52, out. 2001; Harris discute a influência do pensamento maquiaveliano nos escritos de Greville, considerando-o o mais “maquiavélico” do período elisabetano, interpretado a partir de uma base cristã e tradicional. HARRIS, P. H. Within Machiavellism. **Italica**. 25.1, 1948, p. 28-41; Drennan afirma que o maquiavelismo presente em Greville é repensados a partir da moral calvinista, analisando o *Tratado da Monarquia* e a peça *Mustapha* em comparação à trechos dos *Discorsi* e do *Príncipe*. DRENNAN, W. R.. **Fulke Greville and the myth of Machiavellism**. 1983. Tese (Doutorado) - Univ. Of South Florida, Ann Arbor, 1983.

¹⁷ GREVILLE, F. **Sir Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney: Etc.**, trad. Nowell C. Smith, Oxford: Clarendon Press, 1907, p. 50-1.

representava.

Herman traz uma importante questão: ao apontar a família que publicou o texto de Greville como regalista, o autor questiona o porquê de terem escolhido uma obra que a seu ver faz tantas críticas ao absolutismo e, mesmo que indiretamente, às políticas praticadas por Jaime I. A resposta do autor¹⁸ é que, durante os quase quarenta anos que separam o período em que a obra foi escrita e sua publicação, o cenário político se havia modificado de tal forma que o debate era outro: não estava mais em pauta o específico do absolutismo, mas, a partir da experiência republicana, a própria monarquia¹⁹. A família de Henry Seile e sua loja de livros, partindo do contexto do mercado livreiro de Londres e da discussão a respeito da produção regalista neste momento, são importantes temáticas que a pesquisa busca desenvolver ao longo da dissertação.

O texto de Greville conversa com seu leitor, se desculpando, explicando, esclarecendo. A forma como seu texto seria recebido futuramente parece ter sido um tópico importante para Greville. Gavin Alexander aprofunda o tema em seu artigo “Fulke Greville and the Afterlife”²⁰. Para o autor, o cortesão buscava em seus textos ser genérico e velado o suficiente para que futuros leitores o considerassem significativo e útil, facilitando resignificações futuras através da linguagem da “comparação obscura”. Por exemplo, “seu elogio a Elizabeth, ocultando críticas implícitas a Jaime, permite que um leitor posterior veja Carlos I ou Carlos II por trás do véu”²¹. Alexander aponta que ao longo de sua carreira e em seus textos, a partir de sua retórica, Greville trabalhava simultaneamente perspectiva e retrospectiva, planejando e racionalizando posteriormente, seu modelo de constante reinterpretação se estendendo para além do período de sua vida:

¹⁸ HERMAN, Peter C.. “Bastard Children of Tyranny”: the ancient constitution and Fulke Greville’s A Dedication to Sir Philip Sidney. *Renaissance Quarterly*, [S.L.], v. 55, n. 3, p. 969-1004, 2002. Cambridge University Press.

¹⁹ É importante frisar a mudança política e social que ocorreu nestes quarenta anos entre a produção da obra e a sua impressão: da monarquia passou-se para a instabilidade política da república logo antes do protetorado. O contexto da Revolução, amplamente estudado e debatido, é bem caracterizado pelas obras de Worden e Ostrensky. Ver em: WORDEN, B. *The English Civil Wars: 1640-1660*. London: Weidenfeld & Nicolson, 2009; OSTRENSKY, E. *As revoluções do poder*. São Paulo: Alameda, 2006; KEEBLE, N. H. (ed.) *The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDSON, R. C. *The Debate on the English Revolution*. New York: Palgrave, 1998.

²⁰ ALEXANDER, Gavin. Fulke Greville and the Afterlife. *Huntington Library Quarterly*, [S.L.], v. 62, n. 3/4, p. 203-231, jan. 1999.

²¹ Trad. livre. “his praise of Elizabeth, veiling implicit criticism of James, allows a later reader to see Charles I or Charles II behind the veil” ALEXANDER, Gavin. Fulke Greville and the Afterlife. *Huntington Library Quarterly*, [S.L.], v. 62, n. 3/4, p. 203-231, jan. 1999, p. 215.

Quando Greville morre, ele passa do tempo para a eternidade; e ele deixa suas obras onde elas pertencem - em um mundo que muda. Mas porque Greville está sempre olhando em direção a uma vida após a morte, as obras impressas postumamente - e os significados que elas continham - não deixam de ser expressões de sua intenção. Seus escritos requerem um leitor desconhecido para interpretá-los e considerá-los recalcitrantes²²

Majoritariamente, as pesquisas que se referem à figura de Fulke Greville e de seu texto foram realizadas por pesquisadores da área de Estudos Literários. Também não encontramos nenhuma pesquisa específica sobre Greville no país²³. Ao longo da dissertação, abordamos seu texto a partir de uma ênfase histórica, de modo a ampliar os estudos nacionais em relação ao autor. Nosso recorte é o da materialidade e circulação das diferentes versões da obra²⁴. Percebemos que grande parte da discussão bibliográfica se focou no pensamento político e religioso de Greville. Muito debatido, também, foi a presença de um maquiavelismo na obra do autor. Contribuímos ao pensar a hipótese de indissociabilidade entre os suportes materiais e o conteúdo da obra de Greville em seus diferentes contextos históricos.

Foram publicadas duas edições críticas do texto: de Joaquin C. Kuhn²⁵ (1973) e de John S. Gouws²⁶ (1976). A primeira tem como base uma das versões manuscritas enquanto a segunda utiliza-se principalmente da versão impressa. Grande parte da análise realizada por estes autores tem como objetivo traçar ou discutir proximidades das versões a um escrito

²² Trad. Livre. "When Greville dies he passes from time to eternity; and he leaves his works where they belong – in a world that changes. But because Greville is always looking toward an afterlife, the works as printed posthumously – and the meanings they were found to contain – do not cease to be expressions of his intention. His writings require an unknown reader both to interpret them and to find them recalcitrant" ALEXANDER, Gavin. Fulke Greville and the Afterlife. *Huntington Library Quarterly*, [S.L.], v. 62, n. 3/4, p. 203-231, jan. 1999, p. 226.

²³ Mencionamos a tese de doutorado de Fiorussi, como um dos poucos trabalhos que citam o autor no Brasil. FIORUSSI, Lavinia Silveiras. **No man is an island: John Donne e a poética da agudeza na Inglaterra no século XVII**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.8.2008.tde-30032009-161853. Acesso em: 2021-01-07.

²⁴ Ver em: BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002; DARNTON, Robert. O que é a história do livro? – Revisitado. *Artcultura*, v. 10, n. 16, 4 dez. 2008, p.155-159; CHARTIER, Roger. Materialidad del texto, textualidad del libro. *Orbis Tertius: Revista de Teoría y Crítica Literaria*, 11(12), 2006; GENETTE, G. **Paratextos Editoriais**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009; BARNARD, John; MCKENZIE, D. F. (ed.). **The Cambridge History of the Book in Britain**, Vol. IV: 1557 - 1695. Cambridge: Cambridge University Press, 2002; MILLSTONE, Noah. **Manuscript Circulation and the Invention of Politics in Early Stuart England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017; WOULDHUYSEN, H. R.. **Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts: 1558-1640**. Oxford: Calderon Press, 2003.

²⁵ KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973.

²⁶ GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976.

autoral ou original. Embora esta discussão tenha avançado dentro dos estudos bibliográficos nos últimos trinta anos, suas análises minuciosas sobre as versões mostram detalhadamente as diferenças entre elas, muitas vezes entrando em descrições técnicas a respeito destes suportes materiais, acompanhadas de imagens dos manuscritos e das marcas d'água. Na dissertação, utilizamos comparativamente as edições, partindo da perspectiva histórica e dos debates mais recentes sobre análise material.

Life em contexto

Ao discutirmos as versões do texto de Greville não podemos perder de vista uma importante característica do contexto histórico inglês do século XVII: aquela das muitas mudanças políticas e da série de eventos e conflitos que estão condensados no reinado de Carlos I e na república (e protetorado), principalmente entre as décadas de 1640 e 1650. A discussão historiográfica a respeito desses eventos e de suas causas é extensa²⁷. O nascimento de Greville (1554) e morte de Sidney (1586) se deram ainda no século XVI, evidenciando a longa vida do cortesão, que viveu sob três monarcas. No começo de século, temos a morte da rainha Elizabeth e a coroação de Jaime I, com todas as particularidades que acompanharam a ascensão do rei escocês ao trono inglês. A entronização de Jaime significou também a promoção social de Greville, primeiro como cavaleiro (1604) e depois como titulado (Barão de Brooke em 1621). Após retirar-se da corte e a provável escrita de *Life* (até 1614), temos seu retorno à vida política e a obtenção de cargos (participação no *privy council* e como *Chancellor of the Exchequer*), sua aproximação com Buckingham e com o *Spanish Match*²⁸.

²⁷ Discussão essa que abarca todo o século XVII, central para a argumentação de autores clássicos como Hill, Stone, Trevor-Roper, mas também e principalmente uma revisão mais recente da historiografia mais recente do período. Ver em: KEEBLE, N. H. (ed.) **The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDSON, R. C. **The Debate on the English Revolution**. New York: Palgrave, 1998; WORDEN, B. **The English Civil Wars: 1640-1660**. London: Weidenfeld & Nicolson, 2009; AYLMER, Gerald. **Rebellion or Revolution? England 1640-1660**. Oxford: Oxford University Press, 1986; CARLTON, Charles. **Going to the Wars: the experience of the British Civil Wars, 1638-1651**. London: Routledge, 1992; GAUNT, Peter (ed.). **The English Civil War. The essential readings**. Oxford: Blackwell, 2000; HIRST, Derek. **England in Conflict, 1603-1660**. Kingdom, Community, Commonwealth. London: Arnold, 1999.

²⁸ Como ficou conhecida a proposta de casamento entre Carlos, filho de Jaime I e a infanta Maria Ana, filha mais nova de Felipe III da Espanha, negociados entre os anos de 1614 e 1623, a qual levou a uma tensão entre determinados membros da Câmara dos Comuns. Ver mais em: Samson, A. (ed.). **The Spanish Match: Prince Charles's Journey to Madrid, 1623**. Londres: Routledge, 2006.

A morte de Jaime I e a coroação de Carlos I acontecem em 1625. Greville vem a falecer apenas três anos depois, no mesmo ano do assassinato de Buckingham (1628). A dissolução do parlamento ocorre no ano seguinte, dando início ao período de 11 anos que ficou conhecido como *Personal Rule*²⁹. A década de 1630 é marcada pelos conflitos políticos-religiosos que desembocaram nas guerras civis (conhecidas como Revolução Inglesa³⁰), como a questão do recolhimento de impostos e o conflito com os escoceses. O ano de 1633 marca a ascensão de Laud como arcebispo e a publicação “*Certaine elegant vvorkes*” (coleção de peças, tratados e poemas) de Greville por Henry Seile. Em 1639, inicia a primeira Guerra dos

²⁹ O período de 11 anos em que Carlos I ficou sem convocar o parlamento, sob a Prerrogativa Real, entre 1629 e 1640. O Parlamento Curto foi chamado no início de 1640. Ver mais em: SHARPE, Kevin. **The Personal Rule of Charles I**. New Haven: Yale University Press, 1992.

³⁰ É notório o debate historiográfico entre as diferentes linhas de interpretação dos eventos e conflitos na Inglaterra entre os anos de 1640 e 1680. O termo “revolução” foi muito discutido e questionado o seu uso para designar esses eventos. A discussão entre as interpretações whig, marxista, revisionista e pós-revisionista são muito extensas. A partir das interpretações revisionistas é possível traçar, de forma geral, algumas das correntes interpretativas: a que via esse período como parte de um processo mais amplo, culminando em revolução, e com implicações maiores e mais profundas; uma interpretação que via os eventos como parte de um processo maior, uma crise geral do século XVII; outra, mais conservadora, via os acontecimentos como sendo mais pontuais, concebendo, de certa forma, a Guerra Civil e a República como um ponto fora da reta, a partir de causas mais imediatistas, e que acabaram por culminar em processos os quais já estavam em andamento, questionando se a revolução seria uma invenção historiográfica. STONE, Lawrence. **Causas da Revolução Inglesa: 1529-1642**. Bauru: Edusc, 2000, p. 99-100. Ver em: ARRUDA, José Jobson de Andrade. Perspectivas da Revolução Inglesa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 121-131, set. 1983; ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A grande Revolução Inglesa, 1640-1780: revolução inglesa e revolução industrial na construção da sociedade moderna**. São Paulo: Universidade do São Paulo, 1996. (Série teses); FLORENZANO, M.. Olhando para os dois lados do Canal da Mancha: polêmicas e revisionismo na historiografia da Revolução Inglesa. **Projeto História** (PUCSP), v. 30, p. 127-136, 2005; HILL, Christopher. Uma Revolução Burguesa? **Revista Brasileira de História**, v. 4, n. 7, p. 7-32, 1984; HILL, Christopher. **The Experience of Defeat: Milton and some contemporaries**. New York: Penguin, 1985; HILL, Christopher. **O Século das Revoluções, 1603-1714**. São Paulo: Unesp, 2012; HILL, Christopher. **O Mundo de Ponta-Cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; TREVOR-ROPER, H. R. **Religião, Reforma e transformação social**. Lisboa: Editorial Prensa/Martin Fontes, 1972; STONE, Lawrence. **The Crisis of the Aristocracy, 1558-1641**. Oxford: Clarendon Press, 1965; STONE, Lawrence. **Causas da Revolução Inglesa: 1529-1642**. Bauru: Edusc, 2000; HEXTER, J. H.. The English Aristocracy, Its Crises, and the English Revolution, 1558-1660. **Journal Of British Studies**, Cambridge University Press, v. 8, n. 1, p. 22-78, nov. 1968; ELEY, Geoff; HUNT, William. **Reviving the English Revolution: reflections and elaborations on the work of Christopher Hill**. Londres: Verso, 1988; BURGESS, Glenn. “On Revisionism: An Analysis of Early Stuart Historiography in the 1970s and 1980s.” **The Historical Journal**, vol. 33, no. 3, 1990, p. 609–627; HARRIS, Tim. Revisiting the Causes of English Civil War. **Huntington Library Quarterly**. Vol.78, No.4, 2015, p.615-635; MORRILL, John. “Revisionism's Wounded Legacies.” **Huntington Library Quarterly**, vol. 78, no. 4, 2015, p. 577–594.

Bispos³¹. Os Parlamentos Curto e Longo³² são chamados em 1640, quando Laud é acusado de traição e aprisionado. A rebelião na Irlanda³³ acontece em 1641 e já no ano seguinte os conflitos entre o parlamento e Carlos I resultam no início da primeira guerra civil: “Dezoito anos se passariam até que o rei e o Parlamento voltarem a se entender”³⁴. As derrotas ao longo dos anos sucessivos levam a rendição de Carlos I em 1646 e sua captura pelo exército parlamentarista em 1647. A segunda guerra civil estoura em 1648, mesmo ano do *Pride's Purge*³⁵, da prisão de parlamentares moderados. Agora com o conhecido Parlamento

³¹ Como ficou conhecido o conflito com a Escócia, em torno da tentativa de imposição do anglicanismo, entre 1639 e 1640. Iniciado com a introdução de uma versão modificada do *English Prayer Book* (1637) na Escócia, que levou a abolição da episcopado pelos *Covenanters*. O conflito impactou o início da guerra civil, dada a necessidade de Carlos I em chamar o Parlamento para votação de fundos. *Bishops' wars*. **Oxford Reference**. [S. l.], [s.d.]. DOI: [10.1093/oi/authority.20110803095508681](https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095508681). Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095508681>> Acesso em 02/01/21. Ver mais em: FISSEL, Mark Charles. *The Bishops' Wars: Charles I's Campaigns against Scotland, 1638-1640*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

³² O parlamento foi chamado foi Carlos I pela primeira vez em 11 anos, durando apenas três semanas, entre abril e maio de 1640, motivo pelo qual ficou conhecido como Parlamento Curto. O principal motivo pelo chamado foi a Guerra dos Bispos, para a votação de fundos para vencer o conflito. A preocupação da Câmara dos Comuns com o crescimento do arminianismo e discussões sobre taxaço, como o *ship money*, teriam motivado a sua interrupção por Carlos I. O monarca foi obrigado a chamar o parlamento mais uma vez em setembro mesmo ano após uma nova derrota e devido a falta de fundos, convocado para novembro de 1640 e dissolvido apenas em 1660. O Parlamento Longo assim foi nomeado por sua duração, já que foi estipulado que só poderia ser dissolvido em acordo com seus membros. A oposição era liderada por John Pym, e resultou na prisão do conde de Strafford e do arcebispo William Laud. *Short parliament*. **Oxford Reference**. [S. l.], [s.d.]. DOI: [10.1093/oi/authority.20110803100503251](https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100503251). Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100503251>> Acesso em 02/01/21; *Long parliament*. **Oxford Reference**. [S. l.], [s.d.]. DOI: [10.1093/oi/authority.20110803100114127](https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100114127). Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100114127>> Acesso em 02/01/21; SMITH, David L. *The Stuart Parliaments 1603-1689*. London: Bloomsbury Academic, 1999. DOI: [10.5040/9781474210256](https://doi.org/10.5040/9781474210256). Disponível em: <<http://www.bloomsburycollections.com/book/>> Acesso em: 5 mar. 2015.

³³ Conhecida como Rebelião de 1641, foi uma revolta de católicos irlandeses contra a discriminação anti-católica, as *Plantations* e em oposição a uma possível invasão de *Covenanters* escoceses e parlamentares ingleses anti-católicos. O conflito durou até 1642 e influenciou o início da primeira guerra civil inglesa. Ver mais em: LENIHAN, Pádraig. *Confederate Catholics at War, 1641-49*. Cork: Cork University Press for the Irish Committee for Historical Sciences, 2000.

³⁴ OSTRENSKY, Eunice. *As revoluções do poder*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 23.

³⁵ No rescaldo da guerra civil, sob liderança do Coronel Thomas Pride, mais de 100 parlamentares a favor de um acordo com Carlos I foram impedidos de entrar na Câmara dos Comuns, considerados contrários as posições defendidas pelo *New Model Army*. *Pride's Purge*. **Oxford Reference**. Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110810105643768>> Acesso em 02/01/21. Ver mais em: GENTLES, Ian J. Pride, Thomas, appointed Lord Pride under the protectorate (d. 1658), parliamentarian army officer and regicide. **Oxford Dictionary of National Biography**. [S. l.], 2015. DOI: [10.1093/ref:odnb/22781](https://doi.org/10.1093/ref:odnb/22781). Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-22781>> Acesso em 02/01/21.

Remanente³⁶, o rei é julgado e executado em 1649. A república é declarada, extinguindo a Câmara dos Lordes e a monarquia.

No final da década de 1640 e início da década de 1650, a Commonwealth entra em conflitos com a Irlanda, Escócia e Países Baixos. Em 1651, Carlos II é coroado rei da Escócia e derrotado nas batalhas de Dunbar e Worcester, o obrigando a partir para a França. É no final daquele ano que se verifica a impressão de *Life* pelos Seile. Nedham publica sobre *Life* no início de 1652, ano em que começa a primeira Guerra anglo-neerlandesa³⁷. No ano seguinte, temos a expulsão do Parlamento Remanente e instituição de Cromwell como *Lord Protector* até sua morte cinco anos depois, quando Richard Cromwell assume o cargo. 1659 marca o fim do protetorado com a resignação de Richard Cromwell, a chamada do Parlamento Remanente e a marcha George Monck em Londres³⁸. A nova década marca o restabelecimento da monarquia, a volta do Parlamento Longo e o julgamento e execução dos regicidas. A segunda Guerra Anglo-Holandesa ocorre entre 1665 e 1667, seguida pela Tríplice Aliança³⁹ em 1668, ano em que Samuel Pepys⁴⁰ escreve em seu diário sobre a leitura do impresso *Life*.

³⁶ Como ficou conhecido, *Rump Parliament*, após a remoção dos MPs pelo *Pride's Purge*. Votou pelo julgamento e execução do rei em janeiro de 1649, pela abolição da Câmara dos Lordes e da monarquia, declarando a Inglaterra como *Commonwealth*. Permaneceu até 1643, quando foi expulso por Cromwell, sendo convocado novamente apenas em 1649 com o fim do Protetorado. Rump parliament. **Oxford Reference**. [S. l.], [s.d.]. DOI: 10.1093/oi/authority.20110803100433198. Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100433198>> Acesso em 02/01/21. Ver mais em: WORDEN, Blair. **The Rump Parliament 1648-53**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

³⁷ As guerras entre a Holanda e a Inglaterra no século XVII e XVIII tiveram origem principalmente do conflito comercial e marítimo. A superioridade de sua marinha permitia a Inglaterra a desafiar a primazia holandesa no mercado mundial, tornando necessário para a república holandesa neutralizar a ameaça a seu transporte e comércio para manter suas redes globais de comércio. SICKING, Louis. Anglo Dutch Wars (1652-1654, 1665-1667, 1672-1674, 1780-1784). In: GORDON, Martel (ed.). **The Encyclopedia of War**. Oxford: Wiley, 2011, p. 79-89.

³⁸ Henry Seile publica em 1660 um panfleto sobre o ocorrido: ANON. A declaration of the knights and gentlemen of the county of Cornwall, which did adhere to the late King; as it was addressed unto his Excellence, the Lord General Monck, by the hands of John Trelawny Esq. London: printed for Henry Seile, over against St. Dunstons church in Fleetstreet, May 11th 1660. Ver mais em: SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. John Rogers, William Prynne e a Good Old Cause. **Revista Hydra**: Revista Discente de História da UNIFESP, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 98-117, 25 mar. 2019. Universidade Federal de São Paulo.

³⁹ Com a Guerra de Devolução entre a Espanha e a França, Holanda, Suécia e a Inglaterra entram em acordo em 1668, conhecido como Tríplice Aliança, se protegendo dos franceses e buscando mediar os conflitos entre franceses, espanhóis e portugueses. SICKING, Louis. Anglo Dutch Wars (1652-1654, 1665-1667, 1672-1674, 1780-1784). In: GORDON, Martel. *Op. cit.*, p. 79-89; ROWEN, Herbert H.. John de Witt and the Triple Alliance. **The Journal Of Modern History**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 1-14, mar. 1954.

⁴⁰ Oficial naval inglês que escreveu diversos diários entre 1660 e 1669. Ver os diários de Pepys disponíveis online. The Diary of Samuel Pepys. Disponível em: <<https://www.pepysdiary.com/diary/1668/01/01/>> Acesso em 5 out 2017.

Fig. 1 Os manuscritos e o impresso em contexto

Nossa pesquisa interage diretamente com os regalistas, seja por conta do livreiro que publicou o impresso ou por conta daqueles que possuíam os manuscritos no período. Como aponta McElligott, o estudo do regalismo não foi preferido ou mais popular entre os historiadores da Revolução Inglesa, parlamentaristas e radicais recebendo maior atenção. Para o autor, essa “negligência” seria infeliz pois impede um maior entendimento das características e dinâmicas dos conflitos no período. A razão de menor interesse muitas vezes seria devido a uma visão limitada do grupo, ao ponto em que deu-se muita ênfase à experiência de líderes (membros da família real, nobres e clérigos) e à preocupação de entender facções internas à elite regalista. Relativamente pouco se estudou sobre as outras esferas e personagens apoiadores do rei, como as mulheres⁴¹.

McElligott também critica a pouca figuração de uma história cultural regalista para além de uma cultura e entretenimento das elites. “Um estudo do regalismo abaixo do nível da elite, tampouco uma história social de lealismo, nunca foi tentado porque muitos estudiosos da área compartilham o ceticismo de Gerald Aylmer quanto à validade da pesquisa sobre regalismo entre grupos sociais mais baixos”⁴². A pesquisa existente se concentra no estudo de determinados trabalhos da literatura regalista, como o “Eikon Basilike” e autores canônicos ligados à corte, impossibilitando generalizações sobre a natureza do fenômeno. Nossa pesquisa procura contribuir para avançar o entendimento sobre os regalistas, partindo da perspectiva da história cultural e de atores menores (como o livreiro Henry Seile que resgata o cortesão Fulke Greville), se distanciando de estudos mais “classificatórios” das facções internas ao regalismo e dos líderes e principais autores do movimento.

Parte da questão se daria pela própria definição de regalismo, que seria aquela dada “a quem, por ação ou pensamento, se identificasse como apoiador da causa do rei e fosse aceitado como tal por outros indivíduos que também assim se definiam”⁴³. Entendemos que esses regalistas entretinham uma variedade de opiniões políticas e religiosas, mas tinham em

⁴¹ MCELLIGOTT, Jason. **Royalism, Print And Censorship in Revolutionary England**. Woodbridge: Boydell Press, 2007, p. 2-4.

⁴² Trad. livre. “A study of royalism below the level of the elite, let alone a social history of loyalism, has never been attempted because many scholars in the field share the late Gerald Aylmer’s scepticism as to the validity of research into royalism among lower social groupings” *Idem, Ibidem*, p. 4-5.

⁴³ *Idem, Ibidem*, p. 6.

comum o desejo de ver o retorno do poder aos Stuart (e, posteriormente, o retorno da monarquia) nos melhores termos possíveis.

Retórica e autor, panegírica e Vida

Ao longo da dissertação, utilizamos termos como autor e obra, sobre os quais gostaríamos de esclarecer alguns pontos. Obra aparece no sentido de “trabalho”, mobilizado por nós muitas vezes como sinônimo da totalidade do texto estudado, nas duas materialidades. Já para nos referirmos a Greville e sua autoria, discutido um pouco mais a seguir, nos afastamos de um sentido romântico, como aparece no XIX ou psicologizante, como aparece em muitas pesquisas, ou ainda mercadológico e burguês. Nosso debate sobre Greville se aproxima muito mais daquela da personagem, assim como abordamos Sir Philip Sidney, como *auctoritas*, procurando entender como era rememorado no período e seu impacto a possíveis leitores.

Atribuição de autoria não passa pelas noções psicologizantes modernas⁴⁴. Como discute Hansen, haveria uma concepção de *auctoritas* com base em preceitos retóricos do retrato do personagem, diferentemente de interpretações psicológicas de vidas de homens, de uma construção romântica que se dá, atualmente, por um juízo estético e que privilegia características tais como originalidade, no cenário que nos é comum de competição no mercado das produções culturais e das normas de direitos autorais burguesas. Não faria sentido pensar em “autor” no período a partir do sentido de original já que vigoravam os preceitos da “*mimesis* aristotélica”, de uma “emulação de autoridades dos gêneros”. Para Hansen, “pressupostos sobre *autoria* e *texto* (*originalidade, genuinidade, autenticidade, primeira intenção autoral, restituição de texto* etc.) são essencialmente românticos e não podem ser universalizados trans historicamente, pois não dão conta dos modos seiscentistas da invenção, comunicação e consumo”⁴⁵.

⁴⁴ O termo é usado dentro da oposição temporal de “*Early Modern vs (Late) Modern*”.

⁴⁵ HANSEN, João Adolfo. *Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra*. **Journal Of Lusophone Studies**, [S.L.], v. 12, p. 91-117, 1 jun. 2014. American Portuguese Studies Association, p. 199-101.

O nome do autor não seria indicativo, segundo Hansen, de uma “autoria individualizada”, ligada a uma ideia de “propriedade autoral”, podendo ser entendida sim como “dispositivo discursivo que classificava estilos e gêneros”, dispositivo ligado diretamente a um conceito de publicação. O público, para o autor, significaria, no período, uma “totalidade das ordens sociais que constituíam a *res publica*, hierarquizadas como exercício da representação da sua subordinação ao *bem comum*”. Na enunciação, o *eu* não seria “psicologicamente expressivo” e sim retórico⁴⁶.

Hansen aponta que a função *autor* seria um ponto de convergência das versões do texto, de adequação a uma *auctoritas* do gênero, como elemento essencial da produção e regulação do próprio discurso. *Auctoritas* trataria um dispositivo discursivo retórico, de representação da presença de posições hierárquicas, pressuposto por sua recepção letrada, não podendo ser entendida como psicologia individual de quem tem posse e propriedade de um texto⁴⁷.

Por seu lado, Moreira aponta que as sociedades de corte do XVII funcionariam na chave da representação e, por isso, ao recontarem o que foi vivido, promoviam uma crescente indistinção entre o real e o discurso⁴⁸. O título permitiria uma avaliação da adequação entre a descrição do texto e sua concretização a partir das expectativas do leitor, que reconhece os códigos utilizados nesse gênero. A panegírica movimenta interesses afetivos e éticos pelo objeto, tendo finalidade de uma “universalização” e eternalização da idealização do personagem por ela criada com base na capacidade de circulação e multiplicação existentes nas reproduções manuscritas e impressas, sendo antecipadamente agenciados pelo mesmo louvor do gênero. Para o autor, o panegírico por um lado eterniza a vida do retratado enquanto por outro serve como rememoração para os vivos, marcando o merecimento deste. “Enquanto louvor de homens pertencentes a linhagens, o panegírico é um bem de família, que dignifica os que o herdarão”⁴⁹.

⁴⁶ HANSEN, João Adolfo. Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra. **Journal Of Lusophone Studies**, [S.L.], v. 12, p. 91-117, 1 jun. 2014. American Portuguese Studies Association, p. 199-101.

⁴⁷ *Idem, Ibidem*, p. 102-106.

⁴⁸ MOREIRA, Marcello. O louvor ao Marquês de Marialva: um estudo sobre o panegírico. **Revista Usp**, [S.L.], n. 88, p. 183-192, 1 fev. 2011. Universidade de Sao Paulo, p. 186.

⁴⁹ *Idem, Ibidem*, p. 187.

Para Moreira, a memória panegírica ao ser capital acumulado por gerações, promoventes de uma linhagem da “história” de sua gênese, instituí um quadro do “heroísmo”, de “bravura guerreira”, formando em conjunto uma unidade de um devir que rechaça o desvio e tem função de continuação da reprodução da sociedade em seus quadros constituídos. Como discurso do elogio, os elementos através da narrativa geram, em sua somatória e redundância, um sentido, resultando em uma “ilusão realista” a qual se utiliza de nomes próprios e lugares, de *topoi*. O panegírico, como rememoração intelectual e afetiva, originaria uma “memória meditativa”, “rastros conservados e constantemente reanimados pela apropriação e por usos pragmáticos e morais”. No gênero, há uma preocupação em antecipar os efeitos que do personagem, não objetivando-se uma “comparação recapitulativa”: “Produzido por um vocabulário cujos elementos se restringem a virtudes e feitos exemplares, o panegírico é por necessidade tautológico (...) O conjunto de feitos exemplares representados no panegírico, enquanto memória, pressupõe aparentemente um vivido, passado”⁵⁰.

O espaço se torna condição para a monumentalização da memória, sendo necessária essa fixação na narrativa:

a memória-feito demanda o lócus, exige-o. No louvor, há uma relação de proporcionalidade e adequação entre o caráter agente e o lócus em que se desdobra a ação, ambos constituídos por aguda elocução. A personagem, a ação e o lugar em que esta se realiza são figurados preferencialmente por metáforas representantes, pois no-los põem diante dos olhos⁵¹

Burke também discute uma popularização da escrita do gênero *Vida* nos quinhentos. Conforme aponta esse autor, diferenciando-se da biografia moderna, estes textos se caracterizariam pela construção de um personalidade estática, na qual se encontra uma tensão entre o indivíduo e o exemplar e que se utiliza frequentemente de *topoi*, de comentários aneddotais, como dramatizações exemplares: “Fulke Greville conta a famosa “história da garrafa de água”, segundo a qual Sidney, na hora da morte, oferece um gole a um soldado ferido, dizendo: “Tua necessidade é maior que a minha.””⁵² A “vida” se caracterizaria pela

⁵⁰ MOREIRA, Marcello. O louvor ao Marquês de Marialva: um estudo sobre o panegírico. **Revista Usp.** [S.L.], n. 88, p. 183-192, 1 fev. 2011. Universidade de São Paulo, p. 188.

⁵¹ *Idem, Ibidem*, p. 189.

⁵² BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos: Indivíduo, biografia, história**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-97, 1 jul. 1997, p. 90.

presença das dimensões pública e privada, descrevendo “a personalidade individual através de pequenas pistas”⁵³.

Pensar o texto retoricamente, entendendo-o dentro de um gênero, com panegírica e “vida”, nos ajuda a pensá-lo dentro de uma constituição de cortesão. O texto do Greville como uma construção da sintomia do modelo de cortesão elisabetano num contexto em que a corte elisabetana havia deixado de existir. Essa idealização é mobilizada então pelos regalistas junto aos valores a ela vinculado, como amizade e lealdade.

Portanto e finalmente, partimos do pressuposto que a escrita do período opera retoricamente, de modo em que não há nela uma divisão entre a forma e o conteúdo. Autores como McKenzie e Chartier argumentam que o conteúdo de um texto sempre depende de sua forma. Ao mostrar a coexistência, no período, entre o manuscrito e o impresso, de modo a enfatizar a importância de uma escolha do suporte material, Bouza defende a implicação de preferências, de diferentes usos e de propósitos⁵⁴.

Questionamos até que ponto podemos observar que, no específico da obra de Greville, aquilo que é expresso em manuscrito, em um determinado contexto, difere do expresso em impresso. Buscamos responder na pesquisa se há, e quais seriam, as diferenças nos efeitos causados nesses diferentes contextos. A pergunta que nos norteia, ao longo da dissertação, é pensar se, no caso da obra de Greville, com e para além dos contextos, o suporte material veio a implicar, de algum modo, em um outro texto.

Ao longo da dissertação, propusemos pensar historicamente a figura de Greville e sua obra, partindo da discussão historiográfica do período, e tendo em vista seus tempos e

⁵³ BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos: Indivíduo, biografia, história**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-97, 1 jul. 1997, p. 91.

⁵⁴ MCKENZIE, D. F. **Bibliography and The Sociology of Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004; MCKENZIE, D. F. **Making Meaning: “Printers of the Mind” and Other Essays**. Boston: University of Massachusetts Press, 2002; CHARTIER, Roger. Materialidad del texto, textualidad del libro. **Orbis Tertius: Revista de Teoría y Crítica Literaria**, 11(12), 2006; CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002; CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014; CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011; BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002.

suportes materiais (manuscrito e impresso)⁵⁵. Buscamos discuti-los com base em uma metodologia baseada na História do Livro, pensando sobre seus contextos de produção e circulação⁵⁶. Estudamos as diferentes leituras da obra, ou seja, quem possuiu os documentos e como estes foram recebidos e entendidos por seus leitores. A partir de nossa análise das diferentes versões de *Life*, buscamos oferecer contribuições aos estudos da comunicação escrita na Época Moderna, refletindo sobre como manuscritos e impressos eram produzidos e difundidos.

Utilizamos a metodologia da História do Livro, do Impresso (*Book History* e *Print Culture*⁵⁷) e da bibliografia para nos auxiliar no estudo do texto de Fulke Greville partindo da perspectiva dos diferentes contextos da obra: materiais e temporais. Para isso, mobilizamos uma gama de autores que permitiram tanto uma análise material manuscrita e impressa, quanto uma discussão a respeito dos contextos de produção, circulação e leitura da obra. Foi central pensar que os vetores do tempo e da materialidade se entremeiam, assim como os vetores do conteúdo e do suporte material, são indissociáveis. A materialidade potencialmente determina o objeto e a recepção, enquanto o tempo modifica potencialmente a recepção.

⁵⁵ Discussão essa que abarca todo o século XVII, central para a argumentação de autores clássicos como Hill, Stone, Trevor-Roper, mas também e principalmente uma revisão mais recente da historiografia mais recente do período. Ver em: KEEBLE, N. H. (ed.). **The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDSON, R. C. **The Debate on the English Revolution**. New York: Palgrave, 1998; WORDEN, B. **The English Civil Wars: 1640-1660**. London: Weidenfeld & Nicolson, 2009; AYLMER, Gerald. **Rebellion or Revolution? England 1640-1660**. Oxford: Oxford University Press, 1986; CARLTON, Charles. **Going to the Wars: the experience of the British Civil Wars, 1638-1651**. London: Routledge, 1992; GAUNT, Peter (ed.). **The English Civil War. The essential readings**. Oxford: Blackwell, 2000; HIRST, Derek. **England in Conflict, 1603-1660**. Kingdom, Community, Commonwealth. London: Arnold, 1999.

⁵⁶ Pensar materialmente sobre o manuscrito e o impresso se refere tanto em relação a elementos preambulares (como a folha de rosto da edição impressa), quanto em relação ao contexto da produção e circulação da obra na Inglaterra do século XVII. Por exemplo, uma reflexão a respeito do mercado impressor londrino, da impressão regalista durante o período da revolução e da restauração, e do impressor da obra, Henry Seile. Partindo principalmente das discussões realizadas por Bouza Alvarez e Chartier, a respeito do suporte material, respectivamente do manuscrito e do impresso, melhor abordados em Material e Métodos. Ver em: BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002; DARNTON, Robert. O que é a história do livro? – Revisitado. **Artcultura**, v. 10, n. 16, 4 dez. 2008, p.155-159; CHARTIER, Roger. Materialidad del texto, textualidad del libro. **Orbis Tertius: Revista de Teoría y Crítica Literaria**, 11(12), 2006; BARNARD, John; MCKENZIE, D. F. (ed.). **The Cambridge History of the Book in Britain**, Vol. IV: 1557 - 1695. Cambridge: Cambridge University Press, 2002; MILLSTONE, Noah. **Manuscript Circulation and the Invention of Politics in Early Stuart England**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2017; WOUTHUYSEN, H. R.. **Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts: 1558-1640**. Oxford: Calderon Press, 2003.

⁵⁷ Ver também: HOWSAM, Leslie. **Old Books and New Histories: An Orientation to Studies in Book and Print Culture**. Toronto: University of Toronto Press, 2006; FINKELSTEIN, David; McCleery, Alistair. **An Introduction to Book History**. New York: Routledge, 2013; WALKER, Jonathan. Reading Materiality: the literary critical treatment of physical texts. **Renaissance Drama**, [S.L.], v. 41, n. 1/2, p. 199-232, set. 2013. University of Chicago Press.

Os principais autores que forneceram nossas bases teóricas e metodológicas são Robert Darnton⁵⁸ e D. F. McKenzie⁵⁹. Dialogando com estes autores e buscando entender um pouco mais as questões em torno da produção e circulação da obra, tanto nas versões manuscrita quanto na impressa, dando conta destes tempos e materialidades, dialogamos com as obras de Roger Chartier⁶⁰ e Fernando J. Bouza Alvarez⁶¹, enquanto para o contexto inglês foram privilegiados os autores Harold Love⁶², Noah Millstone⁶³ e H. R. Woudhuysen⁶⁴.

Utilizamos bancos de dados como o ESTC (*English Short Title Catalogue*), EEBO (*Early English Books Online*), ODNB (*Oxford Dictionary of National Biography*) e CELM (*Catalogue of English Literary Manuscripts 1450–1700*)⁶⁵, que ofereceram importantes informações sobre os documentos ingleses do período, muitas vezes disponibilizando digitalizações dos documentos. Tivemos acesso físico a três cópias da versão impressa⁶⁶. Em relação às manuscritas, acessamos a digitalização uma versão completa e algumas páginas de outros dois documentos, os quais possibilitaram uma discussão sobre determinados aspectos materiais, como a marca d' água, letra e pontuação. Infelizmente, não conseguimos analisar dois dos manuscritos sobreviventes⁶⁷. Apesar das limitações materiais de acesso aos documentos, conseguimos discutir e compará-los, utilizando das análises produzidas pelas

⁵⁸ DARNTON, Robert. O que é a história do livro? – Revisitado. *Artcultura*, v. 10, n. 16, 4 dez. 2008, p. 155-159.

⁵⁹ MCKENZIE, D. F. **Bibliography and The Sociology of Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004; MCKENZIE, D. F. **Making Meaning: "Printers of the Mind" and Other Essays**. Boston: University of Massachusetts Press, 2002; BARNARD, John; MCKENZIE, D. F. (ed.). **The Cambridge History of the Book in Britain**, Vol. IV: 1557 - 1695. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

⁶⁰ CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002; CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014; CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

⁶¹ BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002.

⁶² LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001.

⁶³ MILLSTONE, Noah. **Manuscript Circulation and the Invention of Politics in Early Stuart England**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2017.

⁶⁴ WOULDHUYSEN, H. R.. **Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts: 1558-1640**. Oxford: Calderon Press, 2003.

⁶⁵ English Short Title Catalogue (ESTC). Disponível em: <<http://estc.bl.uk>> Acesso em 24 ago 2018; Early English Books Online (EEBO). Disponível em: <<http://eebo.chadwyck.com>> Acesso em 24 ago 2018; CELM. **Fulke Greville, Lord Brooke (1554–1628)**. Disponível em: <<https://celm-ms.org.uk/authors/grevillefulke.html>> Acesso em 24 ago 2018.

⁶⁶ Houghton Library GEN STC 11440, GEN EC.G8696.652ℓ (B) e Offsite Storage EC.G8696.652ℓ (A).

⁶⁷ GrF 24.5 e GrF 26.5.

duas edições críticas publicadas.

Buscamos pensar as diferentes versões da obra de modo a discutir a coexistência do manuscrito e do impresso no período, bem como entender as especificidades de seus usos e preferências. A partir disso, podemos melhor compreender questões relacionadas ao suporte material impresso, aos preambulares e ao processo envolvido na impressão da obra dentro do contexto europeu da Idade Moderna e no específico do mercado e das redes de impressores da Londres do século XVII. Nos manuscritos, a pesquisa aborda questões a respeito do contexto de produção, dando especial atenção às diferentes versões manuscritas da obra e à cultura manuscrita do período. Também discutimos o manuscrito baseado nas perspectivas da leitura e da circulação, abordando questões como as possíveis implicações das diferenças entre as versões manuscritas, o contexto da circulação do manuscrito no século XVII e como Greville era lembrado por seus contemporâneos. Em relação à versão impressa da obra, traçamos o contexto do mercado dos impressos de Londres, em especial a do livreiro Henry Seile e as redes de impressões regalistas. Com base na circulação desses impressos e de seus possíveis leitores, como Pepys e Nedham, essas últimas questões são melhor abordadas e discutidas.

Partindo da trajetória de Henry Seile, livreiro que publicou o impresso em 1651, quase 25 após a morte do autor, buscamos entender o momento da publicação do livro. Discutimos os impressos publicados na loja “Cabeça de Tigre” pela família Seile e seu envolvimento com a causa regalista a partir do início da guerra civil. Os Seile publicaram mais de 200 obras ao longo de 60 anos. Debates se é possível perceber elementos de coesão entre suas publicações. Através do levantamento das obras, destacamos os textos relacionados à causa regalista e impressos publicados no período próximo ao texto de Greville. Desta forma, sugerimos que embora os Seile não sejam os livreiros regalistas mais profícuos do período, é possível estudarmos as escolhas editoriais empregadas após o regicídio e o modo com que essas se relacionam com a publicação de *Life*. Para isso examinamos certas conexões dos Seile com outros personagens reconhecidamente regalistas: autores, leitores, impressores e outros livreiros. Argumentamos a indissociabilidade entre os suportes materiais e o conteúdo da obra, e, como consequência, a relação entre a obra e debate regalista da época. Em nossa perspectiva, Seile se mostra essencial para estudarmos como o texto foi reinserido ao ser impresso em 1652, de modo a tentarmos entender como e porque essa obra foi escolhida e impressa pelo livreiro.

Organizamos a dissertação em duas partes: uma para cada tipo de suporte material (manuscrito e impresso), de modo a não hierarquizá-los. Parte de nosso objetivo é romper com a interpretação que busca uma versão autoral ou original. Ao pontuarmos que a materialidade é eixo pelo qual pensamos a obra, apontamos que não podemos desassociar o conteúdo de seu suporte material. O título do documento já expressa, em nossa opinião, suas diferenças: enquanto nas versões manuscritas ou foi encontrado o título “A Dedication to Sir Philip Sidney” ou não havia nenhum, a versão impressa é intitulada “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney”. Em nossa divisão, escolhemos abordar na primeira parte as versões manuscritas, na qual os dois primeiros capítulos abordam aspectos da produção, circulação e posse. As mesmas temáticas se repetem na parte dois, com os capítulos três e quatro, agora focando-se na versão impressa. A dissertação busca também quebrar com a dicotomia entre manuscrito e impresso. A ideia de revolução da imprensa, defendida principalmente por autores como McLuhan e Eisenstein, as quais colocam a produção manuscrita como transição em decadência após a invenção e difusão da imprensa, se mostra insuficiente. Acreditamos que a cultura manuscrita e impressa devem ser pensadas em conjunto.

O Capítulo 1, intitulado ““A Dedication to Sir Philip Sidney”: as versões manuscritas do texto de Greville”, procura entender mais sobre o contexto de produção e publicação de manuscritos na Inglaterra do século XVII. Apresentamos as versões manuscritas do texto de Greville (GrF 24, GrF 24.5, GrF 25, GrF 26, GrF 26.5), discutindo aspectos materiais como pontuação, letra, grafia e marca d’água de três delas. Debates as edições críticas de Gouws e Kuhn, seus objetivos, textos base e análises genéticas. A partir dessas discussões, respondemos a questões relacionadas à produção e datação desses manuscritos.

Em “Materialidade e textualidade: circulação, coleção e leitura das versões de “A Dedication to Sir Philip Sidney””, segundo capítulo da dissertação, objetivamos abordar aspectos que se relacionam a circulação, posse e leitura das versões manuscritas, entendendo melhor os documentos como artefatos históricos. Estudamos a proveniência dos documentos, retracando o caminho dos documentos do arquivo ao século XVII. Discutimos Greville e Sir Philip Sidney e como eram lembrados. Ao final, apontamos variações textuais entre os manuscritos, principalmente de adição e mudança na ordem, e suas possíveis implicações na ênfase, leitura e entendimento do texto.

Nosso terceiro capítulo, “O livreiro de “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney”” aborda a versão impressa de 1651. Discutimos o mercado de livros na Londres do século XVII e o processo de produção de impressos no período, para podermos chegar ao livreiro que publica o texto de Greville, Henry Seile, e sua livraria, “Cabeça de Tigre”. Procuramos discutir a produção dos Seile nos mais de 60 anos de atuação, questionando se o livreiro era de fato regalista e mapeando os autores e obras publicadas dentro do conturbado contexto político inglês, principalmente entre os anos de 1630 e 1660 e como o livreiro estava inserido.

O último capítulo da dissertação, intitulado “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney” em contexto: materialidade, regalismo e leitores do impresso” inicia com uma análise material do impresso e de seus elementos preambulares, como a folha de rosto e a dedicatória. Discutimos dois autores e seus impressos (Heylyn e L’Estrange), publicados pelos Seile, objetivando entender como o texto de Greville se encaixava dentro da produção regalista do livreiro. Debates como os nomes Greville e Sidney eram entendidos na metade do século XVII e suas relações com os parlamentaristas e regalistas. Ao final apontamos compradores e leitores do impresso, suas impressões, em especial Pepys e Nedham, e as associações entre o texto de Greville e o conflito entre a Inglaterra e os Países Baixos nas décadas de 1650 e 1660.

PARTE I: "A DEDICATION TO SIR PHILIP SIDNEY"

CAPÍTULO 1: “A DEDICATION TO SIR PHILIP SIDNEY”: AS VERSÕES MANUSCRITAS DO TEXTO DE GREVILLE

Começamos o capítulo com algumas reflexões sobre cultura impressa e cultura manuscrita no século XVII a partir da perspectiva dos estudos bibliográficos e da História do Livro. Traçando alguns dos debates mais conhecidos sobre a “cultura letrada” do período, objetivamos entender o contexto da escrita e sua materialidade no século XVII na Inglaterra, primeiramente situando os processos de produção desses documentos para considerarmos os efeitos da materialidade oriunda dessa produção no modo em que o texto é entendido. Ao discutirmos a produção impressa e manuscrita, evidenciamos dimensões materiais e textuais dos documentos. Nosso objetivo, ao longo da dissertação, foi pensar a respeito desses diferentes suportes materiais, seus contextos e suas implicações.

Uma questão inicial foi o que entendemos com o termo ‘cultura’ dentro desse debate. O trabalho de Eisenstein⁶⁸ e McLuhan⁶⁹ inspiraram muitas discussões a respeito de uma “cultura impressa”, e como essa se configuraria nos diferentes contextos. No contexto nacional, observamos essa discussão, por exemplo, nos estudos dos impressos no Brasil e no mundo ibérico. Buscamos pensar o que entendemos por “Cultura Impressa” e “Cultura Manuscrita” no século XVII, ao passo em que nos ajudasse a melhor pensar o texto de Greville em suas diferentes materialidades.

Nosso foco no capítulo foram os manuscritos e a chamada “Cultura Manuscrita”. Tentamos entendê-los dentro de seus diferentes contextos, de sua produção, de seus significados e implicações, de sua circulação e leitura, já que, para nós, essas reflexões e debates são centrais para pensar esses documentos. Buscamos discutir sobre o termo cultura, presente em e respondentes às suas qualificações “manuscrita” e “impressa”. Acreditamos que o termo deve ser entendido, e também explicitado, como categoria de análise, ou seja, não necessariamente como um conceito do período. Aqueles que produziam estes textos, manuscritos e impressos, dificilmente se consideravam parte de uma “cultura manuscrita” ou

⁶⁸ EISENSTEIN, Elizabeth L. **The Printing Press As an Agent of Change**: Communications and Cultural Transformations in Early-Modern Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

⁶⁹ MCLUHAN, M. **A Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Edusp, 1972.

uma “cultura impressa”. O que não significa, necessariamente, que muitos não tivessem discutido o efeito dessas novas técnicas em sua sociedade.

Joseph A. Dane discute como muitas das pesquisas que abordam uma “Cultura Impressa” partem da premissa de sua existência no período. Deste modo, estudiosos buscaram entender como esta teria se manifestado, sendo central discutir como essa “cultura impressa” teria sido “invocada” por esses acadêmicos, pois as fontes existentes seriam “não de uma abstração como a impressão, algo substanciado por exemplos selecionados; o que existe são esses mesmos exemplos selecionados, ações particulares ou produtos daquilo que nós chamamos de imprensa e as instituições que a cercavam”⁷⁰. O termo “Cultura Impressa” seria então posterior, e as suas ramificações mais recentes partiriam dos estudos realizados pela geração de Eisenstein e McLuhan, as quais estariam em conflito com a geração mais nova, de Johns e Love⁷¹.

Apesar de partimos da proposta de McLuhan de que o meio é a mensagem, e, desta forma, de que a materialidade tem a potencialidade de modificar o modo como o texto é entendido, criticamos a ênfase e a importância que o autor deu em seus textos aos impressos. Procuramos apontar nos capítulos as formas como se dava o consumo, coleção, produção e circulação dos manuscritos no século XVII de modo a questionar a noção da decadência do uso do manuscrito no período. Percebemos a coexistência das versões do texto de Greville, manuscritas e impressa.

⁷⁰ Trad. livre. “not an abstraction such as printing, something instanced by select examples; what exists are those examples themselves, particular actions and products of what we call the printing press and the institutions surrounding it”. DANE, Joseph A. **The Myth of Print Culture: Essays on Evidence, Textuality, and Bibliographical Method**. Toronto: University of Toronto Press, 2003, p. 10.

⁷¹ DANE, Joseph A. *Op. cit.*, p. 10-11; MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1971; MCLUHAN, M. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Edusp, 1972; EISENSTEIN, Elizabeth L. **The Printing Press As an Agent of Change: Communications and Cultural Transformations in Early-Modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979; JOHNS, Adrian. **The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making**. Chicago: University of Chicago Press, 1998; JONES, Edward; CAMPBELL, Gordon. **A Concise Companion to the Study of Manuscripts, Printed Books, and the Production of Early Modern Texts**. Chichester: Wiley Blackwell, 2015; LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001; LOVE, Harold. The Manuscript after the Coming of Print. In: SUAREZ, Michael F.; WOULDHUYSEN, H. R. (ed.). **The Book: a global history**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Cap. 15. p. 197-204.

Essa discussão parte da ideia de que o impresso se tornou o meio dominante da produção textual no lugar do manuscrito. O debate⁷² se baseia na premissa de que o impresso e o manuscrito se estabeleceram como “culturas” diferentes, as quais coexistiram apenas durante o “período de transição entre uma (manuscrita) para a outra (impressa)”⁷³. É preciso destacar também a importância das pesquisas de Eisenstein e de Saunders⁷⁴. Esses trabalhos contribuíram para nosso entendimento de uma influência cultural do impresso, a qual se diferenciava de uma tradição medieval, oral e manuscrita. A presença dos manuscritos não pode ser entendido “como um signo, por assim dizer, medievalizante, mas sim, e ao invés, como uma resposta modal a necessidades concretas”⁷⁵, desvinculando-se de uma contraposição à impressão como um modo de comunicação visto como moderno.

Entretanto, nas últimas décadas, diversas pesquisas que estudaram o que foi apontado como um período de transição, acabaram por questionar a tese de Eisenstein⁷⁶. As questões levantadas nos motivaram a tentar entender mais sobre as diferentes versões manuscritas da

⁷² Grande parte das pesquisas no século XX foram construídas a partir da suposição de que a impressão e a manuscritura seriam diferentes “culturas”, com um período de transição entre elas. A discussão parte de obras clássicas de Eisenstein, Saunders e McLuhan, as quais enfatizam o que teria ficado conhecido como “revolução do impresso”, a qual teve grandes impactos culturais, sociais e psicológicos. Pesquisas mais recentes rebatem o argumento que esta “cultura impressa” teria se desenvolvido repentinamente. O argumento que o manuscrito estaria em decadência no século XVII também foi contestado. Haveria uma grande continuidade entre a impressão manuscritura no período. Parte das conclusões mais recentes apontam que grandes generalizações sobre o tema não parecem ser frutíferas, e que a substituição da tese “oral vs manuscrito” pela “manuscrito vs impresso” está sendo substituída pela examinação da forma como diferentes grupos (sociais, literários, religiosos, políticos) mobilizavam as duas mídias. TENER, Zeynep; TROLANDER, Paul. From Print versus Manuscript to Sociable Authorship and Mixed Media: a review of trends in the scholarship of early modern publication. **Literature Compass**, [S.L.], v. 7, n. 11, p. 1035-1048, nov. 2010; O'CALLAGHAN, Michelle. Publication: print and manuscript. In.: HATTAWAY, Michael (ed.). **A Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Oxford: Blackwell, 2001, p. 160-176.

⁷³ Tradução livre. “a time of transition from one (manuscript) to the other (print)”. TENER, Zeynep; TROLANDER, Paul. *Op. cit.*, p. 1035.

⁷⁴ SAUNDERS, J. W.. The Stigma of Print. **Essays In Criticism**, [S.L.], v. , n. 2, p. 139-164, 1951. Oxford University Press; SAUNDERS, J. W.. From Manuscript to Print: a note on the circulation of poetic mss. in the sixteenth century. **Proceedings Of The Leeds Philosophical And Literary Society: Literary & Historical Section**, [s. l.], v. 6, n. 8, p. 507-528, maio 1951.

⁷⁵ BOUZA, F. A. **Comunicação, conhecimento e memória na Espanha do século XVI e XVII**. Lisboa: Separata do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002, p. 150; TENER, Zeynep; TROLANDER, Paul. *Op. cit.*, p. 1035-6.

⁷⁶ “Why would a writer choose to circulate works only in manuscript if print were available? What was early modern manuscript circulation like, anyway? Was it structured by a set of underlying institutions, connected to the Stationers’ Company or did texts just migrate from hand to hand? How did professional scribes figure in the production of manuscript texts? Was there a market for works copied out by hand as there was for print? Was manuscript circulation more likely among some social groups than others, perhaps among those far from the centers of print production? It came as a surprise to many scholars that the answers to these questions provided little evidence for sharp divisions between manuscript and print production or for a brief and transitory rise in manuscript production on the way to a print culture”. TENER, Zeynep; TROLANDER, Paul, *Op. cit.*, p. 1036-7.

obra de Greville. Procuramos, a partir das evidências materiais, pensar cada uma dessas versões, passíveis de diferentes motivações, contextos de produção e circulação. Em relação à ideia de diminuição da produção manuscrita no século XVII, os estudos realizados por Love demonstram, contrariamente, este período como pico da produção manuscrita.

Pensando a respeito do movimento historiográfico que se atentou para os estudos sobre a circulação e transmissão manuscrita no início do período moderno, destacam-se as publicações realizadas ao longo dos anos de 1980 e 1990, as quais demonstraram uma coexistência da produção manuscrita e da impressa. Este interesse historiográfico surgiu principalmente por parte dos estudos bibliográficos, do estudo da produção literária das mulheres e do novo historicismo. Estes teriam abordado as fontes manuscritas de maneira diferente daquela dos críticos tradicionais a respeito da edição textual, de autoria e de recepção, de modo a destacar a importância destas fontes para os estudos culturais⁷⁷.

Entre os autores mais conhecidos, podemos citar McGann⁷⁸ e McKenzie⁷⁹ que argumentaram por uma perspectiva alternativa à busca pelo texto “ideal”, “original” ou “autoral”, destacando aspectos sociais e históricos dos textos, seus contextos de produção e recepção⁸⁰. Também nos utilizamos da discussão articulada por Marcelo Moreira em “Crítica Textualis in Caelum Revocata?” para entendermos os processos da crítica textual e os apontamentos levantados pela Nova Filologia, os quais questionam muitas das práticas e noções utilizadas nas análises bibliográficas⁸¹. Essa perspectiva nos serviu como ponto de partida para nossa base interpretativa, aos nos debruçarmos nas análises realizadas pelas edições críticas dos documentos por Kuhn⁸² e Gouws⁸³, levando em conta o seu contexto de

⁷⁷ TENDER, Zeynep; TROLANDER, Paul, From Print versus Manuscript to Sociable Authorship and Mixed Media: a review of trends in the scholarship of early modern publication. **Literature Compass**, [S.L.], v. 7, n. 11, p. 1035-1048, nov. 2010, p. 1037.

⁷⁸ MCGANN, Jerome J. **The Textual Condition**. Princeton: Princeton University Press, 1991.

⁷⁹ MCKENZIE, D. F.. **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

⁸⁰ TENDER, Zeynep; TROLANDER, Paul. *Op. cit.*, p. 1037.

⁸¹ MOREIRA, Marcello. **Crítica Textualis in Caelum Revocata?:** uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Edusp, 2011.

⁸² KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973.

⁸³ GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976.

produção e as perguntas que nortearam suas pesquisas. Acabamos fazendo emergir outras perguntas, outros problemas para suas análises.

Parte da decisão de partimos e discutirmos as edições críticas de *Life* se originou de termos acesso (digitalizado) apenas de um das versões manuscritas (GrF 24), o que impossibilitou uma examinação comparativa textual e determinados aspectos da análise material das versões. Entretanto, essa limitação física da pesquisa acabou por possibilitar a discussão mais aprofundada das interpretações propostas por Kuhn e Gouws, suas virtudes e limitações. A necessidade nos levou a melhor entender os objetivos dos autores, conduzindo nossa pesquisa a novas questões e aprofundando nosso entendimento a respeito de determinadas teses sobre o texto de Greville que se encontravam estabelecidas pela bibliografia especializada.

1.1 Os processos da produção manuscrita

Ao utilizarmos um termo como categoria de análise, gostaríamos de explicitar seus limites. Por isso, acreditamos ser central discutir o termo “cultura” dentro da perspectiva do debate “Cultura Manuscrita” e “Cultura Impressa” para a Inglaterra do século XVII. Queremos pensar se esta oposição entre “culturas” faz sentido, ou seja, nos ajuda a pensar o documento, ou se ela acaba sendo apenas, como apontado por Dane, uma construção artificial historiográfica.

Então, inicialmente, nossa análise se foca no que a historiografia entende como “Cultura Manuscrita” no século XVII. Nossa discussão parte principalmente de Harold Love e Fernando Bouza, que contribuíram ao mostrarem a grande presença do manuscrito neste período, em seus elaborados e complexos modos de produção e distribuição. Estes dados nos permitem pensar que a dicotomia manuscrito/impresso precisa ser repensada, de modo a serem vistas de forma não mutuamente exclusiva, e muitas vezes coexistindo nos diferentes espaços da produção escrita no período. Esses grupos “longe de desejar distância dos

impressos, utilizavam as trocas de manuscritos como área teste para a circulação impressa, ou, como um meio para estimular a circulação mesmo após impressões iniciais”⁸⁴.

Para discutirmos a ideia de revolução impressa, nos focamos na discussão abordada por Harold Love, inicialmente em sua obra *Scribal Publication in Seventeenth Century England*⁸⁵. Love pesquisa a produção e a circulação dos manuscritos no século XVII na Inglaterra, focando-se também no período da Restauração. O autor discute uma variedade de gêneros manuscritos (como debates parlamentares, textos musicais, sátiras e jornais) e o meio de produção profissional desses textos (*scriptoria*) e onde eram vendidos⁸⁶. Partimos da perspectiva de que

o desenvolvimento de uma indústria da impressão na Inglaterra não resultou na morte de uma cultura manuscrita. Nem a publicação manuscrita deve ser considerada como o resíduo de uma cultura manuscrita marginal mais velha que obstinadamente persistia junto a uma nova dominante cultura impressa. De fato, a maioria da literatura escrita durante o Renascimento inglês foi produzida para circulação manuscrita, e não para a publicação impressa⁸⁷

A produção e circulação desses textos literários faziam parte da vida social de uma elite letrada, o que explica a grande quantidade de manuscritos produzidos no período. Podemos encontrar, no começo do século XVII, uma produção manuscrita competitiva em relação à impressa, quando não houvesse a necessidade de um grande número de cópias em um curto período ou quando havia dificuldades para a impressão de determinado texto. Autores como Donne conseguiram restringir a circulação impressa de seus poemas, enquanto

⁸⁴ Tradução Livre. “far from wishing print away, used manuscript exchange as a staging area for circulation in print, or, as a means to stimulate circulation even after initial printing” TENER, Zeynep; TROLANDER, Paul. From Print versus Manuscript to Sociable Authorship and Mixed Media: a review of trends in the scholarship of early modern publication. *Literature Compass*, [S.L.], v. 7, n. 11, p. 1035-1048, nov. 2010, p.1035-1048, 2010, p. 1039.

⁸⁵ LOVE, Harold. *Scribal Publication in Seventeenth-Century England*. Oxford: Clarendon Press, 2001.

⁸⁶ TENER, Zeynep; TROLANDER, Paul. *Op. cit.*, p. 1039.

⁸⁷ Tradução Livre. “The development of a print industry in England did not result in the demise of a manuscript culture. Nor should manuscript publication be regarded as the residue of an older marginal scribal culture that doggedly persisted alongside a new dominant print culture. In fact, the majority of literature written during the English Renaissance was produced for manuscript circulation rather than for printed publication”. O’CALLAGHAN, Michelle. Publication: print and manuscript. In: HATTAWAY, Michael (ed.). *A Companion to English Renaissance Literature and Culture*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 160-176, p. 162.

esses circulavam livremente em manuscrito, e Sidney não teve, em vida, nenhuma obra impressa⁸⁸.

Esse fenômeno pode ser entendido a partir da chave da especialização: enquanto textos maiores (como a Bíblia, a gramática latina ou uma proclamação real) poderiam ser impressos mais rapidamente e custando menos (e por isso não faria sentido tentar competir com eles), para outros textos menores essas questões não teriam tanta relevância. O tempo levado para um copista realizar cópias de cerca de mil palavras era muito menor do que aquele levado no processo de impressão. Dessa forma, a impressão não fazia sentido econômico para casos com menos de cinquenta cópias⁸⁹.

A facilidade e portabilidade da tecnologia manuscrita se dava pelo fato de que, diferentemente daquela utilizada para impressão, ela era realizada a partir de materiais mais facilmente encontrados. Uma oficina necessitava apenas de luz suficiente, uma mesa, penas e suprimentos de papel e tinta. Os copistas, quando contratados conjuntamente em um escritório ou individualmente por um livreiro, eram capazes de produzir em grande volume. Economicamente, a produção de tiragens de 100 ou mais edições manuscritas de boletins de notícias no século XVII, concorria com a impressa. A produção manuscrita ainda permitia outras vantagens como a possibilidade da realização de mudanças. Toda essa produção acabava por organizar o trabalho especializado do escrivão e das oficinas. Estes eram muitas vezes voltados para a publicação serial ou empregados por escritórios sazonalmente. Trabalhar para livreiros era muitas vezes a solução para esses escrivães em tempos de baixa produtividade, também sendo contratados diretamente por autores⁹⁰.

Pensando na figura desses copistas ou escrivães profissionais, encontram-se, entre seus principais empregadores, as igrejas e os arquivos. Muitas vezes, cópias sem autorização

⁸⁸ O'CALLAGHAN, Michelle. Publication: print and manuscript. In: HATTAWAY, Michael (ed.). **A Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 160-176, p. 163; LOVE, Harold. The Manuscript after the Coming of Print. In: SUAREZ, Michael F.; WOULDHUYSEN, H. R. (Ed.). **The Book: A Global History**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Cap. 25. p. 197-204, p. 198-9.

⁸⁹ Tradução Livre. "A handwritten copy could also claim a greater exclusivity, which often led to it being more carefully read and preserved. It was a much better way of reaching a narrow niche audience. Scribal technology was cheap and portable", LOVE, Harold. The Manuscript after the Coming of Print. In: SUAREZ, Michael F.; WOULDHUYSEN, H. R. (ed.). **The Book: a global history**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Cap. 15. p. 197-204, p. 200.

⁹⁰ LOVE, Harold. *Op. cit.*, p. 200-201; BOUZA ALVAREZ, F. **Comunicação, conhecimento e memória na Espanha do século XVI e XVII**. Lisboa: Separata do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002, p. 150; BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002, p. 53-4.

eram realizadas, o que levava muitos autores a preferir empregar secretários, familiares ou conhecidos para copiarem seus trabalhos⁹¹.

Além das cópias sem autorização realizadas pelos escrivães ou das pedidas pelos autores ou livreiros, a circulação de manuscritos também se dava por cópias feitas ou solicitadas pelos próprios leitores⁹². Essa perspectiva é interessante para nós principalmente ao pensarmos no texto de Greville, e nas cópias manuscritas sobreviventes.

O papel dos livreiros fica ainda mais importante, pelo ângulo da produção manuscrita, dado que obras impressas e manuscritas frequentemente eram vendidas lado a lado⁹³. Fernando Bouza, olhando para o contexto Ibérico, aponta o contínuo uso de manuscritos após o aparecimento da imprensa. Havia uma preferência por manuscritos, por exemplo, pelos grandes cortesãos dada uma necessidade se manter discrição em relação aos conteúdos⁹⁴. Além disso, uma “cópia escrita a mão também poderia indicar uma maior exclusividade, o que muitas vezes levava a ser lida com mais cuidado e mais bem preservada. Era uma maneira muito melhor de alcançar o público de um nicho restrito. A tecnologia escriba era barata e portátil”⁹⁵.

Possuir manuscritos era sinal de distinção social, nobres preferiam completar bibliotecas com obras manuscritas, mesmo que versões impressas estivessem disponíveis. Os livros impressos eram percebidos como vulgares e como dissimulados, enquanto o manuscrito carregava uma ideia de raridade, simbolizando distinção e fidedignidade, “o empréstimo de

⁹¹ LOVE, Harold. The Manuscript after the Coming of Print. In: SUAREZ, Michael F.; WOULDHUYSEN, H. R. (ed.). **The Book: a global history**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Cap. 15. p. 197-204, p. 200-1.

⁹² *Idem, Ibidem*, p. 201.

⁹³ HACKEL, Heidi Brayman. **Reading Material in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 28 *apud* O'CALLAGHAN, Michelle. Publication: print and manuscript. In: HATTAWAY, Michael (ed.). **A Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 160-176, p. 162.

⁹⁴ Trad. livre. “el préstamo de manuscritos, así como su posesión, acaban por convertirse en un gesto de singularidad que la aristocracia parece haber entendido como un signo distintivo de su propia condición egregia” BOUZA ALVAREZ, F. **Comunicação, conhecimento e memória na Espanha do século XVI e XVII**. Lisboa: Separata do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002, p. 150.

⁹⁵ Tradução Livre. “A handwritten copy could also claim a greater exclusivity, which often led to it being more carefully read and preserved. It was a much better way of reaching a narrow niche audience. Scribal technology was cheap and portable”, LOVE, Harold. *Op. cit.*, p. 200.

manuscritos, assim como a sua posse, acabam por se tornar um gesto de singularidade que a aristocracia parece ter entendido como um sinal distintivo da sua própria condição ilustre”⁹⁶.

O manuscrito também oferecia uma estrutura que permitia a "incorporação de mudanças e modificações", ao passo que cumpria uma função de caráter solene e de relativa privacidade⁹⁷. Especialmente ao levarmos em consideração a figura de Greville e as características particulares de sua obra aqui estudada⁹⁸, nota-se as vantagens do texto manuscrito em relação ao impresso no sentido de ter uma estrutura menos fixa, ou seja, pode melhor satisfazer determinadas necessidades de alteração e reescrita contínua, muito comum aos gêneros literários de corte, dentro dos quais podemos pensar a obra de Greville⁹⁹.

Entre os gêneros manuscritos mais encontrados, destacam-se os tratados (cortesãos, clericais, memoriais), as poesias, as sátiras e os sermões. Já nos textos de maior tamanho e volume, se destacam as novelas, as crônicas históricas, os discursos políticos e religiosos. Havia uma abundante circulação manuscrita dos textos históricos, tanto os clássicos quanto escritos no período, e de obras com conteúdos político ou religiosamente heterodoxos¹⁰⁰.

Uma segunda importante discussão se refere aos fins dessa produção manuscrita. Ou seja, para quais objetivos esses textos eram produzidos, quais os tipos de publicação possíveis para esses manuscritos e como esse fim impactava as escolhas de produção. Love identificou

⁹⁶ BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002, p. 52-55.

⁹⁷ BOUZA ALVAREZ, F. **Comunicação, conhecimento e memória na Espanha do século XVI e XVII**. Lisboa: Separata do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002, p. 150.

⁹⁸ A datação das obras é amplamente discutida pelos estudiosos de Fulke Greville, de difícil determinação dado ao hábito de Greville de constante revisão de seus trabalhos ao longo dos anos. Ver em: WILKES, G. A.. The Sequence of the Writings of Fulke Greville, Lord Brooke. **Studies In Philology**, Chapel Hill, v. 56, n. 3, p. 489-503, jul. 1959; REES, Joan. **Fulke Greville, Lord Brooke, 1554-1628: a critical biography**. Berkeley: University Of California Press, 1971; GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ("The Life of the Renowned Sir Philip Sidney"). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976.

⁹⁹ BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002, p. 53-4.

¹⁰⁰ BOUZA ALVAREZ, F. *Op. cit.*, p. 55-60.

três tipos distintos de publicação manuscrita: a publicação autoral, a publicação profissional e a publicação de leitor¹⁰¹.

No caso da publicação autoral, essa viria a acontecer a pedido do autor, que teria o controle de sua circulação. Normalmente, essas cópias eram realizadas por secretários, familiares e às vezes pelo próprio autor. Esse seria o caso, por exemplo, de cópias manuscritas para a circulação dentro de círculos sociais e literários, além das relações de patronagem, e, como observamos, no caso de algumas das versões manuscritas do texto de Greville. Já a publicação realizada pelos copistas profissionais pode ser entendida como tendo um valor e função social distintos, já que estes estavam a trabalhar para patrões ou para o mercado de livros, e geralmente tinham uma produção especializada¹⁰².

No caso de Greville e de seus manuscritos sobreviventes, a maioria foi redigida por secretários e copistas. Sir Fulke Greville parece ter controlado a circulação de seus textos durante sua vida, nenhum deles sendo impresso. Dos que circularam e sobreviveram, grande parte está ligada a sua coleção privada em Warwick¹⁰³ ou com proveniência de amigos e conhecidos do cortesão. Greville manteve uma rede de amizade e patronagem, fazendo parte de círculos literários, os quais tiveram acesso direto a seus trabalhos e ele aos deles.

Não é possível se falar de uma cultura manuscrita unificada e socialmente homogênea para os séculos XVI e XVII, já que foi possível observar indivíduos e comunidades de diferentes classes sociais participando. Mesmo o letramento não pode ser visto

¹⁰¹ LOVE, Harold. The Manuscript after the Coming of Print. In: SUAREZ, Michael F.; WOULDHUYSEN, H. R. (ed.). **The Book: a global history**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Cap. 15. p. 197-204, p. 200-1; O'CALLAGHAN, Michelle. Publication: print and manuscript. In: HATTAWAY, Michael (ed.). **A Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Oxford: Blackwell, 2001, p. 163.

¹⁰² "Authors could commission copies of their poems for presentation to a patron, and the high quality of the transcription would give the work the status of a work of art. Professional scribes also produced manuscript texts on a commercial basis: parliamentary speeches and proclamations, for example, were copied and sold at stationers' shops alongside printed legal texts". O'CALLAGHAN, Michelle. *Op. cit.*, p. 162-163.

¹⁰³ Escritos em sua maioria por secretários mas com extensas revisões autorais, são a maior coleção do período de poemas autorizados de um só autor. Ver em: KELLIHER, W. Hilton. The Warwick Manuscripts of Fulke Greville. **The British Museum Quarterly**, [S.L.], v. 34, n. 3/4, p. 107-121, 1970; REBHOLZ, R. A. **The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971; REES, Joan. **Fulke Greville, Lord Brooke, 1554-1628: a critical biography**. Berkeley: University Of California Press, 1971; WOULDHUYSEN, H. R.. **Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts: 1558-1640**. Oxford: Calderon Press, 2003.

necessariamente como uma barreira, já que a leitura em voz alta e a repetição a partir da memória eram parte ativa da comunicação do período¹⁰⁴.

1.2 As versões manuscritas

Levantamos, com base no banco de dados CELM (Catalogue of English Literary Manuscripts 1450–1700)¹⁰⁵, a existência de pelo menos cinco versões manuscritas da obra (GrF 24, GrF 24.5, GrF 25, GrF 26, GrF 26.5)¹⁰⁶. Em nossa análise das versões manuscritas, partimos das duas edições críticas publicadas por Joaquin C. Kuhn¹⁰⁷ e J. S. Gouws¹⁰⁸. Buscamos contextualizar esses trabalhos fundamentando as perguntas e metodologias mobilizadas pelos dois autores.

“An edition of Fulke Greville’s *Life of Sidney*”¹⁰⁹, tese de doutorado de Joaquin Charles Kuhn (Yale, Linguagem e Literatura Moderna) de 1973, utilizou-se do manuscrito localizado na Trinity College como base para a sua edição crítica. Já “An edition of Fulke Greville’s *A Dedication to Sir Philip Sidney*”¹¹⁰ (Lincoln College, Oxford) de 1976, de John Gouws, se baseia na versão impressa de 1651, alterando “erros” a partir dos manuscritos, e modernizando a pontuação e tipografia.

¹⁰⁴ “There were more socially exclusive scribal communities, such as those that flourished at the court and in aristocratic households. But, just as importantly, there were forms of manuscript publication that were orientated outwards, towards a wider public, and participated alongside printed texts in early modern arenas of public debate”. O’CALLAGHAN, Michelle. Publication: print and manuscript. In: HATTAWAY, Michael (ed.). **A Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Oxford: Blackwell, 2001, p. 164-5.

¹⁰⁵ CELM. **Fulke Greville, Lord Brooke (1554–1628)**. Disponível em: <<https://celm-ms.org.uk/authors/grevillefulke.html>> Acesso em 24 ago 2018.

¹⁰⁶ Dessas cinco, duas (GrF 25 e GrF 26) foram analisadas por Kuhn, e três por Gouws (GrF 24, GrF 25, GrF26). A versão GrF 24.5 aparece comentada por Gouws e Victor Skretkowicz (1992), também é citada pela tese de Rigali (2001). Já a GrF 26.5 não é citada por nenhum autor na bibliografia levantada. SKRETKOWICZ, Victor. **Greville’s Life of Sidney: The Hertford Manuscript**, *EMS*, 3, 1992, p. 102-36; RIGALI, Amanda. **The plays of Fulke Greville in context**. 2000. 208 f. Tese (Doutorado) - King’s College London, Londres, 2000.

¹⁰⁷ KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville’s Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973.

¹⁰⁸ GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville’s A Dedication to Sir Philip Sidney**: (“The Life of the Renowned Sir Philip Sidney”). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976.

¹⁰⁹ KUHN, Joaquin Charles. *Op. cit.*

¹¹⁰ GOUWS, J. S.. *Op. cit.*

Filhos de seu tempo, pesquisadores preocupados em estabelecer quais eram as versões mais completas e originais, ou autorais, utilizaram-se da metodologia proposta pela “Nova Bibliografia”¹¹¹. Assim, a busca pelos textos autorais se dava com base na examinação da materialidade da produção textual original, do estudo dos textos e livros como objetos. Buscava-se estabelecer “corrupções” textuais de editores e impressores, boas e más versões do texto, principalmente a partir de variações no tipo, no papel e na tinta, realizando uma análise material muito rigorosa¹¹². D. F. McKenzie foi o mais conhecido crítico desse modelo de análise. Ao destacar aspectos sociológicos e culturais dos textos, sua preocupação se voltava em entender as relações entre o texto e a sociedade. A produção das obras passou a ser protagonista e dependente de seu contexto, marcada por fatores estéticos, econômicos e literários¹¹³.

Ao analisarmos as duas edições críticas da obra, notamos uma forte influência da “Nova Bibliografia” nas perguntas e preocupações de seus autores. Percebemos que se evidencia, especialmente na edição de Kuhn, uma busca pela versão original ou autoral do texto de Greville. Podemos observar essa atenção na forma em que os autores constroem suas linhas do tempo para os manuscritos e suas tabelas comparativas, que marcam diferenças encontradas entre as versões manuscritas. Por outro lado, essa influência nos trabalhos levou os autores a realizarem uma análise material rigorosa. A partir do estudo das diferenças entre as versões manuscritas, um dos objetivos de Gouws e Kuhn foi tentar estabelecer uma

¹¹¹ “(...) apontava para um momento de renovação dos estudos bibliográficos. Não interessava apenas enumerar e descrever os textos, mas acessar a materialidade como forma de estabelecer uma análise mais complexa das obras escritas, impressas, publicadas e lidas. Grande expoente dessas novas perspectivas foi o bibliófilo neozelandês D. F. McKenzie, cuja mais conhecida obra é *Bibliography and the Sociology of Texts* (1986), na qual apontava para um alargamento dos interesses tradicionais da bibliografia. (...) McKenzie questionava a visão tradicional da confecção textual, na qual os textos eram feitos pelos compositores e impressores em padrões e modos consistentes, o qual acabava por fortalecer a ideia do texto impresso como fixo e uniforme, a não ser em casos de erros, os quais eram considerados corruptores das intenções autorais. A produção do texto passou a ser vista como diretamente dependente das condições em que foram fabricados, se distanciando, por um lado, da antiga Bibliografia e, por outro, dos estudos quantitativos e de longa duração da história da publicação e da impressão” FONTES, Bruna Braga; LIMA, Verônica Calsoni. Entre a História, a Literatura e a Bibliografia: a interdisciplinaridade da história do livro. *Revista Discente Ofícios de Clio*, [S.L.], v. 3, n. 4, p. 38-52, 21 dez. 2018. Universidade Federal de Pelotas. Ver mais em: TENNIS, Joseph T.. Is There a New Bibliography? *Cataloging & Classification Quarterly*, [S.L.], v. 49, n. 2, p. 121-126, fev. 2011; TANSELLE, G.. Bibliographical History as a Field of Study. *Studies in Bibliography*, [S.L.], v. 41, p. 33-63, 1988.

¹¹² EMMETT, Rebecca Jane. **Networks of Print, Patronage and Religion in England and Scotland 1580-1604: the career of Robert Waldegrave**. 2013. 417 f. Tese (Doutorado) - Plymouth University, Plymouth, 2013, p. 8.

¹¹³ FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair. **An Introduction to Book History**. New York: Routledge, 2013, p. 7-11.

ordenação cronológica das diferentes versões, o que é central dentro da perspectiva bibliográfica da busca pelo original ou autoral.

Examinamos comparativamente essas duas edições críticas e os dados materiais levantados por elas, partindo de uma perspectiva mais próxima àquela proposta por McKenzie, a qual busca entender a relação entre o texto e o contexto em que foi produzido.

1.2.1 *Os manuscritos*

Todos os cinco manuscritos que encontramos, GrF 24, GrF 24.5, GrF 25, GrF 26, GrF 26.5, estão em diferentes instituições inglesas. Os mais estudados, sobre os quais possuímos informações bibliográficas, são GrF 24, GrF 25 e GrF 26. Os três manuscritos foram analisados por Gouws e/ou Kuhn, utilizados nas edições críticas do texto. Temos informações sobre origem, marca d' água, conteúdo e formato, sobre os quais pudemos nos debruçar e discutir mais a frente.

GrF 24, cuja encadernação é do século XIX, de couro de bezerro oliva e papel tufado¹¹⁴, se encontra na biblioteca Bodleian, em Oxford (Bodleian, Juel-Jensen E 5 [item 1]). No arquivo da biblioteca de Shrewsbury, está localizado o texto GrF 25 (MS 295.1). Citado por S. Blaine Ewing, em 'A New Manuscript of Greville's "Life of Sidney"' (1954), o manuscrito está encadernado em veludo, com o escrito "Life of Sr Phi Sidy1" na lombada, ambas adições posteriores, provavelmente do século XVIII. GrF 26, texto base para a edição crítica de Kuhn, se encontra Trinity College, Cambridge (MSS R. 7. 32, 33), se tratando de dois volumes uniformemente encadernados em couro preto¹¹⁵.

Encontramos poucas informações sobre GrF 24.5 fora do banco de dados da CELM. Localizado em Hertfordshire Record Office (DE/Hx/F 109, ff. [1r-81r]), a versão aparece em dois artigos do "English Manuscript Studies, 1100-1700", anual de Peter Beal, nos volumes 3 (Skretkowicz) e 6 (Gouws). A última versão manuscrita encontrada é a GrF 26.5, sobre a qual

¹¹⁴ GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxix; KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. 1xv.

¹¹⁵ EWING, S. Blaine. A New Manuscript of Greville's. **The Modern Language Review**, [S.L.], v. 49, n. 4, p. 424-427, out. 1954.

não encontramos registros fora do banco de dados da CELM. Trata-se de extratos, em diferentes mãos, anotados pelos quarto Conde de Bedford. Intitulado “Notes out of a dedication of the ould Lo: Brookes to Sr Phillip Sidney”, o documento aparece datado de c. 1629-30 (The Duke of Bedford, Woburn Abbey, HMC MS No. 23, pp. 246-65)¹¹⁶.

Com base no estudo das análises bibliográficas realizadas por Kuhn e Gouws, tentamos entender um pouco mais, nas suas materialidades, sobre a cultura manuscrita e na produção de textos no século XVII. Entendemos que a materialidade dos textos nos permite tentar compreender como um autor e um texto foram construídos. Organizamos o texto comparativamente entre os três manuscritos, GrF 24, GrF 25 e GrF 26, evidenciando as diferenças como pistas que nos permitem discutir como a materialidade modifica o meio de modo a mudar potencialmente, no limite, a própria mensagem.

1.2.2 Pontuação, grafia e escrita

Elementos materiais como a pontuação, escrita, tamanho e formato de um texto nos contam sobre a produção do texto, e pistas sobre, por exemplo, quem o escreveu, quando o escreveu e para qual finalidade.

A análise bibliográfica de um texto nos permite perceber quantos escribas estiveram envolvidos na produção de um determinado manuscrito. GrF 24 foi escrito em duas ou três mãos. Já GrF 25 foi escrito apenas por um copista. Os dois volumes de GrF 26 foram escritos por escrivães diferentes.

A produção dos manuscritos, seja realizada por secretários pessoais ou profissionais em oficinas, iniciava com a preparação dos materiais, como tinta e papel. Este último era muitas vezes preparado para a escrita com a aplicação de uma camada de resina, sendo dobrado ou cortado em seguida. O papel também poderia ser margeado, comumente em vermelho, especialmente na segunda metade do século XVII (como encontramos em GrF 24,

¹¹⁶ The Duke of Bedford, Woburn Abbey. CELM. Disponível em: <https://celm-ms.org.uk/repositories/bedford-woburn-abbey.html#bedford-woburn-abbey_id422489> Acesso em 26 ago 2018.

Fig. 8). As linhas eram riscadas com uma ponta seca ou corda. A prática mais comum era a encadernação posterior a escrita¹¹⁷.

Além dos passos necessários para a preparação do papel, a escolha do tipo de folha, da tinta e da pena eram determinadas a partir de considerações sobre o estilo desejado, e, no caso da venda, estaria diretamente relacionado ao preço pretendido. O valor do papel era ainda mais significativo nos manuscritos quando comparado aos impressos, o que significava um grande cuidado, por parte dos copistas, no ajuste do texto as páginas para a determinação do número de folhas a ser utilizado e tamanho da letra, estabelecendo, assim como o compositor dos textos impressos, o número de linhas por página de modo a manter uma média consistente de palavras por linha. Outra decisão tomada antes da escrita era a escolha de floreios e ornamentos, definidos pelo preço e propósito do texto, já que sua quantidade poderia variar e ser ajustada, determinando o tempo dedicado a escrita e espaço utilizado. Fatores estéticos dos textos, muitas vezes deliberados, são indicativos de possíveis intenções daqueles que elaboravam os textos e os encomendavam¹¹⁸.

A escrita na Inglaterra do século XVII era realizada principalmente de duas formas: a secretária e a itálica. Derivada de sua homônima gótica do século XV, a secretária era considerada de mais prestígio, muitas vezes para ser apresentada a leitores aristocráticos, preferida até a década de 1620. Seu nome provinha de seu grande uso em documentos oficiais e decretos pelos secretários reais dos Tudors. Já a letra itálica, possivelmente de mais fácil leitura, começou a ser utilizada na Florença do século XV por letrados humanistas para trazer distinção e clareza textos de autores clássicos que rejeitavam as tradicionais formas medievais tardias de escrita, inspirando-se nas letras antigas e na minúscula carolínea. Sua disseminação e circulação internacional contribuíram para uma certa uniformidade de escrita, principalmente em comparação às variações regionais e pessoais da secretária inglesa¹¹⁹.

¹¹⁷ LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001, p. 116-117.

¹¹⁸ LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 117-118.

¹¹⁹ LOVE, Harold. *Op. cit.*, p. 108-109; IOPPOLO, Grace. Early Modern Handwriting. In: HATTAWAY, Michael. **A New Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 177-189, p. 177.

Fig. 2 exemplo de secretária pequena e alfabeto, manual de caligrafia e de letras europeias, “A nevv booke, containing all sorts of hands vsually written at this day in Christendome” impresso em 1611¹²⁰

Fig. 3 alfabeto itálico, manual de caligrafia e de letras, “The pen's excellencie, or, The secretaries' delighte” de Martin Billingsley impresso em 1618¹²¹

¹²⁰ ANON. A nevv booke, containing all sorts of hands vsually written at this day in Christendome as the English and French Secretary, the Roman, Italian, French, Spanish, high and low Dutch, court and chancerie hands: with examples of each of them in their proper tongue and letter. Also an example of the true and iust proportion of the Romane capitals. Collected by the best approued writers in these languages. Imprinted at London: By Richard Field, 1611.

¹²¹ BILLINGSLEY, Martin. The pen's excellencie or The secretaries delighte wherein as well the abuses wh. are offered unto ye worthines of ye pen by unworthie pen men, are trulie discovered: as ye dignity of ye art itselfe by ye antiquitie, excellencie & diversitie thereof is breifly demonstrate together with an insertion of sondrie peeces, or examples, of all ye vsuall hands of England: as also an addition of certaine methodicall observations for writing, making of the pen, holding the pen, &c. Written by Martin Billingsley mr in ye art of writing The Greeke & Hebrew with other peeces never yet extant are hereunto by the authour exactlie added. [London] : Are to be solde by Io: Sudbury & George Humble in Popeshead alley, [1618?].

A escolha da letra dependia muitas vezes do tipo de texto a ser escrito ou copiado. Alguns dos outros diferentes formatos das letras eram a secretária bastarda e a romana. Também existiam aquelas utilizadas apenas em documentos específicos. Era ensinado ainda letras continentais como a secretária francesa. No começo do século, a letra mais utilizada era a secretária redonda, enquanto a secretária mais quadrada poderia ser encontrada em documentos formais. Algumas vezes, mais de uma letra era utilizada em um mesmo documento para evidenciar as partes do texto. O início do século também trouxe a prática do uso de uma letra mista, que combinava a itálica e a secretária. A partir da metade do seiscentos, a forma mais comum era a itálica arredonda, combinada com poucas letras secretárias¹²².

Entretanto, esta prática era pouco encontrada nos textos produzidos por copistas profissionais, dos quais eram cobrados textos escritos mais formalmente, que aderiam as regras e convenções da escrita. Era esperado de um copista profissional escrever das duas formas, secretária e itálica. Homens com mais posses e aristocráticos eram ensinados a ler e escrever também nas duas letras. O desaparecimento do uso da secretária pode ser traçado a disseminação da forma itálica e ao alfabeto tipográfico, dada exposição regular às letras impressas romana e itálica. A letra secretária se encontra em grande parte dos manuscritos sobreviventes do século restrita as suas primeiras quatro décadas¹²³.

Ao olharmos para a escrita dos manuscritos, elas nos podem fornecer pistas sobre o período em que foi escrito e sua finalidade. No caso das versões manuscritas do texto de Greville, podemos perceber diferenças claras: Em GrF 24 a letra grande itálica com influência secretária (**Fig. 8**); GrF 25, secretária com influência itálica (**Fig. 9**); o volume 1 de GrF 26 com letra pequena, secretária e quase em sua totalidade não cursiva enquanto no volume 2 a letra é pequena, cursiva e secretária com influência itálica (**Figs. 10 e 11**).

Podemos também estudar as diferenças entre a pontuação e grafia nos textos. Kuhn analisa a grafia e a ortografia de GrF 25 e 26. Pensando comparativamente os dois volumes de GrF 26, escrito por dois copistas diferentes, é possível perceber que o segundo raramente pontuava o texto enquanto o primeiro utilizava o ponto final para marcar o fim de uma

¹²² IOPPOLO, Grace. Early Modern Handwriting. In: HATTAWAY, Michael. **A New Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Malden: Wiley-Blackwel, 2010. p. 177-189.

¹²³ LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001, p.111-115; IOPPOLO, Grace. *Op. cit.*, p. 177-178.

sentença mas não colocava letra maiúscula no início. Mesmo a grafia das palavras tem variação entre os dois tomos, já que o primeiro copista adiciona a letra “e” para o particípio presente e adjetivos terminados em “cious”, o que não ocorrer nas outras versões do texto ou no segundo volume. O escriba de GrF 25 utiliza-se bastante de itálicos. Kuhn aponta também o uso dos dois pontos, o que sugere um hábito de pontuação mais antigo e a influência da retórica, da oralidade. É possível encontrar, ao longo do texto, um número considerável de espaços em brancos, marcados por determinado número de hífen, correspondentes ao número de letras de uma determinada palavra que possivelmente não foi entendida pelo copista. Possivelmente este pretendia retornar ao texto para completá-los, mas por algum motivo nunca o fez. A grafia de GrF 25, como também da versão impressa, se aproxima mais da moderna, o que pode ser entendido como evidência de uma produção mais recente, se comparado à GrF 26¹²⁴.

Como apontado por Bouza, e sua proposta da tríade comunicativa, a oralidade estava muito presente na sociedade do século XVII, como demonstrado, por exemplo, nas práticas de pontuação e grafia do período¹²⁵. Questões como imprecisão das letras, o uso de abreviaturas, pontuação e grafia estavam diretamente relacionados a forma como os manuscritos modernos eram transmitidos, principalmente ao serem copiados, e impactavam o entendimento final do texto.

Diferente de nossos costumes atuais, a pontuação na época moderna comumente variava de escritor a escritor, mais escassa e inconsistente mesmo em questões como o uso do ponto final, o uso de vírgulas, os dois pontos para proposições. O ponto final para a sinalização de uma sentença completa era muitas vezes não utilizado, especialmente no final da linha, sendo mais comum o uso dos dois pontos, do ponto e vírgula e da barra, enquanto o ponto de interrogação e o de exclamação muitas vezes se confundiam. Outro sinal representado de forma diferente era o hífen, muitas vezes aparecendo como sinal de igual (=).

¹²⁴ KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. xciii-xcvi.

¹²⁵ BOUZA ALVAREZ, F. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002.

O próprio termo *punctuation* só teria sido introduzido aos ingleses no final do século XV, sendo anteriormente utilizado *pointing*¹²⁶. *Pointing* se referia, no final da Idade Média, a um sistema de sinais representativos de pausa na leitura (em voz alta). A pontuação entre os séculos XV e XVII estaria passando por um período transitório, sendo regida por dois diferentes sistemas: o primeiro, retórico, marcaria pausas para respiração e agiria como um guia para a leitura em voz alta; já o segundo, lógico, mapeava a estrutura gramática de uma sentença, preocupado em expressar o relacionamento sintático entre as diferentes partes dela. A vírgula, os dois pontos e ponto final seriam as três pontuações principais e básicas que operacionalizavam o sistema no período. Entre os sinais de pontuação, os dois pontos podem ser entendidos como melhores representantes da função retórica e do primeiro sistema. Já o ponto e vírgula seria o melhor representante do período de transição entre a pontuação retórica e a sintática-semântica¹²⁷, sendo as vezes adicionado, em edições posteriores, no lugar dos dois pontos. A transcrição realizada pelos copistas era realizada muitas vezes da forma como havia sido realizada pelos autores, embora também fosse frequente que copistas profissionais realizassem um esforço de regularização da pontuação e grafia ao longo do texto¹²⁸.

Dada a não existência de uma padronização também da grafia, autores e escribas eram ensinados muitas vezes a copiar as formas de escrever das palavras de textos conhecidos ou baseado em sua pronúncia fonética, o que tornava mais difícil a diferenciação especialmente de homônimos como *there*, *their* e *they're*, sendo possível distingui-los apenas a partir de seu contexto textual. Inconsistências, variações e idiossincrasias na pontuação, capitalização ou sintaxe não podem ser entendidas como sintomas de pouca educação ou alfabetização dos escritores e copistas¹²⁹. Essas questões acabam por questionar certas determinações utilizadas

¹²⁶ “The term *punctuation* is not used in English in its modern sense until 1593, when the *Oxford English Dictionary* gives John Eliot’s French–English language manual *Orthoepia Gallica* as its first citation” RHODES, Neil. Punctuation as Rhetorical Notation? From Colon to Semicolon. **Huntington Library Quarterly**, [S.L.], v. 82, n. 1, p. 87-106, 2019.

¹²⁷ Introduzido pela primeira vez na década de 1490 em Veneza, o ponto e vírgula aparece em um texto inglês impresso na França em 1538, na Inglaterra apenas ganha popularidade no final do século. Embora, para leitores atuais, as duas pontuações nos textos do período podem parecer muitas vezes intercambiáveis, para leitores contemporâneos ao texto os dois pontos seriam entendidos retoricamente enquanto o ponto e vírgula teria a função de separar as sentenças do período. RHODES, Neil. Punctuation as Rhetorical Notation? From Colon to Semicolon. **Huntington Library Quarterly**, [S.L.], v. 82, n. 1, p. 87-106, 2019.

¹²⁸ IOPPOLO, Grace. Early Modern Handwriting. In: HATTAWAY, Michael. **A New Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 177-189, p. 183.

¹²⁹ *Idem, Ibidem*, p. 183-184.

nas edições críticas para a análise genética e datação das versões manuscritas, já que dentro da perspectiva de traçar “corrupções” do texto autoral, os autores julgavam determinados erros como sendo do copista ou do autor para inferir o quão próximas ou distantes estavam do “original”, como podemos perceber no seguinte trecho de Gouws: “Embora seja um pequeno erro, e que é facilmente omitido na leitura, dificilmente é um erro que Greville, com seu comando evidente de sintaxe suspensa, teria cometido”¹³⁰.

A seguir inserimos imagens de páginas das três versões manuscritas (GrF 24, 25 e 26). A primeira é do primeiro fólio de GrF 24, o qual tivemos acesso (digital). As imagens dos dois outros manuscritos estão disponíveis na edição crítica de Kuhn, e por isso se encontram em qualidade reduzida¹³¹. Acreditamos ser interessante disponibilizar as três imagens em seguida para que possamos visualizar as discussões apontadas anteriormente sobre a materialidade das versões (em especial a pontuação, grafia e escrita) podem ser observadas comparativamente, apesar da qualidade.

Um dos primeiros aspectos que nos chama a atenção é a diferença entre os tamanhos dos textos, sobre os quais discutimos na próxima seção da dissertação. O segundo ponto de maior destaque é a diferença entre as letras, claramente realizadas por diferentes copistas, e, como apontamos anteriormente, GrF 24 (**Fig. 8**) em itálico, de mais fácil leitura, a partir do olhar contemporâneo, e GrF 25 (**Fig. 9**) e 26 (**Figs. 10 e 11**) em secretário, o primeiro mais angular (com influência itálica), e o segundo em dois volumes de copistas diferentes, o primeiro tomo em letra arredondada e não cursiva, e o segundo cursiva angular (com maior influência itálica).

¹³⁰ Trad. livre. “Although it is a small error, and one which is easily glossed over in reading, it is hardly one which Greville, with his evident command of suspended syntax, would have made himself” GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xlvi.

¹³¹ KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. xciii-xcvi.

Figs. 4, 5, 6 e 7 Sir Philip Sidney escrito nos três manuscritos, GrF 24, 25 e 26 (v1 e v2). A primeira imagem, de GrF 24 com grafia diferente (Philip, com só um L), escrita em itálico. A seguir os nomes escritos em secretário (grafados com dois L), ordenados de maior para menor influência itálica (GrF 26 v2, GrF 25 e GrF 26 v1)

A princípio, a popularização da letra itálica acontece principalmente depois da década de 1620, após a morte de Greville. As duas cópias em secretário apresentam diferentes níveis de influência secretária, o que também era comum para o período, bem como a utilização de determinadas palavras em itálico ao longo do texto para destaque, como é encontrado ao longo de GrF 25. É mais provável as versões GrF 25 e GrF 26 tenham sido produzidas nas primeiras quatro décadas do século XVII, já que a maioria dos manuscritos secretários foram escritos até essa data.

Podemos observar em GrF 24 (**Fig. 8**) o uso de pontuação como vírgulas, ponto final, ponto e vírgula (mais ligado ao sistema de pontuação sintático-semântico) e maiúsculas, como indicamos em vermelho. Também observamos o uso de abreviaturas, diferentemente do impresso, o qual também apresenta o texto dividido em parágrafos. Marcamos em azul o margeado em vermelho (que não existe nos outros manuscritos) característica mais comum da segunda metade do século, a organização do texto em capítulos e a indicação do número do fôlio.

Fig. 8 primeiro fôlio de GrF 24132, grifo nosso

Já em GrF 25 (Fig. 9), a pontuação também é frequentemente utilizada, com as marcações de final de parágrafos pontuadas pela barra (/). Encontramos também o uso dos dois pontos, como apontado por Kuhn, em vez do ponto final, uma prática de pontuação mais

¹³² Juel-Jensen E 5 [item 1], Bodleian Library.

ligada ao sistema de pontuação retórica e da oralidade. Ambas pontuações estão indicadas em vermelho. Embora também contenha abreviaturas, o número da página não é indicado pelo copista, que também não margeia os fólhos.

multe by a succession more of them, and so he was in a manner
as it passed them without pause or remission: then
for by this stand an unfortunate hazard out of the
for a sudden trench; but the horse of Sir Philip
thigh with a misfired shot; the horse fell, and so
with a furious cry, and so he was brought down, and
so forced him to forsake the field, but not his back
so he was not and so he was to carry a little
Commander to his grave.

For the said progress passing along by the west
of the Army, where his horse the General saw
and being very much oppressed by bleeding, he called
for drink, and was presently brought him; but as he
was putting the bottle to his mouth, he saw a party
of soldiers running along, and he had not time to
the same flight, and so he was up his eyes at the
same bottle, and Sir Philip was running to it from
his horse before he drank, and delivered it to the
person with the sword, they were by it, not greater
then, and when he had pledged his own soul
then, he was presently carried to the church.

Where the principal Chirurgians of the Camp
attended for him, some, mercifully out of gentle
others for honour to their Art, but most of them
with a true zeal (compounded of love & reverence)
to do him good, and (as they thought) many nations
in him. When they began to dress his wound
he both by way of advice and charge told them that
while his pain was not ended, his body free
from fear, and his mind able to endure, they
might safely operate; but, with and seek to
be done for besides the hope of health, he would
make his party or possessor of the payne
he must suffer, that they should be witnesses
they had indeed a sensible nature, man under
their hands, yet one, to whom a stronger spirit
had given power above him, so as either to do or
suffer. But if they should more neglect his
Art, and more torment in the darkening of
nature, their ignorance or oversight, would
prove a kind of tyranny to him, from which
consequently a blessing to him, and so he was
with

Fig. 9 fólho de GrF 25¹³³, grifo nosso

¹³³ KUHN, Joaquin Charles. *An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney*. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. 1xv.

Fig. 10 fólio de GrF 26¹³⁴, volume 1, grifo nosso

O primeiro tomo de GrF 26 (Fig. 10) utiliza frequentemente pontuação, como o ponto final para finalizar uma sentença, a barra para indicar um novo parágrafo, a vírgula e o ponto e vírgula (novamente, parte de uma pontuação mais sintática). O primeiro copista também aponta o capítulo no cabeçalho da página e indica o número do fólio. Já no segundo volume do manuscrito (Fig. 11), percebemos o pouco uso da pontuação, mas o novo período é capitalizado. Também não há indicação da numeração do fólio. Ambos volumes utilizam-se de abreviaturas¹³⁵.

¹³⁴ KUHN, Joaquin Charles. *An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney*. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. 1xx.

¹³⁵ KUHN, Joaquin Charles. *Op. cit.*, p. xciii-xcvi.

1.2.3 *Tamanho, formato e marca d' água*

Para entendermos mais sobre os diferentes tamanhos e formatos das versões manuscritas, precisamos discutir um pouco mais sobre o material que permitiu sua sobrevivência e transmissão: o papel. A escrita começa com a escolha do papel, influenciando os processos de produção tanto do manuscrito como do impresso. Embora ainda alguns documentos oficiais fossem produzidos em pergaminho e velino, ambos de pele animal, a partir do século XV o material mais utilizado para a escrita era o papel. Na Inglaterra do século XVII, a maior parte do papel era importando do continente, sendo principalmente da França e Itália¹³⁷.

A manufatura do papel era realizada a partir de pedaços de tecido reduzidos a uma polpa. As folhas tomavam forma quando o artesão mergulhava um molde retangular de madeira e arame na mistura de tecido, sacudindo-o para drenar o excesso de água e assentar as fibras. O papel era então deixado para drenar e secar, resultando em uma superfície uniforme, mas marcada pelo arame do molde, especialmente visível se colocado contra a luz, utilizado por bibliógrafos para a análise do papel e formato¹³⁸.

A marca d' água é o desenho colocado nos arames na superfície superior do molde, utilizados em pares, e tradicionalmente posicionados no meio de uma das metades da folha, de modo a ser visto verticalmente em um fólho. Muitas vezes é também encontrado uma contramarca na outra metade da folha. Originária dos símbolos do manufactureiro, as marcas se transformaram ao longo do tempo de modo a serem indicadores de dimensão e qualidade do papel. Alguns dos desenhos mais comuns são o jarro, o escudo, as uvas, a flor-de-lis e iniciais¹³⁹.

O tamanho médio de uma folha de papel, recortada a partir de um desses moldes de arame e madeira, tinha aproximadamente 61 por 40 centímetros. Quando dobrada verticalmente, constituía um bifólho, ou seja, quatro páginas, com dois rectos e dois versos.

¹³⁷ LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001, p. 103.

¹³⁸ LOVE, Harold. *Op. cit.*, p. 101-102; IOPPOLO, Grace. Early Modern Handwriting. In: HATTAWAY, Michael. **A New Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 177-189, p. 186.

¹³⁹ IOPPOLO, Grace. *Op. cit.*, p. 186.

Havia diferenças entre os papéis produzidos para a escrita e os para impressão, dado que os primeiros normalmente eram menores e com maior quantidade de gelatina, tendo relação com a pena e tinta de modo a não borrar¹⁴⁰.

Analisar o tamanho e formato dos manuscritos também nos fornece informações centrais sobre sua produção, custo e finalidade. Essa é uma discussão também importante para o mundo dos impressos, discussão para a qual voltamos nos capítulos 3 e 4 da dissertação. A primeira e mais clara diferença é que enquanto GrF 24 e 25 têm apenas um volume, GrF 26 possui dois. GrF 24 e 25 foram manuscritos em fólhos, medindo respectivamente 300x191mm e 340x216mm¹⁴¹. Vemos uma diferença maior se compararmos aos dois volumes de GrF 26, escritos em oitavos medindo 131-5 x 70mm e 130 x 72mm¹⁴². Reflexo das escolhas da produção, como a escrita, o formato e a paginação, o número de páginas das versões varia bastante. GrF 24 possui 96 fólhos, GrF 25 tem 46, o volume 1 de GrF 26 tem 75 e o 2 tem 61.

Para realizar uma análise da marca d' água de um documento é preciso compará-la a outros textos em que se é conhecida a origem e data. Pesquisadores, desde o século XVIII, buscaram catalogar e classificar marcas de acordo com temas dos desenhos, no qual podemos consultar procurando similaridades com determinada marca d' água¹⁴³. Entre os mais conhecidos catálogos estão Heawood, Brisquet e Tramonin. Além dos livros físicos, pesquisadores vem realizando esforços para centralizar as marcas catalogadas em bancos de dados online, como *The Thomas L. Gravell Watermark Archive*¹⁴⁴, *Bernstein Memory of Paper*¹⁴⁵ e *Watermarks in Incunabula printed in the Low Countries (WILC)*¹⁴⁶.

¹⁴⁰ LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001, p. 102-103; IOPPOLO, Grace. Early Modern Handwriting. In: HATTAWAY, Michael. **A New Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Malden: Wiley-Blackwel, 2010. p. 177-189, p. 186-187.

¹⁴¹ Kuhn faz uma medição diferente deste manuscrito: 343x210mm.

¹⁴² Kuhn faz uma medição diferente destes manuscritos: 135x73mm

¹⁴³ DANE, Joseph A. **What Is a Book?: The Study of Early Printed Books**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2012, p. 53.

¹⁴⁴ MOSSER, Daniel W.; SULLIVAN II, Ernest W.. **The Thomas L. Gravell Watermark Archive**. 1996-. Disponível em: <www.gravell.org> Acesso em 13 mar 2020.

¹⁴⁵ **Bernstein Memory of Paper**. Disponível em: <http://www.memoryofpaper.eu:8080/BernsteinPortal/appl_start DISP#> Acesso em 13 mar 2020.

¹⁴⁶ **Watermarks in Incunabula printed in the Low Countries (WILC)**, National Library of the Netherlands, The Hague. Disponível em: <<http://watermark.kb.nl>> Acesso em 13 mar 2020.

As folhas de papel do século XVII, criadas nos moldes únicos em que os papéis foram produzidos, são potencialmente identificáveis a partir de uma combinação de análise das linhas de corrente, de arame e das marcas d' água. Diversos pesquisadores abordaram essas marcas como as “impressões digitais” dos papéis, capazes de distinguí-las e apontarem seu produtor. Entretanto, a quantidade de bibliógrafos que estudaram e catalogaram essas marcas são insuficientes para construir uma metodologia sólida para sua análise. Um dos maiores e mais conhecidos catálogos bibliográficos é *Les Filigranes* de C. M. Briquet (1907)¹⁴⁷, no qual o autor copiou a mão milhares de marcas, de documentos manuscritos e impressos datados, organizados pelo tipo de desenho. O processo de identificar uma marca no documento a ser estudado e comparar a outras marcas catalogadas procurando similaridades resultaria em uma possível datação aproximada. O mesmo processo é realizado por Gouws e Kuhn para procurar as marcas dos manuscritos em Heawood. Dane, entretanto questiona se as informações obtidas pelo processo de comparação seriam confiáveis. Pensar que uma marca d' água que seja similar a outra signifique necessariamente que essa foi produzida no mesmo período e talvez no mesmo lugar pode ser um erro já que passam por muitas imprecisões, para além da subjetividade do olhar do pesquisador. Esse método seria confiável apenas para as marcas idênticas¹⁴⁸.

Tivemos acesso ao catálogo organizado por Heawood¹⁴⁹, o qual também é utilizado por Kuhn e Gouws para analisarem as marcas d' água dos manuscritos. A partir das imagens retiradas de Gouws, obtivemos reproduções das marcas d' água dos três manuscritos. Ambas edições críticas realizaram uma análise comparativa das marcações, as quais serviram de base para as estimativas de datação dos manuscritos. A marca d' água (**Fig. 12**) encontrada em 47 folhas de GrF 24, é similar a Heawood 2179 (**Fig. 13**), datada aproximadamente de 1638¹⁵⁰. Os autores discordam em suas análises da marca d' água (**Fig. 14**) encontrada em 23 folhas de GrF 25: enquanto Gouws acredita que seja a Heawood 140 (1625) (**Fig. 15**), Kuhn aponta

¹⁴⁷ Briquet, Charles-Moïse, *Les filigranes*. Dictionnaire historique des marques du papier dès leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600. Amsterdam: Paper Publishing Soc., 1968. Disponível em: <<http://www.ksbm.oaaw.ac.at/scripts/php/BR.php?IDtypes=127&lang=fr>> Acesso em 13 mar 2020.

¹⁴⁸ DANE, Joseph A. *What Is a Book?: The Study of Early Printed Books*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2012, p. 53-55.

¹⁴⁹ HEAWOOD, Edward. *Watermarks: Mainly of the 17. and 18. Cent.* Hilversum: Paper Publications Society, 1957.

¹⁵⁰ GOUWS, J. S.. *An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney*: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxix.

para uma maior similaridade com Tramonin 463 (1633) ou Heawood 136 (1611) (**Fig. 16**). Já aquela encontrada em GrF 26 (**Fig. 17**) é de difícil identificação dado o formato do manuscrito¹⁵¹. Kuhn aponta similaridade a Heawood 3652 (**Fig. 18**), datada de 1635, com exceção do design floral, que se aproxima mais da Heawood 3674 (**Fig. 19**), de 1678¹⁵².

A seguir se encontra a imagem de Gouws da marca d' água presente em GrF 24 (**Fig. 20**). Acreditamos que essa seja a análise mais bem-sucedida, em comparação as outras marcas d' água, não tanto pela similaridade e mais pela presença das siglas IVG. Pela quantidade relativamente menor de diferentes siglas, podemos traçar com certa confiança a proveniência da marca d' água e do papel francês em que ela se encontra, de proveniência normanda. As siglas IVG muito provavelmente se referem a I. Vaulegard. A família Vaulegard é conhecida pela fabricação de papel¹⁵³. A direita encontra-se a representação realizada por Heawood em seu catálogo, enquanto à esquerda temos a imagem da marca d' água encontrada em GrF 24.

Fig. 12 GrF 24, f. 46, retirado de Gouws (1976)¹⁵⁴

Fig. 13 Heawood 2179

¹⁵¹ GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxxv.

¹⁵² KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973,

¹⁵³ DUBLIN T, Robert Thompson: 'A further look at the consort music manuscripts in Archbishop Marsh's Library, Dublin', *Chelys* 24 (1995), p. 3-18.

¹⁵⁴ GOUWS, J. S.. *Op. cit.*, p. xxix.

Já a marca d' água presente em GrF 25 teve análises diferentes dos dois pesquisadores. A seguir, podemos observar na direita as escolhas de Kuhn e Gouws de representações de Heawood (**Figs. 14 e 15**) e na esquerda a imagem da marca encontrada no documento (**Fig. 13**). Temos menos confiança nas comparações de similaridades entre as marcas, embora tendemos a concordar mais com a análise de Gouws.

Fig. 14 GrF 25, f. 25, retirado de Gouws (1976)¹⁵⁵

Figs. 15 e 16 Heawood 140 e 136

A última imagem de marcas d' água é do documento GrF26. Gouws acredita que seja difícil identificá-la, dado o formato do documento (oitavo) e o posicionamento das marcas. Documento base para a edição crítica de Kuhn, o autor discorda de Gouws ao apontar similaridades com elementos de duas marcas d' água representadas por Heawood (**Figs. 19 e 20**). Concordamos com Gouws ao não conseguirmos analisar precisamente a imagem, especialmente sem termos acesso ao documento, somente a partir das imagens disponibilizadas pelo autor (**Figs. 21 e 22**).

¹⁵⁵ GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxxi.

Figs. 17 e 18 GrF 26, fols. 9 e 43, retirado de Gouws (1976)¹⁵⁶

Fig. 19 Heawood 3652

Fig. 20 Heawood 3674

Embora a identificação das marcas d' água tenha o objetivo de contribuir para o estudo de determinado documento e tenha sido muito utilizado no campo da bibliografia, essa identificação tende a ser um tanto imprecisa e a não contribuir com tantas informações como muitas vezes é esperado. A comparação por similaridades entre marcas d' água teria a potencialidade de nos indicar os aspectos sobre o papel a partir da identificação de quem o produziu, dando apontamentos sobre o ano e sua origem. A origem nos pode fornecer dados sobre a qualidade do papel e assim pistas sobre a finalidade e o custo daquele manuscrito. Entretanto, para nós, o aspecto que tornava a análise das marcas mais interessante seriam

¹⁵⁶ GOUWS, J. S.. *An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney*: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxxv.

indícios do período em que esse papel foi produzido e utilizado para a elaboração dos manuscritos.

A maior parte das produções a respeito dos manuscritos de Greville foram realizadas a partir dos princípios bibliográficos da busca por uma produção autoral. Dessa forma, nenhuma das análises que tivemos a oportunidade de trabalhar deu ênfase ao período em que esses manuscritos foram produzidos para além de uma tentativa de entender qual deles se aproximava mais da escrita original do autor. Abordamos a seguir algumas das conclusões dos autores e como pretendemos ressignifica-las. Todavia, para a discussão momentânea sobre datação e marcas d' água procuramos inicialmente entender se estes textos haviam sido escritos no período de vida de Greville e circulando posteriormente, ou se eram cópias dos textos que haviam circulado na época do cortesão. Nossa segunda pergunta foi se estes textos teriam parado de circular ou se foram copiados após a publicação da versão impressa de 1651.

Após nossa análise, percebemos que quanto mais precisa for a pergunta que fizemos às marcas d' água, mais imprecisa poderá ser sua resposta. Mesmo se partirmos da ideia que a interpretação das marcas d' água pode ser um mecanismo confiável, as respostas dadas pelos autores são múltiplas. Caminhando do mais impreciso para o mais preciso, as marcas d' água de GrF 26, parcialmente identificadas por Kuhn, apontam duas datas muito distintas: 1635 e 1678. Embora ambas sejam posteriores a morte de Greville (1628), não conseguem responder a nossa segunda pergunta. Já as marcas encontradas em GrF 25, são similares as marcas de 1625 (Gouws), 1633 e 1611 (Kuhn), abrindo espaço para dúvida em relação a nossa primeira pergunta, mas provavelmente copiadas antes da versão impressa (1651). A identificação mais precisa, de GrF 24 por Gouws, é datada de 1638, e potencialmente responderia as duas questões, sendo copiada postumamente e antes da versão impressa.

Percebemos que, embora marcas d' água não sejam a melhor fonte para responder nossas questões iniciais, elas ainda são uma das únicas pistas para discutir o período em que o manuscrito foi produzido. Dessa forma, somos capazes de afirmar que existem indícios que apontam para a circulação e cópia do texto no período posterior a morte de Greville mas não possuímos indicações de novas cópias após a publicação impressa. Entretanto, isso não vem a significar que sua circulação se restringiu ao período anterior ao impresso.

Podemos também juntar e comparar as informações levantadas sobre os documentos em relação a uma possível datação. A análise de pontuação, grafia e escrita, sugere que

cronologicamente que GrF 25 e GrF 26 teriam sido os primeiros textos a serem produzidos, o documento GrF 24 sendo o mais recente. A comparação entre as marcas d' água e os catálogos bibliográficos apontam para uma ordenação parecida: GrF 25 (1625 ou 1633 ou 1611); GrF 26 (1635 ou 1678); GrF 24 (1638). Nosso próximo tópico, análise genética, discute o processo de relacionar as versões e entender o processo de transmissão e cópia do texto, no qual debatemos um pouco mais sobre quando os textos foram produzidos.

1.3 Análise genética

A partir da análise material e textual das diferentes versões manuscritas mencionamos pontualmente reflexões a respeito do período e ordem em que cada manuscrito foi copiado. Procurando refazer o caminho das cópias e revisões dos documentos, tanto Kuhn quanto Gouws montaram estemas (*stemmas*), uma tradicional ferramenta da filologia para o estudo de manuscritos.

Grande parte da crítica textual moderna parte da ideia de dedução do texto original autoral baseando-se na elaboração de um modelo genético de forma a dar conta das variações textuais presentes na cultura manuscrita. Com origem no século XVIII e batizado de *stemma codicum* por Carl Zumpt no XIX, o método é teorizado por Karl Lachmann no mesmo século, o qual postulava que os erros presentes em diversas cópias manuscritas de um mesmo texto poderiam ser utilizados para traçar o momento em que foram cometidos pela primeira vez. A construção do estema se daria então ao retrair esses erros dentro de uma mesma árvore familiar, e a partir disso o editor poderia retornar ao texto original. Muitos dos métodos para a elaboração de edições críticas do século XX são herdeiros do método lachmanniano¹⁵⁷.

Podemos identificar algumas dessas indicações teóricas nas edições críticas aqui estudadas, por elaborarem estemas com base nas variações e em “erros” presentes nos manuscritos e ao terem, em especial Kuhn, como central em seus trabalhos estabelecer elementos autorais no texto. O objetivo dos autores em construírem seus estemas era entender, a partir dos processos de transmissão dos manuscritos no século XVII, quais teriam sido as

¹⁵⁷ SARGENT, Michael G. Manuscript textuality. In: FRAISTAT, N.; FLANDERS, J. (ed.). **The Cambridge Companion to Textual Scholarship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 224-235, p. 232.

alterações realizadas pelo próprio Greville e qual das versões seria a mais “finalizada” ou “revisada” pelo autor.

Críticas ao método lachmanniano e suas derivações e a elaboração do *stemma codicum* ganharam força na filologia, especialmente após os anos 1980. Essa classificação genealógica se organiza a partir da idealização de um arquétipo original. Para Moreira, ao se pensar os textos apógrafos, não compostos pelo autor mas por escrivães, pressupõe-se que, por serem cópias, teriam sido copiados de um original autoral, e dessa forma “o conceito de “genuinidade” apresenta-se-nos como um instrumento analítico-interpretativo cujo estatuto epistemológico não foi questionado”¹⁵⁸. O autor afirma que

estamos diante de uma velha miragem criada pela filologia oitocentista que, ao por-se a construção de um *stemma codicum* [estema] que evidenciasse as filiações genéticas entre os membros de uma dada tradição [...] acabou por estatuir uma categoria, historicamente situável - a de “autoria” - , o cerne de uma disciplina de caráter histórico -a filologia- e, ao fazê-lo, sancionou os usos anacrônicos e anacronizantes dessa e de outras categorias, ao deshistorizá-las” que pensa, como Cerquiglini que a partir da noção de corrupção textual que toda cópia é um declínio¹⁵⁹.

O estema de Gouws se organiza a partir de três arquétipos que iremos chamar de *a*, *b* e *c*, em ordem cronológica. As mudanças realizadas entre eles teriam sido autorais. Partindo da hipótese de que Greville possuía o hábito de revisar constantemente seu texto e de que ele teria trabalhado nesta obra por vários anos, Gouws faz uma árvore genealógica a partir da análise das variações de conteúdo e de “alterações” na escrita (grafia, pontuação, etc)¹⁶⁰.

Podemos entender o estema a seguir, adaptado por nós com base no estema de Gouws, em seus três arquétipos autorais (*a*, *b* e *c*) a partir dos quais os manuscritos GrF 24, 25 e 26 são originados. O estema não é organizado para demonstrar a ordem cronológica da produção das cópias, mas sim a cronologia dos arquétipos e a genealogia dos manuscritos. Desta forma, o primeiro arquétipo *a* seria uma primeira versão do texto escrito por Greville, do qual foram

¹⁵⁸ MOREIRA, Marcello. *Crítica Textualis in Caelum Revocata?*: uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Edusp, 2011, p. 54.

¹⁵⁹ *Idem, Ibidem*, p. 54-55.

¹⁶⁰ GOUWS, J. S.. *An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney*: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xlv.

copiados os textos GrF 24 e 25. Gouws especula que provavelmente os dois manuscritos foram produzidos de uma cópia de um rascunho autoral não revisado.

O arquétipo *b* seria o estágio de revisão autoral seguinte do texto, o qual, para Gouws, teria originado GrF 26, novamente com pelo menos uma cópia apócrifa entre o texto escrito por Greville e o referido manuscrito. Gouws acredita que a edição impressa seja originária de ainda outra revisão posterior, da qual teria sido copiado o manuscrito que originou o texto de 1651.

Fig. 21 Estema adaptado de Gouws¹⁶¹

Kuhn organiza seu estema de dois arquétipos autorais principais, *a* e *b*, sendo *b* a versão mais revisada do texto. O autor parte de pressupostos semelhantes a Gouws, mas obtém um resultado diferente. Como era costume a utilização de secretários para realização de cópias seguidas de revisões autorais destas, Kuhn tenta retrair “erros” ocasionados da produção dos textos pelos escribas.

Com base na primeira versão do texto, *a*, GrF 25 é copiado. O autor acredita que GrF 24 seria uma cópia de GrF 25. Ao olharmos a outra metade da árvore genealógica, percebemos que *c* e *d* seriam cópias do arquétipo *b*. Da cópia *c* teria originado o manuscrito impresso em 1651. Kuhn argumenta que *d* teria passado por pequenas revisões autorais, da qual foi originado o manuscrito GrF 26. O autor estima ser a versão mais revisada do texto de Greville. Dessa forma, na interpretação de Kuhn, a versão GrF 26 seria considerada a última versão de Greville se comparado com aquela que originou a versão impressa de 1651.

¹⁶¹ GOUWS, J. S.. *An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney*: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xlv.

Fig. 22 Estema adaptado de Kuhn¹⁶²

Os dois estemas se diferenciam já pelo número de arquétipos, enquanto Gouws estabelece três diferentes estágios de revisão do texto por Greville, Kuhn organiza os manuscritos com dois, já que para o autor a versão representada por *d* teria sofrido poucas alterações por Greville. Uma segunda diferença evidente se encontra no tronco esquerdo dos estemas, em relação à família *a*, pois enquanto Gouws acredita que GrF 24 e GrF 25 tenham sido originados a partir de uma cópia escriba de *a*, Kuhn estabelece GrF 25 como cópia direta de *a* e GrF 24 como sendo produzido a partir dela.

Ao compararmos o tronco esquerdo das árvores percebemos outra diferença: para Gouws GrF 26 se origina do arquétipo *b* e o impresso de 1651 do arquétipo *c*; já Kuhn estabelece que ao terem sido realizadas duas cópias do arquétipo *b*, 1651 teria sido originado da cópia *c* e GrF da segunda cópia, representada por *d*, a qual teria sofrido pequenas alterações autorais. Dessa forma, a grande diferença na interpretação genética desses troncos se dá ao ser estabelecido, por Kuhn, que o manuscrito que mais se aproximaria da versão “mais revisada”, ou final, seria a GrF 26, enquanto para Gouws esse seria o impresso de 1651. Embora a primeira vista essa não pareça ser uma diferença tão impactante, se pensarmos o resultado final de suas edições críticas, essa por ter sido o posicionamento mais crucial. Isso porque veio a determinar qual seria o texto base para as edições críticas: ao tentarem se

¹⁶² KUHN, Joaquin Charles. *An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney*. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. lxxvii.

aproximar ao máximo do ideal autoral, os autores escolheram aquela que acreditavam ser o texto mais “concluído”, sendo esse 1651 para Gouws e GrF 26 para Kuhn.

Assim, se pensarmos na crítica apontada por Moreira, à noção de autoria, de uma idealização de um original autoral estava no cerne das duas edições críticas, seja presente mais diretamente na argumentação, como no caso de Kuhn, seja mais nas escolhas, como percebemos em Gouws. Um primeiro ponto que levantamos é que ambas, ao partirem do pressuposto de autoria, procuram entender e justificar as variações entre as cópias como “erros” dos copistas ou como frutos de revisões, debatendo o mérito de serem ou não autorais. Essas diferenças entre as cópias são vistas apenas como corrupções e, por isso, os autores acabam por não questionar a extensão das implicações de mudança de sentido ocasionadas e como elas potencialmente vieram a alterar o entendimento do texto por leitores do período.

Chegamos na importância de entendermos e levantarmos os estemas dos autores: as variações entre os manuscritos, as quais foram objeto de escrutínio de Kuhn e Gouws são, para além de questões de “erros”, grafia e pontuação, as diferenças entre os conteúdos dos textos. Os estemas nos ajudam a entender mais sobre a produção e circulação dos manuscritos no período, e dessa forma, a contribuir para pensarmos nossa hipótese inicial de pesquisa, pois, os autores, ao procurarem o autoral, evidenciam o diferente.

Propusemos uma releitura de suas análises. Elas, ao procurar o autoral, acabaram deixando de lado os processos históricos e as perguntas que procuram reconhecer o por quê ou como as alterações e modificações presentes nos manuscritos contribuem para um maior entendimento de seus contextos específicos de produção e circulação.

Questionamos a ideia da primazia do original, a sacralização de uma genialidade do autor a ser alcançada, a noção de entender “erros” como corrupções. Assim, procuramos apontar as variações textuais presentes nos manuscritos na próxima seção do capítulo procurando entender como elas são pistas da cultura manuscrita na época, na forma como os textos eram produzidos, revisados e copiados, e para iniciarmos uma discussão a respeito da forma como estas variações implicariam sua circulação e leitura.

Ao longo do capítulo, nosso objetivo principal foi apresentar as versões manuscritas (e o tipo de acesso que tivemos a elas) e suas materialidades. Para isso discutimos os processos de produção escrita no século XVII, o impacto da imprensa e como o texto de Greville se encaixava nesse contexto. Os manuscritos floresceram no período a partir da especialização da produção, seja com textos mais curtos ou com menor número de cópias, seja pela chave da distinção e coleção. Como no caso de Greville, fazia mais sentido economicamente e por convenção (inserida numa cultura de coleção) a preferência por uma produção manuscrita para textos mais curtos e com poucas cópias. A própria definição de publicação, que muitas vezes relacionamos com o processo de impressão, é mais ampla. A prática da cópia de textos por secretários pessoais para uma circulação controlada era muitas vezes solicitada pelos autores e leitores, como observamos no texto que é objeto de nossa pesquisa (parte da discussão da proveniência das versões, realizada no próximo capítulo).

Objetivamos entender o que os aspectos materiais poderiam contribuir para melhor entendermos os processos de produção das cópias e seus efeitos nos “produtos finais”. Temos analisado se existem elementos suficientes para se determinar uma cadeia de transmissão e datação dos manuscritos. A partir da análise material das versões, refletimos sobre aspectos como grafia, pontuação, letra e formato. Apesar dos manuscritos não apresentarem nenhuma marca distinta ou estilo diferenciado daquele encontrado na maioria dos textos escritos no período, propusemos questões sobre quando foram produzidos. Percebemos as dimensões retóricas do texto e suas expressões na materialidade. A pontuação, por exemplo, está ligada a questão da oratória, sendo mais próxima aos marcos da leitura em voz alta do que a um sistema já desenvolvido de organização sintática.

Questionamos também as marcas d’ água em relação à datação dos documentos. Percebemos respostas compatíveis (mas com suas diferenças) das duas análises e os limites da examinação desses elementos. Tudo isso mostra quanto resulta mais útil alargamos o escopo de nossas perguntas e discutirmos a respeito de datação em relação à dois marcos: após a morte de Greville e depois da versão impressa.

As interpretações dos autores que abordamos ao longo do capítulo, e, em especial, a respeito das mudanças entre os dois grupos de textos se encontram amarradas em sua tese com a preocupação com as motivações autorais. Quando Gouws relata sobre um possível caminho e os motivos para essas alterações (as quais discutimos de forma mais aprofundada

no próximo capítulo), ele o faz entendendo as diferentes versões como estágios de edição por Greville, buscando a forma como os textos eram revisados pelo autor. Suas intenções para com o conteúdo e estética que compõem, para Kuhn e Gouws, o texto como obra. Quando Kuhn faz suas inferências e comparações entre os manuscritos, ele o faz procurando qual das versões possui uma “superioridade textual” em relação às outras.

No entanto, argumentamos, ao longo do capítulo, que embora as conclusões e interpretações que regem os trabalhos desses autores não sejam necessariamente compartilhadas por nossa pesquisa, suas descrições, análises e observações nos são muito úteis para melhor entendermos como esses documentos foram produzidos, circularam e foram lidos no período, e dessa forma, como, ao longo do tempo, foram construídos a obra e o autor.

Ao trocarmos a ênfase de discutir o processo de revisão e o mérito autoral do texto para debatermos seus contextos individuais e compartilhados a partir de elementos materiais e textuais, pretendemos compreender melhor o impacto destes na leitura e entendimento dos documentos e suas particularidades, evidenciando suas historicidade. Nossos protagonistas passam então a ser os textos e seus suportes materiais, buscando escapar da dicotomia do autor e obra.

Estudar essas questões, e entendendo melhor o contexto de produção e sobre a datação das diferentes versões manuscritas, nos ajudam a situá-las para fora de uma oposição temporal à versão impressa, mas sim de coexistência. Nosso acesso limitado às versões manuscritas, embora tenha impossibilitado certos aspectos da análise material, acabaram nos levando a discutir mais extensivamente as edições críticas e a problematizar seus entendimentos sobre o autoral e a originalidade, possibilitando-nos a pensar diferentes estratégias metodológicas para podermos dar conta de nossas questões.

Apontamos em nosso primeiro capítulo quais são elementos que nos foi possível acessar e quais as possíveis pistas que eles nos dão sobre o contexto da produção manuscrita na Inglaterra do século XVII. Esses, sejam eles materiais ou textuais, foram utilizados para montar um panorama de sua circulação, leitura e coleção na época, os quais discutimos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2: MATERIALIDADE E TEXTUALIDADE: CIRCULAÇÃO, COLEÇÃO E LEITURA DAS VERSÕES DE “A DEDICATION TO SIR PHILIP SIDNEY”

Lastly, for the Stile; as it is rich, or poor, according to the estate,
and ability of the Writer, so the value of it shall be enhansed, or
cried downe, according to the grace, and the capacity of the
Reader, from which common Fortune of Bookes, I look for no
exemption

GREVILLE, Fulke.

The Life of the Renowned Sir Philip Sidney, p. 247.

No segundo capítulo da dissertação delimitamos as temáticas que nos ajudaram a compreender mais sobre a circulação, coleção e leitura dos manuscritos, e em quais contextos elas se deram, retomando a premissa de que a materialidade modifica o meio de modo a mudar a própria mensagem. Discutimos, a partir da forma em que a “obra” e o “autor” foram construídos e entendidos no período, que esta ocorreu muitas vezes independente de uma intenção ou controle autoral.

Ao partir da materialidade do texto, percebemos que “obra” e “autor” construídos nas diferentes materialidades são, necessariamente, diferentes. Para argumentarmos as maneiras em que estas particularidades influenciaram a forma como o texto poderia ser potencialmente entendido, confrontaremos quatro questões centrais: um estudo sobre a proveniência dos documentos; uma discussão a respeito de Greville; um mapeamento da imagem e fama de Sir Philip Sidney durante a primeira metade do século XVII; uma análise mais aprofundada das variações dos manuscritos e seus potenciais significados e implicações textuais.

2.1 Proveniência dos documentos

Estudar a proveniência dos documentos pode nos fornecer diversas pistas sobre quem possuiu determinados textos e como se deu a transferência desses documentos, além de nos ajudar a compreender um pouco mais sobre questões mais amplas como os hábitos de leitura do período, quais eram os textos mais possuídos e como a cultura de coleção se desenvolveu ao longo do tempo.

Pesquisar a proveniência de determinado manuscrito envolve procurar entender quem o possuiu, vendeu, doou, colecionou, arquivou. Retraçar essa história na maioria das vezes se mostra um caminho fragmentado e com lacunas, demandando pensar que todo documento que estudamos, nos arquivos, bibliotecas, museus, foram ressignificados ao longo do tempo, retirados dos contextos para os quais foram produzidos, para serem colecionados, estudados, expostos, arquivados.

Buscamos pensar as versões manuscritas que hoje se encontram em arquivos e bibliotecas na Inglaterra, disponíveis para o exame e estudo, como parte do trajeto de sua história. Muitas vezes os códigos bibliográficos que são transformados nos bancos de dados naturalizam seu status de documento histórico. Objetivamos reunir e discutir as informações que estão disponíveis sobre cada um dos manuscritos, GrF 24, 24.5, 25, 26 e 26.5, procurando pistas de como esses documentos chegaram às instituições onde se encontram no presente, e, mais importante, quais informações temos a respeito de sua produção e transmissão ao longo do século XVII.

2.1.1 *GrF 24*

O documento GrF 24 se encontra atualmente na biblioteca Bodleian, em Oxford. A forma como o manuscrito está catalogado, Juel-Jensen E 5 [item 1], já nos é indicativa de seu último dono, antes de ser doado para a biblioteca: Dr. Bent Juel-Jensen, médico e colecionador de livros¹⁶³. Juel-Jensen comprou o documento em um leilão da Christie's em 1959. Antes disso, o manuscrito fazia parte da coleção da biblioteca pessoal de Trentham Hall, da família de George Sutherland-Leveson-Gower, quinto duque de Sutherland. Nas primeiras páginas do manuscrito também encontramos uma inscrição do leilão da Sotheby's de 1906 (Trentham Hall Library sale)¹⁶⁴.

¹⁶³ The Independent. **Dr Bent Juel-Jensen**. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/obituaries/dr-bent-juel-jensen-430685.html>> Acesso em 13 mar 2020.

¹⁶⁴ Christie's (fundada em 1766) e a Sotheby's (fundada em 1744) são conhecidas casas de leilão. Disponíveis em: <<https://www.christies.com/>> e <<https://www.sothebys.com/en/>> Acessos em 10 dez 2020.; GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxx; CELM. Bodleian Library, other MSS. Disponível em: <<https://celm-ms.org.uk/repositories/bodleian.html>> Acesso em 19 mar 2020.

O documento permaneceu na família Leveson-Gower desde o século XVII. As listas de livros contidas ao final do documento datam a partir 1666-7, intituladas “Books Bought by William Leveson Gower efqr. & not as yet added to the Catalogue”, “Books lent Abroad”, “Books wanting in the Catalogue”, “A Catalogue of Books belonging to William Leveson Gower at Trentham” e “Books bought at London Since May 21th 1681”. Estas são parcialmente escritas pelo Sr. Plaxton, reitor de Donington e Kinnardley, Shropshire, e bibliotecário de Sir John Leveson-Gower, quinto baronete (1675-1709)¹⁶⁵. O referido nas listas se trata de Sir William Leveson Gower (1647-1691)¹⁶⁶, que recebeu o manuscrito como herança de Sir Richard Leveson (1598–1661)¹⁶⁷. Sir Richard herdou o primeiro nome e a propriedade de Trentham Hall em Staffordshire do primo de seu pai. Este Sir Richard Leveson (c. 1570–1605)¹⁶⁸ conheceu Greville quando o cortesão era *Treasurer of the Navy*¹⁶⁹.

Greville conheceu Richard Leveson em 1602, quando gerenciou o descarregamento do bagageiro espanhol capturado por Leveson¹⁷⁰. Sir Richard passou a maior parte de sua vida na marinha, se casando com a filha de Charles Howard, Lord Howard of Effingham, *Lord High Admiral*. Segundo Rebholz, o episódio de 1602 resultou em amizade e gratidão por parte de Leveson para com Greville. Leveson procurou ajuda-lo, intercedendo com seu sogro, o *High Admiral*, numa disputa política que ao final resultou na resignação de Greville do cargo de

¹⁶⁵ Bodleian Library, other MSS. **CELM**. Disponível em: <<https://celm-ms.org.uk/repositories/bodleian.html>> Acesso em 10 set 2020.

¹⁶⁶ HANDLEY, Stuart. LEVESON GOWER, Sir William (c.1647-91), of Trentham, Staffs. **The History of Parliament: British Political, Social and Local History**. Disponível em: <<http://www.histparl.ac.uk/volume/1690-1715/member/leveson-gower-sir-william-1647-91>> Acesso 29 mar 2020; **UK Genealogy Archives**. Disponível em: <<https://ukga.org/cgi-bin/browse.cgi?action=ViewRec&DB=33&bookID=224&pagecount=1545&submit=Next>> Acesso em 10 set 2020.

¹⁶⁷ THRUSH, Andrew. LEVESON, Richard (1598-1661), of Whorne's Place, Cuxton, Kent; Lilleshall Lodge, Salop and Trentham, Staffs.; later of Boswell Court, nr. St. Clement's Well, London. **The History of Parliament: British Political, Social and Local History**. Disponível em: <<http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1604-1629/member/leveson-richard-1598-1661>> Acesso em 10 set 2020.

¹⁶⁸ Sir Richard Leveson (c. 1570–1605) era filho de Sir Walter Leveson (1551–1602), proprietário de terras, MP e corsário. MP e oficial da marinha, Richard foi casado com a filha de Charles Howard, lorde Howard de Effingham, *lord high admiral*. Membro do círculo de Howard, participou no conflito com a *Armada* espanhola e nomeado vice-almirante da Inglaterra em 1604. Marechal da embaixada de 1605 na Espanha, faleceu devido a epidemia de varíola em seu retorno a Londres. WISKER, Richard. **Leveson, Sir Richard (c. 1570–1605), naval officer**. Oxford Dictionary of National Biography, [s.l.]: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-16538>> Acesso em 23 dez 2020.

¹⁶⁹ GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxx.

¹⁷⁰ REBHOLZ, R. A. **The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971, p. 143.

*Treasurer of the Navy*¹⁷¹. Entretanto, Sir Richard veio a falecer em 1605, antes do período em que acredita-se que Greville escreveu o texto e antes também de quando acreditamos que a cópia do manuscrito foi produzida.

Não sabemos exatamente como o texto chegou até os Leveson, embora podemos verificar o relacionamento de Greville com a família a partir de suas cartas para John Coke¹⁷². A família Leveson-Gower, que esteve ao lado do rei durante as guerras civis¹⁷³ e ascenderam desde o século XVII, está atualmente na quinta geração com o título de duque de Sutherland. A propriedade de Trentham Hall e sua biblioteca, herdada por Sir Richard Leveson ainda pertencem a família, na qual o manuscrito provavelmente permaneceu por cerca de 300 anos até sua venda em 1959.

O primeiro item incluído ao final do texto manuscrito, intitulado “Livros comprados por William Leveson Gower e ainda não adicionados ao Catálogo”¹⁷⁴, seria, como o nome já infere, uma listagem de livros dividida em duas seções: fólhos e quartos; oitavos e duodécimos. Na página seguinte temos, escrito em duas colunas, mais livros listados, sendo que a segunda dessas colunas mostra possivelmente o preço pago por alguns desses títulos. O documento tem mais uma página com listagem de livros seguida pelo item, “Books lent Abroad”. Abaixo dessa pequena listagem encontramos outra ainda mais curta, intitulada “Books wanting in the Catalogue”, que consiste em apenas dois livros: o *Leviatã* de Hobbs

¹⁷¹ REBHOLZ, R. A. **The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971, p. 170-173.

¹⁷² *Idem, Ibidem*, p. 345.

¹⁷³ Durante a guerra civil Sir Richard Leveson (1598-1661) se alinhou aos regalistas, servindo como coronel de cavalaria e membro do parlamento de Oxford. Foi capturado no ano de 1645, permanecendo preso por nove meses. Seu envolvimento na guerra lhe custou financeiramente, tendo sido confiscada uma grande parte de sua propriedade, somada a uma alta multa. THRUSH, Andrew. LEVESON, Richard (1598-1661), of Whorne's Place, Cuxton, Kent; Lilleshall Lodge, Salop and Trentham, Staffs.; later of Boswell Court, nr. St. Clement's Well, London. **The History of Parliament: British Political, Social and Local History**. Disponível em: <<http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1604-1629/member/leveson-richard-1598-1661>> Acesso em 10 set 2020.

¹⁷⁴ Trad. Livre. “Books Bought by William Leveson Gower efqr. & not as yet added to the Catalogue”. Bodleian, Juel-Jensen E 5 [item 1].

(publicado no mesmo ano que o impresso de Greville) e provavelmente *História Natural* de Bacon¹⁷⁵.

No início do item principal, o Catálogo de livros pertencentes a William Leveson-Gower em Trentham, encontramos, em pouco mais de vinte páginas, títulos organizados por tema e formato. Iniciamos com História em fôlio, quarto e oitavo, com mais de cem entradas organizadas alfabeticamente por autor.

Fig. 23 Listas encontradas encadernadas junto ao final do texto manuscrito. Intitulado “A Catalogue of Books belonging to William Leveson Gower at Trentham”¹⁷⁶

¹⁷⁵ HOBBS, Thomas. *Leviathan, or The matter, forme, & power of a common-wealth ecclesiasticall and civill*. By Thomas Hobbes of Malmesbury. London : printed [by Thomas Warren and Richard Cotes] for Andrew Crooke, at the Green Dragon in St. Pauls Church-yard, 1651; BACON, Francis. *Sylva sylvarum: or A naturall historie*. In ten centuries. VVritten by the Right Honourable Francis Lo. Verulam Viscount St. Alban. Published after the authors death, by VVilliam Rawley Doctor of Diuinitie, late his Lordships chaplaine. London: Printed by I[ohn] H[aviland and Augustine Mathewes] for William Lee at the Turks Head in Fleet-street, next to the Miter, 1627.

¹⁷⁶ Bodleian Library, Juel-Jensen E 5 [item 1].

Apresentamos então “Divinity in folio”, listado da mesma forma, com cerca de treze entradas, seguido de “Divinity in 4º”, com mais de 50. As próximas divisões são intituladas autores franceses e italianos, a primeira com mais de 30 títulos e a segunda com mais de 40. Temos então temáticas como “Miscelâneas”, “Botanicks & Physicians”, “Play Books & Poetry & Romance”, “Law Books” e “MS Books”.

A listagem incluída ao final do texto de Greville nos oferece um vislumbre sobre a cultura de coleção e a biblioteca de uma família nobre regalista, fornecendo pistas que possibilitam entender um pouco mais como e por quem esses livros eram organizados. Temos a figura de Sr. Plaxton, que atua com bibliotecário de Trentham Hall, e pode ser entendido como mais um intermediário entre o leitor e o livreiro, sendo responsável por, além de organizar e classificar os textos, marcar títulos a serem adquiridos e livros emprestados.

Sobre a organização, percebemos três aspectos: os formatos, as temáticas e a forma como o título do texto é anotado. Primeiro notamos, causando certo estranhamento ao leitor dos dias de hoje, uma divisão de listas em formatos (internamente aos temas). A classificação dos livros em temas maiores (*Divinity*, *Law*, *History*, etc) nos indica por um lado interesses particulares e gerais da família enquanto por outro pode nos dar pistas sobre como determinados títulos eram entendidos (e classificados) no período. Sobre a forma como os livros são listados, estes aparecem de forma “resumida”, muito diferente dos longos textos que observamos nas folhas de rosto de impressos, mencionando adicionalmente apenas o autor, não o livreiro ou o ano de publicação. Notamos também a presença de títulos impressos e manuscritos. Entretanto, nota-se que eles aparecem em listas diferentes (*MS Books*).

É interessante pensar como esses textos sobreviveram e vieram a ser incluídos junto ao manuscrito de Greville. Todas essas questões exploram apenas superficialmente a potencialidade de um estudo sobre as listas contidas ao final do texto, merecendo um estudo mais aprofundado.

Além dos elementos encadernados junto ao manuscrito, encontramos manuscrita a tinta, no início do documento, o texto da folha de rosto da edição impressa em 1651 (**Fig. 24**). Não conseguimos datar a anotação, posterior à escrita do texto do manuscrito. A anotação também informa o tamanho do texto, em duodécimo.

The Manuscript Account of his
Sir Philip Sidney - is by
Sir Fulke Greville.

and printed in a small 4to volume. as

The Life Sir Philip Sidney.
Of the Renowned - Sir Philip Sidney.
With the true interest of England
as it then stood in relation to all Foreign
Princes, & particularly for suppressing
the power of Spain stated by him.
His principal Actions Counsels, Designs,
and Death. - Together with a short
account of the Maxims and Policies used by
Queen Elizabeth in her Government.

Written by Sir Fulke Greville Knight
Lord Brooke a Servant to Queen Elizabeth,
& his Companion & Friend.

London
Printed for Henry Seile over against St.
Dunstons Church in Fleet Street
MDC LII.

Fig. 24 Folha de rosto do impresso de 1652 copiado à mão, encadernada antes do texto manuscrito¹⁷⁷

¹⁷⁷ Bodleian Library, Juel-Jensen E 5 [item 1].

2.1.2 GrF 24.5

O manuscrito GrF 24.5, encontrado por Peter Walne e abordado no artigo “Greville's *Life of Sidney*: The Hertford Manuscript” de Victor Skretkowicz¹⁷⁸, está no Hertfordshire Record Office (DE/Hx/F 109, ff. [1r-81r]). Entre os manuscritos sobreviventes, apenas dois são intitulados “A Dedication to Sir Philip Sidney”, GrF 24.5 e GrF26. O documento contém dois textos: o *Dedication* e *A Letter to an Honorable Lady*¹⁷⁹.

As únicas informações sobre a sua proveniência são “Castle Rushen” e “1699”, escritos no próprio documento. Naquele período o castelo pertencia a William George Richard Stanley (1655–1702), nono Earl of Derby, filho de Charles Stanley (1628-1672) e neto de James Stanley (1607-1651)¹⁸⁰. Rushen, localizado na Isle of Man, quando sob controle de James, serviu como um lugar seguro para refugiados regalistas até meados de 1651. O oficial do exército, ficou conhecido posteriormente como “martyr earl”, ao ser executado por sua lealdade a Charles I após a batalha de Worcester (1651). Seu filho, Charles Stanley, foi aprisionado na Torre ao lutar junto a Sir George Booth durante *Cheshire Rising* de 1659, uma tentativa malsucedida de restaurar Carlos II. Os Stanleys eram reconhecidos regalistas. Sua família recuperou sua influência e posses após a restauração. Não é conhecido algum relacionamento entre Greville e o nobre, ou com qualquer outro membro de sua família¹⁸¹.

¹⁷⁸ SKRETKOWICZ, Victor. *Greville's Life of Sidney*: The Hertford Manuscript, *EMS*, 3, 1992, p. 102-36.

¹⁷⁹ Escrita provavelmente no final do século XVI, *A Letter to an Honorable Lady* também está incluída nos manuscritos de Warwick e no impresso de 1633. Utilizando a conhecida fórmula de carta de aconselhamento, conjectura-se tenha sido escrita acerca do período da impressão da peça *Arcadia* de Sidney. DAVIS, Joel. Multiple *Arcadia*s and the Literary Quarrel between Fulke Greville and the Countess of Pembroke. *Studies In Philology*, [S.L.], v. 101, n. 4, p. 401-430, 2004; RIGALI, Amanda. *The plays of Fulke Greville in context*. 2000. 208 f. Tese (Doutorado) - King's College London, Londres, 2000, p. 17.

¹⁸⁰ JOHN H. RAINS, III. *Stanley, William George Richard, ninth earl of Derby (1655–1702), nobleman*. 2004. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-40803>> Acesso em 10 dez 2020; COWARD, B. Stanley, James, seventh earl of Derby (1607–1651), royalist army officer. *Oxford Dictionary of National Biography*. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-26274>> Acesso em 10 dez 2020.

¹⁸¹ RIGALI, Amanda. *Op. cit.*, p. 17.

2.1.3 GrF 25

No arquivo da biblioteca de Shrewsbury está localizado o documento GrF 25 (MS 295.1). O documento é citado pela primeira vez por S. Blaine Ewing, em ‘A New Manuscript of Greville's “Life of Sidney”’ (1954). Se encontram presentes notas de autoria de John Brickdale Blakeway (1765- 1826)¹⁸² junto ao texto. Blakeway foi um topógrafo e antiquário da região de Shrewsbury que, ao comprar o manuscrito, pesquisou sua proveniência e realizou uma descrição comparativa entre o texto manuscrito e o impresso em 1652. Ambos se encontram junto ao documento.

Este MS. comprei na venda dos livros do general Langleys em Golding. A edição de Life of Sir Philip Sidney de lorde Brooke impressa em Londres em 1652 foi tomada de uma cópia melhor e mais completa. No entanto, este MS. serve para corrigir vários erros materiais naquela edição (...) John Langley de Brosely tio-bisavô do bisavô do general foi “serviçal” de Robert Sidney quarto conde de Leicester bisneto de Robert irmão de Sir Philip Sidney¹⁸³

A nota de Blakeway indica que o manuscrito foi comprado da família Langley. A obra póstuma de Blakeway “The Sheriffs of Shropshire” (1831)¹⁸⁴, complementa e corrige suas anotações, afirmando que o texto foi comprado em 1819 de Arnold Archer Langley¹⁸⁵, general

¹⁸² John Brickdale Blakeway (1765–1826) foi um antiquário e clérigo da Igreja da Inglaterra. Completou bacharelado e mestrado em Oxford. Após deixar a universidade, entrou no Lincoln's Inn, chamado para a ordem dos advogados em 1789. A ruína financeira de sua família acabou por levá-lo a se juntar a igreja, sendo ordenado em 1793. Blakeway se voltou para o estudo antiquário, membro da Sociedade de Antiquários a partir de 1807. COOPER, Thompson; BAIGENT, Elizabeth. **Blakeway, John Brickdale (1765–1826), Church of England clergyman and antiquary**. 2006. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-2593>> Acesso em 10 dez 2020.

¹⁸³ Trad. livre. “This MS. I purchased at the sale of Gen. Langleys books at Golding. The edition of Ld. Brooke's Life of Sir Philip Sidney printed at London in 1652 has been taken from a fuller & better copy. Nevertheless this MS. serves to correct several material errors in that edition(...) John Langley of Brosely great uncle to the generals great-grandfather was “servant” to Robert Sidney fourth earl of Leicester great grandson of Sir Philip Sidneys brother Robert” *apud* GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: (“The Life of the Renowned Sir Philip Sidney”). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxxii.

¹⁸⁴ GOUWS, J. S. *Op. cit.*, p. xxxiii; BLACKKEY, John Brickdale. **The Sheriffs of Shropshire**, with their armorial bearings, and notices, biographical and genealogical, of their families. Shrewsbury, 1831.

¹⁸⁵ Will of Archer Arnold Langley of Cound, Shropshire. **The National Archives Catalogue**. Disponível em: <<https://discovery.nationalarchives.gov.uk/details/r/D225045>> Acesso em 7 ago 2020.

da Companhia das Índias Orientais, que herdara as possessões de seu tio John Langley¹⁸⁶. Este seria diferente daquele John Langley (1596-1661) que aparece na nota escrita por Blakeway. O referido dono do manuscrito no século XVII trabalhou tanto para os Sidney quanto para o já citado Richard Leveson, que tinha posse de GrF24. Langley, antiquário, teria sido, segundo Blakeway, secretário de Robert Sidney, irmão de Philip Sidney e primeiro Earl of Leicester¹⁸⁷. Entretanto, Gouws questiona essa informação, dado que Blakeway afirmara que Langley trabalhara para Leicester quando esse era Lord President of Wales, cargo que o nobre nunca ocupou¹⁸⁸. Todavia, é documentada a relação entre Langley e os Leveson-Gower. Langley gerenciava as posses de Sir Richard Leveson em Shropshire, evidenciado por uma série de cartas do secretário em Staffordshire County Record Office (Sutherland MSS, D 593/P/8/2) e a concessão de um imóvel por Sir Richard para Langley¹⁸⁹.

Essa relação entre Langley e Sir Richard Leveson, somada à proximidade de conteúdo, ordem e escrita dos manuscritos GrF 24 e GrF 25 geraram discussões com relação à genealogia dos documentos, como apontamos no capítulo anterior. Para Kuhn, GrF 24 seria uma cópia de GrF 25 enquanto Gouws acredita que GrF 24 e GrF 25 tenham sido originados a partir de uma mesma cópia escriba. Independentemente desses méritos e da discussão genealógica, pensar sobre a proveniência desses textos e suas análises bibliográficas nos ajuda a discutir questões relacionadas a circulação, coleção e leitura do manuscrito. Dada essa relação entre os dois personagens que possuíam os documentos, provavelmente, seja a hipótese de Gouws ou de Kuhn a correta, houve um momento de transmissão ou cópia originária desse relacionamento.

¹⁸⁶ WILLIS, Browne. *Notitia Parliamentaria: containing an account of the first returns and incorporations of the cities, towns, and boroughs, in England and Wales, that send members to Parliament; their returning officers, number of electors, and coats of arms. Also an account of the disused boroughs, and names of the members they returned to Parliament. To which is subjoined, an account of all the speakers, and what places they served for, from the reign of Edw. III. to the present time. And, as an appendage to the Journals of the House of Commons, here is likewise exhibited, a series or [sic] lists of the representatives in the several Parliaments held from the Reformation 1541, to the Restoration 1660. Several of which lists being wanting, and others defective in all the publick offices, are here added and supplied.* By Browne Willis, LL.D. London: 1750, p. 256.

¹⁸⁷ KUHN, Joaquin Charles. *An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney*. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. lxvi.

¹⁸⁸ GOUWS, J. S.. *An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney')*. 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxxiv.

¹⁸⁹ *Idem, Ibidem*, p. xxxiv.

2.1.4 GrF 26

GrF 26 se encontra desde 1691 na biblioteca de Trinity College em Cambridge (MSS R.7 32 e 33 744). O documento foi doado por Sir Thomas Puckering¹⁹⁰ junto com a maior parte dos textos de sua biblioteca na citada data. Anteriormente Sir Thomas Newton, adquirindo o nome Puckering quando herdou as posses da família de sua mãe, ficou conhecido pelo seu apoio ao rei durante as guerras civis. Era filho do escocês Sir Adam Newton (? -1630)¹⁹¹, tutor e secretário do príncipe Henry, filho de Jaime I, até a morte do mesmo em 1612. Após a morte de Greville, em 1628, Newton assumiu seu cargo de “secretary to the marches of Wales”. Kuhn aponta que Sir Adam conhecia Greville pelos cargos que ambos tiveram no governo de Wales. Antiquário, Newton colecionava tratados políticos os quais fizeram parte da doação de seu filho para Trinity College. Tendo possivelmente recebido o manuscrito das mãos de Greville, o documento deve ter sido herdado por Sir Thomas¹⁹².

2.1.5 GrF 26.5

O documento GrF 26.5 consiste em extratos, em diferentes mãos, anotados pelos quarto Conde de Bedford intitulados “Notes out of a dedication of the ould Lo: Brookes to Sr Phillip Sidney”, e datados de c. 1629-30. Esse manuscrito se encontra atualmente em posseção do duque de Bedford, em Woburn Abbey (HMC MS No. 23, pp. 246-65)¹⁹³.

¹⁹⁰ BROADWAY, Jan. Puckering [formerly Newton], Sir Henry, third baronet (bap. 1618, d. 1701), royalist army officer and local politician. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-20057>> Acesso em 02 jan 2021.

¹⁹¹ HANDLEY, Stuart. Newton, Sir Adam, first baronet (d. 1630), royal official. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-20046>> Acesso em 02 jan 2021.

¹⁹² KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. lxx; GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ("The Life of the Renowned Sir Philip Sidney"). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xxxvi; RIGALI, Amanda. **The plays of Fulke Greville in context**. 2000. 208 f. Tese (Doutorado) - King's College London, Londres, 2000, p. 16-17.

¹⁹³ Fulke Greville, Lord Brooke (1554–1628). **CELM**. Disponível em: <<https://celm-ms.org.uk/authors/grevillefulke.html>> Acesso em 7 ago 2020.

Embora não tenhamos conseguido o acesso ao documento ou análise dele por outro pesquisador, acreditamos que este tenha um grande potencial para esclarecer como o texto foi lido e entendido no período. Por se tratar de extratos, entendemos porque o texto tenha sido ignorado por grande parte da bibliografia, já que procuravam traçar o original do autor. Entretanto, suas características específicas, como anotações sobre o texto, escritas por um contemporâneo, são a maior promessa do manuscrito como meio para melhor entender a leitura do texto, sendo merecedor de um estudo mais aprofundado.

Cabe-nos apenas, na impossibilidade de acesso ao texto, apontar algumas reflexões a partir da data de sua elaboração, seu título e sua autoria. O banco de dados CELM nos indica que o documento foi de autoria de Francis Russell (b.1587, d. 1641)¹⁹⁴, quarto Conde de Bedford. No mesmo banco de dados consta que o nobre possuía anotações do mesmo período sobre outros textos de Greville: ‘Notes out of a Letter written to an honoble Ladie’ (HMC MS No. 23, pp. 265-70); ‘Notes out of my ould lord Brookes tragidy of Mustapha’ (HMC MS No. 23, pp. 281-301); ‘Verses out of my ould lord Brooke’, here beginning ‘Man dreame noe more of Curious misteries’ (HMC MS No. 22, pp. 54, 56)¹⁹⁵. O interesse de Bedford pode ser entendido como sendo mais relacionado ao autor do que ao conteúdo específico da obra. Isso se confirma ao notarmos que o herdeiro de Greville, Robert Greville (1607–1643), segundo barão Brooke of Beauchamps Court, teria se casado com uma das filhas do conde. Todos esses documentos foram herdados por seu filho William Russell (1616–1700), primeiro duque de Bedford, após a morte do seu pai, continuando na família e na propriedade de Woburn

¹⁹⁴ Francis Russell, quarto conde de Bedford (bap. 1587-1641), filho de William Russell, primeiro barão Russell de Thornhaugh (c. 1553–1613), *lord deputy* da Irlanda, casou sua filha Catherine (c.1618–1676) com Robert Greville, segundo Baron Brooke of Beauchamps Court e herdeiro de Fulke Greville. O nobre teve papel importante como aliado do parlamento durante nos eventos que precederam a guerra civil apesar de sua morte por varíola em 1641. RUSSELL, Conrad. Russell, Francis, fourth earl of Bedford (bap. 1587, d. 1641), politician. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-24307>> Acesso em 7 ago 2020.

¹⁹⁵ Fulke Greville, Lord Brooke (1554–1628). **CELM**. Disponível em: <<https://celm-ms.org.uk/authors/grevillefulke.html>> Acesso em 7 ago 2020.

Abbey até os dias de hoje¹⁹⁶. Diferentemente dos outros manuscritos que aqui analisamos, GrF 26.5 não foi preservado pelas mãos de fervorosos regalistas, já que todos os citados (Francis, William e Robert) mantiveram relações com o parlamento durante o período. Sua preservação também parece não ter relação com o impresso de 1651.

Apresentamos no começo do capítulo que o estudo da proveniência dos documentos pode nos ajudar a responder sobre a posse, venda, doação, coleção e arquivamento das versões manuscritas do texto de Greville e como essas transferências se deram. Nosso objetivo foi tentar recontextualizar esses documentos além de entender um pouco mais sobre como e para quem eles vieram a ser produzidos. Obtivemos algumas respostas: sobre sua produção, observamos que, em sua maioria, os que tiveram a primeira posse dos manuscritos (ou aqueles que conseguimos retrair) tiveram algum laço com Greville; já sobre sua coleção, descobrimos que esses estiveram ligados à causa regalista, com exceção do documento do conde de Bedford (GrF 26.5). Percebemos, a partir destas informações, o quanto é importante, e necessário, entendermos mais, para continuarmos o processo de recontextualização dos documentos e das figuras de Fulke Greville e Sir Philip Sidney, sobre como eram conhecidas no século XVII.

2.2 A construção de um autor

Fulke Greville, nascido em 1554 na região de Warwickshire na Inglaterra, foi um conhecido cortesão, tendo vivido uma longa vida e servido à rainha Elizabeth I, ao rei Jaime I

¹⁹⁶ William Russell (1616–1700), primeiro duque de Bedford, deu continuação ao posicionamento político de seu pai, apoiando o parlamento com o começo da guerra civil. Junto com John Pym, ele representou Tavistock na Câmara dos Comuns durante os Parlamentos Curto e Longo. Após a morte de seu pai, comandou tropas parlamentaristas contra regalistas na primeira guerra civil. Tomou uma posição mais moderada, a favor de um acordo com Carlos I. Ao não ser atendido, decide apoiar Carlos I em Oxford, lutando junto a eles na batalha de Newbury. Tratado com desconfiança pelos regalistas, Bedford retorna ao lado parlamentarista, onde também é alienado. Descrito como líder da facção presbiteriana, Bedford retoma seu assento na Câmara dos Lordes em 1660. STATER, Victor. Russell, William, first duke of Bedford (1616–1700), politician. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-24346>> Acesso em 7 ago 2020.

e Carlos I. Filho de Sir Fulke Greville (1536–1606)¹⁹⁷, o autor possuía laços com a nobreza tanto pelo lado materno quanto paterno. Sua mãe, Lady Anne Neville (-1583), era filha do quarto Conde de Westmorland enquanto sua avó paterna era filha do segundo Barão Willoughby de Broke. Condecorado quando Jaime I assumiu o trono, Sir Fulke passou parte de sua vida tentando reaver o título de Barão Willoughby de Broke¹⁹⁸. Embora seus esforços tenham sido inicialmente frustrados, Greville conseguiu, em 1621, o título de primeiro Barão de Brooke. O cortesão teve uma carreira relativamente próspera no universo das relações políticas, sendo-lhe concedido, em 1604, o castelo medieval de Warwickshire, no qual diz ter gasto mais de 20 mil libras na reforma¹⁹⁹.

Greville frequentou a Shrewsbury School em sua infância, onde veio a conhecer Sir Philip Sidney, ao qual dedicou seu escrito aqui em análise. Estudou em Cambridge em 1568²⁰⁰. Autor de diversos poemas e peças, Greville esteve intimamente ligado a círculos literários e de patronagens, sendo algumas de suas obras mais conhecidas as peças “Alaham” e “Mustapha”²⁰¹, como também os “Tratados da Monarquia e da Religião”²⁰². Greville esteve

¹⁹⁷ Pai de Greville, Sir Fulke Greville (1536–1606) casou-se com Elizabeth Willoughby, umas das herdeiras do segundo Lord Willoughby de Broke. Com essa união aumentou consideravelmente sua fortuna e conexão dentro da corte. Greville foi um membro ativo da administração pública, serviu no exército contra a França em 1544 e participou na repressão ao *Pilgrimage of Grace*. Na sua localidade, foi eleito para o parlamento, provavelmente por sua relação, com o terceiro marquês de Dorset, relacionado a família Broke. No entanto, ao falecer, deixou uma dívida considerável a sua família, devido a construção de uma casa em Beauchamp's Court. THORPE, S. M.. GREVILLE, Sir Fulke (by 1505-59), of Beauchamp's Court, Alcester, Warws. and London. **The History of Parliament: British Political, Social and Local History**. Disponível em: <<https://www.historyofparliamentonline.org/volume/1509-1558/member/greville-sir-fulke-1505-59>> Acesso em 22 out 2020.

¹⁹⁸ ROGERS, W. H. Hamilton. **The Strife of the Roses and Days of the Tudors in the West**. London: 1890.

¹⁹⁹ REBHOLZ, R. A. **The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971, p. xix-xx; GOUWS, John S. Greville, Fulke, first Baron Brooke of Beauchamps Court (1554–1628), courtier and author. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-11516>> Acesso em 02 jan 2021.

²⁰⁰ Greville, Fulke (GRVL568F). **A Cambridge Alumni Database**. University of Cambridge. Disponível em: <goo.gl/fqiuWq> Acesso em 22 out 2016.

²⁰¹ Impressos pelos Seile no começo da década de 1630, como parte de um compilado de vários textos de Greville. GREVILLE, Fulke. Certaine learned and elegant vvorkes of the Right Honorable Fulke Lord Brooke, written in his youth, and familiar exercise with Sir Philip Sidney. The seuerall names of which workes the following page doth declare. London: Printed by E[lizabeth]. P[urslowe]. for Henry Seyle, and are to be sold at his shop at the signe of the Tygers head in St. Paules Church-yard, 1633.

²⁰² Fora o *Life*, os dois textos que não foram impressos pelos Seile em 1633 foram os Tratados da Monarquia e da Religião, impressos somente em 1670. GREVILLE, Fulke. The remains of Sir Fulk Grevill Lord Brooke: being poems of monarchy and religion: never before printed. London, printed by T.N[ewcombe]. for Henry Herringman at the sign of the Blew Anchorin the lower walk of the New Exchange, 1670.

conectado a esferas universitárias, se envolvendo no ensino de História em Cambridge e Oxford²⁰³.

Ao longo de sua vida, exerceu cargos como o de *Treasurer of the Navy* e *Chancellor of the Exchequer*²⁰⁴. Foi membro da Câmara dos Comuns, sendo reeleito diversas vezes²⁰⁵. Greville veio a falecer, pelas mãos de seu mordomo, aos 73 anos em 1628, três anos após Carlos I assumir o trono. Como não se casou ou teve filhos, quem herdou o título e fortuna foi Robert Greville (1607–1643), segundo barão Brooke of Beauchamps Court, filho do primo de Fulke Greville²⁰⁶.

Propomos olhar para Greville de modo um pouco diferente do que a maioria dos autores que estudaram o cortesão e seus textos. Não nos interessa tanto pensar em quem ele era, suas ambições, intenções ou desejos mas sim na forma em que era lembrado, como essa memória viria a interferir na leitura e no modo em que o texto era entendido e colecionado.

Ao nos voltarmos para as biografias atuais sobre o autor, como as de Joan Rees e Ronald A. Rebholz, ambas coincidentemente publicadas em 1971, a primeira americana e a segunda inglesa, temos um retrato de como Greville é lembrado pelos acadêmicos de nosso presente. Propomos uma breve reflexão dos índices das biografias.

²⁰³ FARMER, Norman. Fulke Greville and Sir John Coke: an exchange of letters on a history lecture and certain latin verses on Sir Philip Sidney. *Huntington Library Quarterly*, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 217-236, maio 1970.

²⁰⁴ O cargo de *Treasurer of the Navy* foi o posto final de Greville em sua carreira na marinha, assumido em 1599 com o apoio de Robert Devereux, conde de Essex. Greville assume o cargo de *Chancellor of the Exchequer*, em 1614 substituindo Sir Julius Caesar. Thomas Howard, conde de Suffolk, *Lord Treasurer* e seu superior no tesouro, teria falhado em balancear as finanças do rei, resultando em sua saída. Greville então passou a encabeçar, entre 1618 e 1621, uma comissão do tesouro. De acordo com Gouws, o título de barão de Brooke de Beauchamp's Court teria sido criado como compensação pelo desapontamento de não ser indicado como *Lord Treasurer* (o cargo foi ocupado por Henry Montague, visconde Mandeville). GOUWS, John S. Greville, Fulke, first Baron Brooke of Beauchamps Court (1554–1628), courtier and author. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-11516>> Acesso em 02 jan 2021.

²⁰⁵ Southampton Jan. 1581 - 18 Mar. 1581; Hedon-In-Holderness 1584; Warwickshire 1586, 1589, 1593, 1597, 1601, 1621 - July 1621. HUNNEYBALL, Paul. GREVILLE, Sir Fulke (1554-1628), of Brooke House, Holborn, London and Warwick Castle; formerly of Beauchamps Court, Alcester, Warws. **The History of Parliament: British Political, Social and Local History**. Disponível em: <<https://www.historyofparliamentonline.org/volume/1604-1629/member/greville-sir-fulke-1554-1628>> Acesso em 22 out 2020.

²⁰⁶ GOUWS, John S. *Op. cit.*; HUGHES, Ann. Greville, Robert, second Baron Brooke of Beauchamps Court (1607–1643), parliamentarian army officer and religious writer. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-11518>> Acesso em 02 jan 2021.

A primeira, de Rees, é intitulada “Fulke Greville, Lord Brooke, 1554-1628: A Critical Biography”²⁰⁷, e organiza o texto da seguinte maneira: uma introdução ao homem e à sua mente; homem local e dono de terra; figura pública; amigo de sir Philip Sidney; *Caelica*; poesia política; as peças; humanista e calvinista; poesia e verdade. Já na biografia de Rebholz, com o título de “The Life of Fulke Greville: First Lord Brooke”²⁰⁸, três das quatro partes do livro são intituladas do mesmo modo em que Greville é apresentado em sua lápide: Amigo de Sir Philip Sidney, Servo da rainha Elizabeth e Conselheiro ao rei Jaime. Ambas biografias curiosamente iniciam o primeiro parágrafo de seus prefácios referindo-se a Charles Lamb²⁰⁹ e à sua predileção da escrita de Greville.

Ao pensarmos nos estudos atuais sobre Greville, vemos que eles se encontram de certa forma fragmentados, conhecido no campo dos estudos literários por algumas de suas peças e poemas, pelos estudiosos do pensamento político e religioso principalmente por seus tratados (da monarquia e da religião em especial), ou ainda pelos especialistas em Sidney pela versão impressa do *Life*²¹⁰.

Seja conhecido como “A Dedication to Sir Philip Sidney” ou como “The Life Of The Renowned Sir Philip Sidney”, o texto objeto desta dissertação distinguiu a forma como

²⁰⁷ REES, Joan. **Fulke Greville, Lord Brooke, 1554-1628: a critical biography**. Berkeley: University Of California Press, 1971.

²⁰⁸ REBHOLZ, R. A. **The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971.

²⁰⁹ Charles Lamb é um conhecido autor inglês do final do século XVIII e começo do XIX. Conta-se que numa festa com amigos Lamb declarou que os autores que gostaria de ter conhecido teriam sido Greville e Sir Thomas Browne: The reason why I pitch upon these two authors is that their writings are riddles, and they themselves the most mysterious of personages, They resemble the soothsayers of old, who dealt in dark hints and doubtful oracles; and I should like to ask them the meaning of what no mortal but themselves, I should suppose, can fathom... As to Fulke Greville he is... a truly formidable and inviting personage; his style is apocalyptical, cabalistical, a knot worthy of such an apparition to untie; and for the unravelling a passage or two, I would stand the brunt of an encounter with so portentous a commentator!” REES, Joan. *Op. cit.*, p. xix; SWAAB, Peter. Lamb, Charles (1775–1834), essayist. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-15912>> Acesso em 23 dez 2020.

²¹⁰ Ver em: BENNETT, Paula. Recent Studies in Greville. **English Literary Renaissance**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 376-382, set. 1972. University of Chicago Press; BERGMAN, Charles Alfred. **Paradoxical Vision: the style and stylistics of Fulke Greville, Lord Brooke**. [S.L.]: University Of Minnesota, 1977; CARTER JUNIOR, Burnham. **The Intellectual Background of Fulke Greville**. 1955. 277 f. Tese (Doutorado) - Curso de Department Of English, Stanford University, Stanford, 1955; CANDIDO, Joseph. Fulke Greville's Biography of Sir Philip Sidney and the. **South Central Review**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 3-12, 1985; HO, Elaine Lee Yin. **A Critical Study of Fulke Greville's "The Life of Sir Philip Sidney" and Its Connections with His Verse Dramas "Mustapha" and "Alaham"**. 1988. 354 f. Tese (Doutorado) - University College London (University Of London), Londres, 1988; LAYMAN, Beverly Joseph. **The political thought of Fulke Greville**. 1953. Tese (Doutorado) - Harvard University, Cambridge, 1953; MACLEAN, Hugh N.. Fulke Greville on War. **Huntington Library Quarterly**, University Of Pennsylvania Press, v. 21, n. 2, p. 95-109, fev. 1958; MACLEAN, Hugh N.. Fulke Greville: kingship and sovereignty. **Huntington Library Quarterly**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 237-271, maio 1953.

Greville seria lembrado, especialmente em relação a Sir Philip Sidney. Alguns autores apontam o desejo e ações em vida por parte de Greville para moldar a sua futura memória. Entre eles, destacamos “Greville’s Afterlives” de Gavin Alexander²¹¹, republicado em 2018 como parte do livro “Fulke Greville and the Culture of the English Renaissance”²¹², que aborda extensamente a ideia de que Greville escrevia suas obras pensando na forma como elas seriam lidas futuramente, partindo de uma noção de *historia magistra*, de modo a tentar guiar a forma como gostaria de ser lembrado como “autor”, além das estratégias de escrita que utilizava para este efeito.

Embora esse seja um aspecto interessante, não almejamos nos debruçar sobre essa questão ou a colocar como determinante. Entretanto, é necessário apontar que estes são aspectos pelos quais Greville foi lembrado: por sua vida como cortesão e sua amizade com Sidney. Menos se discute sobre “o homem e sua mente”, como “homem local e dono de terra”²¹³, como “protestante radical” ou “cristão reformado”²¹⁴. Greville é muito mais lembrado por suas impressões a respeito de Elizabeth ou Jaime e por suas memórias sobre Sidney. Parece-nos importante, quando tentamos traçar a imagem do autor no século XVII, pensar sobre determinados aspectos de sua biografia procurando entender sua “figura pública”.

Para discutimos a forma como Greville era recordado nos anos após a sua morte, buscando entender como se deu a construção de sua figura como “autor” dos documentos, analisamos dois impressos do século XVII que trazem pequenas biografias sobre o cortesão. O primeiro texto, publicado postumamente em 1641, foi escrito por Sir Robert Naunton

²¹¹ ALEXANDER, Gavin. Fulke Greville and the Afterlife. **Huntington Library Quarterly**, [S.L.], v. 62, n. 3/4, p. 203-231, jan. 1999.

²¹² LEO, Russ; RÖDER, Katrin; SIERHUIS, Freya (Ed.). **Fulke Greville and the Culture of the English Renaissance**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

²¹³ Títulos de capítulos da biografia de Rees. REES, Joan. **Fulke Greville, Lord Brooke, 1554-1628: a critical biography**. Berkeley: University Of California Press, 1971.

²¹⁴ Títulos de capítulos da biografia de Rebholz. REBHOLZ, R. A. **The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971.

(1563–1635)²¹⁵, intitulado “Fragmenta regalia, or, Observations on the late Queen Elizabeth, her times and favorits”²¹⁶.

Fig. 25 Frontispício e folha de Rosto de “Fragmenta regalia” (1641)

Naunton era primo e secretário de George Villiers, duque de Buckingham, mais conhecido por ter sido secretário de Estado e membro do *privy council* de Jaime I de 1618 até as relações frustradas com os espanhóis durante o *Spanish Match*²¹⁷ (o que confirma ter conhecido pessoalmente Greville já que ele também fazia parte do conselho), assumindo o posto de *master of the court of wards* entre 1624 e os primeiros anos do reinado de Carlos I.

²¹⁵ SCHREIBER, Roy E. Naunton, Sir Robert (1563–1635), politician. *Oxford Dictionary of National Biography*. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-19812>> Acesso em 02 jan 2021.

²¹⁶ NAUNTON, Robert. *Fragmenta regalia, or Observations on the late Queen Elizabeth, her times and favorits*. Written by Sir Robert Naunton, Master of the court of Wards. [London : s.n.], Printed anno Dom. 1641.

²¹⁷ Como ficou conhecida a proposta de casamento entre Carlos, filho de Jaime I e a infanta Maria Ana, filha mais nova de Felipe III da Espanha, negociada entre os anos de 1614 e 1623, que levou a uma tensão entre determinados membros da Câmara dos Comuns.

Embora impresso em 1641, o texto terminado em 1634 trata de conselhos políticos ao rei a partir de pequenas biografias e observações sobre Elizabeth e sua corte²¹⁸.

(32)

was never profuse in the delivering out of her treasure, but payed many, and most of her servants part in money, and the rest with grace, which as the case stood, was taken for good payment, leaving the aireare of recompence due to their merit, to her great Successor, who payed them all with advantage.

Grevill.

SIR *Faulk Grevill*, since Lord *Brook*, had no mean place in her favour, neither did he hold it for any short tearn, for if I be not deceived, he had the longest lease, and the smoothest time without rub of any of her Favorits; he came to the Court in his youth and prime, or that is the time or never, he vvas a brave Gentleman, and honourably descended from *Willoughby Lord Brook*, and Admirall to *Henry the 7.* neither illiterate, for he vvas, as he vvould often profess a friend to Sir *Philip Sydney*, and there are of his now extant some fragments of his poem, and of those times, which do interest him in the Muses, and which shews, the Queens election had ever a noble conduct, and it motions more of vertue and judgement, then of fancy. I finde that he neither sought for, or obtained any great place or preferment in Court, during all the time of his attendance, neither did he need it, for he came thither backt with a plentifull Fortune, which as himself was wont to say, was the better held together by a single life, wherein he lived and dyed a constant Courtier of the Ladies.

Essex.

MY Lord of *Essex* (as Sir *Henry Wotton* a Gentleman of great parts, and partly of his times, and retinue observes) had his introduction by my Lord of *Leicester*, who had married his mother, a tie of affinity, which besides a more urgent obligation might have invited his care to advance him, his fortune being then (and through his Fathers infelicity) grown low; but that the sonne of a Lord *Ferrers of Chailey*, Viscount *Hartford*, and Earl of *Essex* (who was of the ancient Nobility) and formerly in the Queens good grace, could not have a room in her favour, without the assistance of *Leicester*, was beyond the rule of her nature, which as I have elsewhere taken into observation,

Fig. 26 Entrada sobre Greville na página 32 do impresso "Fragmenta regalia"

²¹⁸ SCHREIBER, Roy E. Naunton, Sir Robert (1563–1635), politician. *Oxford Dictionary of National Biography*. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-19812>> Acesso em 02 jan 2021.

Impresso em quarto, contém pouco mais de quarenta páginas, com outras três reimpressões (1642, 1650 e 1653)²¹⁹. Nele, encontramos entradas sobre 22 conhecidas personalidades do reinado de Elizabeth, entre elas Leicester, Essex, Bacon, Cecil e Sir Philip Sidney. Greville é apresentado pelo bom relacionamento com a rainha e seus favoritos, apontando sua descendência nobre. O texto, sintético, menciona sua amizade com Sidney e sua posição de letrado.

O segundo impresso que descreve Greville como figura pública e cortesão, “The states-men and favourites of England Since the Reformation”²²⁰, foi publicado pela primeira vez em 1665, com reedições em 1670 e 1679, escrito pelo regalista fervoroso David Lloyd (1635–1692)²²¹. Impresso por J.C. para Samuel Speed em quarto, se trata de um texto mais extenso, com mais de 800 páginas, cobrindo personalidades dos reinados de Henrique VIII ao de Carlos I, contando com um sumário no início indicando mais de 200 nomes, organizados por reinado.

²¹⁹ As reimpressões de 1650 e 1653 contém cerca de 90 páginas em duodécimo. Estas disponíveis no ESTC. Disponíveis em: http://estc.bl.uk/F/EHFD5CPEG9NUSRRXEJ3T3RNTKU3EBBD7987K4ADD3HY9M3LBV-62426?func=full-set-set&set_number=021843&set_entry=000006&format=999 e http://estc.bl.uk/F/EHFD5CPEG9NUSRRXEJ3T3RNTKU3EBBD7987K4ADD3HY9M3LBV-62424?func=full-set-set&set_number=021843&set_entry=000005&format=999 Acessos em 10 jan 2021.

²²⁰ LLOYD, David. The states-men and favourites of England since the reformation their prudence and policies, successes and miscarriages, advancements and falls; during the reigns of King Henry VIII. King Edward VI. Queen Mary. Queen Elizabeth King James. King Charles I. London: Printed by J[ames] C[ottrell] for Samuel Speed, at the Rainbow neer the Inner Temple-gate in Fleet-street, 1665.

²²¹ COOPER, Thompson; LACEY, Andrew. Lloyd, David [pseud. Oliver Foulis] (1635–1692), biographer. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-16826> Acesso em 02 jan 2021.

Fig. 27 Frontispício e folha de Rosto de "The states-men and favourites of England Since the Reformation" (1665)

O texto inicia com uma genealogia de Greville seguida de uma breve biografia, na qual são comentados seus estudos, sua vinda à corte, suas posses e sua relação com a rainha Elizabeth. A entrada aponta também Greville como erudito, suas produções literárias e de patronagem, sua relação com outros autores conhecidos (como Camden) além de sua amizade com Sidney. Embora apareça no texto sua relação com Jaime I, o autor claramente evidencia sua vivência no período elisabetano e personagens daquele momento.

K. James: Affections of the People could invent; and because we are esteemed the Warlike Nation in the whole world, to continue that just regulation, we declined all those effeminacies which are so predominant in other Courts, and absolutely addicted our selves to such Martial exercises as are nothing less pleasing and delightful than the other, and yet fit and prepare men more for the real use of Arms, and acquisition of glory. Here our Knights praise came to my Lord of *Carlisle's* notice, who first designed him a Commander; but finding his *Genius* more courtly than *Martial*, more learned than active recommended him to his Majesty's softer services, where none more obliging to the People by his industry and interest at Court, none more serviceable to his Majesty by the good name he gained in the Countrey: So careful was he of publick content, that from five to nine his Chamber was open to all *Comers*; where you would find him with the one hand making himself ready; with the other receiving Letters; and in all this hurry of Business, giving the most orderly, clear, and satisfactory dispatches of any Statesman at that time. From nine to one he attended his Master, to whom he had as easie access as he gave to his People. Two things set him up: 1. A fair respect from his Master upon all occasions, and as fair a treatment of the People: He had his distinct Classis of Affairs, and his distinct Officers for those Classis: The order and method whereof incredibly advanced his dispatch, and eased his burden; which took up his day so, that there remained but some hours he stole from night and sleep, for his beloved and dear Studies; and King *James* said, he was the hardest

hardest Student in *White-Hall*—and therefore he *K. James* did not always trouble his Master with business, but sometimes please him with discourse. If Fortune had been as kind to him as Nature, greater Employments had been at once his honour and his business: But from all his services and performances, he derived no other advantage than the adorning of them; and at his death he left no other wealth behind him, but that of a high reputation: never arriving at those enjoyments that enhance our Cares, nor having time to withdraw himself from those cares that take away the relish of our enjoyments.

Observations on the Life of Sir Fulke Grevil.

Sir Fulke Grevil, Son to *Sir Fulke Grevil* the Selder, of *Beecham Court* in *Warwick-shire*, descended from *VVilloughby Lord Brook*, and Admiral to *Hen. 7.* was bred first in the University of *Cambridge*: He came to the Court, back'd with a full and fair Estate; and *Queen Elizabeth* loved such substantial Courtiers as could plentifully subsist of themselves: He was a good Scholar, loving much to employ (and sometimes to advance) learned men, to whom worthy Bishop *Overal* chiefly owed his Preferment; and *Mr. Camden* (by his own confession) feasted largely of his Liberality. His studies were most in Poetry and History, as his Works do witness: His stile conceived by some to be swelling, is allowed lofty and full

K. James: full by others. King *James* created him Baron *Brook of Beauchamp-Court*, as descended from the sole Daughter and Heir of *Edward Willoughby*, last Lord *Brook*, in the Reign of King *Henry* the 7th. His sad death, or murder rather, happened on this occasion: His discontented servant conceiving his deserts not soon, or well enough rewarded, wounded him mortally, and then (to save the Law the labour) killed himself; verifying the observation, that he may when he pleaseth be master of another mans life, who contemneth his own. He lyeth buried in *Warwick Church* under a Monument of black and white Marble, whereon he is stiled, Servant to *Queen Elizabeth*, Counsellour to King *James*, and Friend to *Sir Philip Sidney*.

Though a Favourite, he courts Ladies rather than Honour, and pursued his study rather than his ambition, being more contemplative than active: Others mislired to *Queen Elizabeth's* government, this Gentleman to her Recreation and Pleasures: He came to Court when all men should, young, and stayed there until he was old; his fortune being as smooth as his spirit, and the Queens favour as lasting as his merit. He bred up Statesmen, but was none. *Sir William Pickering* was like to have gained the Queens Bed by studying, *Sir Philip Sidney* had her Heart for writing, and *Sir Fulke Grevil* had her favour for both: one great argument for his worth, was his respect of the worth of others; desiring to be known to posterity under no other notions than of *Shakespeare's* and *Ben Jonson's* Master, Chancellor *Egerton's* Patron, Bishop *Overal's* Lord, and *Sir Philip Sidney's* Friend.

Friend. His soul had the peace of a great fortune, *K. James* joyred to a greater mind: His worth commended him to Majesty; his affable and endeared him to the popularity: his mornings were devoted to his Books, his afternoons to his knowing Friends, his nights to his debonaire Acquaintance: He was the Queens Counsellor for persons, as others were for matters and things: Sweet was his disposition, winning his converse, fluent his discourse, obliging his looks, gestures, and expressions; publick his spirit, and large his soul: his Genius prompted him to prepare himself for Domestick services by Foreign employments, but the great Mistress of her Subjects affections and duties forbad it, and his own prudence checked it. So dear was he to the Queen, that when his horres were shipped at *Dover* for the Netherlands, her Mandate by *Sir Edward Dier* stopped him: When he went over with *Walsingham*, he was remanded; and when with *Leicester*, he was checked: He was the exact image of action and quiet happily united in him, seldom well divided in any. He would have acted his great principles of Government, yet he could be confined only to write them. He could sit down with some Poetick and polite Characters of Vertue, when he was debarred the real exercises of Declination. He had kept *Essex* his head on, had not that on of Mo-unhappy man's Parasites made the Earl deaf to his Counsels, and his Enemies removed him from his presence, under a pretence of guarding the Seas against his Enemies, while his Kinsman was betrayed by his Friends.

Figs. 28 e 29 Entrada sobre Greville nas páginas 727-729 do impresso "The states-men and favourites of England Since the Reformation" (1665)

Podemos notar uma relação clara com o impresso de Naunton. Além de abordarem as mesmas temáticas, alguns dos trechos são muito similares como: “constant Courtier of the Ladies” e “he courts Ladies”, “descended from *Willoughby Lord Brook*, and Admirall to *Henry the 7*” e “descended from *VWilloughby Lord Brook*, and Admiral to *Hen. 7*”.

Alguns dos aspectos em que o texto de Loyd se diferencia do texto de Naunton poderia ser explicado pela leitura de “*The Life of the Renowned Sir Philip Sidney*”, impresso em 1651, ou seja, anteriormente à publicação do livro de Loyd em 1665 e, como discutiremos no próximo capítulo, por um livreiro regalista. O texto de 1651 narra diversos momentos da vida e obras de Greville, como por exemplo sua relação com Essex, citada no parágrafo final da entrada “He had kept Essex his head on (...)”, ou o trecho “So dear was he to the Queen, that when his horses were shipped at Dover for the Netherlands, her Mandate by Sir Edward Dier stopped him: When he went over with Walsingham, he was remanded” também presentes na narrativa de Greville sobre Sidney.

A maior parte das informações a que tivemos acesso parece confirmar que a imagem de Greville estava construída com base em como é apresentado em sua lápide: um cortesão elisabetano, que serviu ao reino, ao parlamento, a três diferentes monarcas, ligado às letras, e amigo de Sir Philip Sidney. Outras questões mais pontuais, como seu posicionamento contra a Espanha, sua relação com figuras polêmicas como Leicester, Essex e Buckingham, sua posição religiosa e seus cargos administrativos e carreira na marinha são de menor nota.

Cabe ainda pensar sobre a sua produção literária e como essa potencialmente determinou a forma como o cortesão era lembrado. Conhecido pelo controle da circulação de seus manuscritos e com sua publicação impressa póstuma, é possível pensarmos que mais se conhecia sobre os escritos do autor após a década de 1630 do que anteriormente, valendo lembrar que a maior parte de seus textos é impressa em 1633. Greville também sobreviveu nos escritos de seus apadrinhados e daqueles que pertenceram a seus círculos literários, como o já citado Camden.

A maior coleção de documentos de Greville é conhecida como *Warwick Manuscripts*. A coleção se encontrava no castelo medieval Warwick, localizado em Warwickshire, aquele reformado por Greville, concedido por Jaime I em 1604. Os manuscritos estão atualmente nos

arquivos do British Library²²². Trata-se da mais substancial coleção manuscrita autorizada do período de Elizabeth e Jaime. A maior parte desses textos foram publicados no impresso de 1633. Os seis fólhos são cópias das obras: *A Treatise of Monarchy*; *Of Humane Learning*; *Of Religion*; *An Inquisition upon Fame, and Honor*; *A Treatie of Warrs*; *Alaham*; *Mustapha*; *Caelica*; *A Letter to an Honorable Lady*²²³.

Retomando nossa discussão sobre os gênero, retórica, autor e obra que pontuamos na introdução, quando pensamos em Greville e o papel de “autor”, procuramos nos distanciar do senso mais atual, mercadológico, burguês, psicologizante e diretamente ligado a um sentido de originalidade. Greville constrói, como comum a panegírica e a escrita de uma “vida”, Sir Philip como um cortesão elisabetano exemplar. Ao pensar Greville como autoridade, procuramos entender melhor como era memorado e seu impacto a possíveis leitores do período. Entender autoria para nós também foi discutir sobre sua fama e como era recordado como cortesão. Talvez, ao estabelecer Sidney como cortesão exemplar, Greville também estabeleça a si mesmo.

Ao construir o seu texto o autor se constrói como *auctoritas* que também é exemplar. No gênero panegírico, o autor constrói a narrativa através de exemplos para, circularmente, se constituir como exemplo de autor. Diferentemente do conceito atual de autor, ele não é entendido como um gênio criativo ou dentro de uma chave de originalidade. Não devemos então fazer uma análise psicologizante para entender como Greville era visto no período.

²²² FULKE GREVILLE: 'The Warwick Manuscripts', comprising the poems, plays and one prose work of Sir Fulke Greville, 1st Baron Brooke; circa 1619-1628. Fair copies with autograph revisions. **British Library** (Add MSS 54566-54571). Disponível em: <http://hviewer.bl.uk/lamsHViewer/Default.aspx?mdark=ark:/81055/vdc_100000000771.0x00034b&_ga=2.196874604.1173016385.1607862220-1641548036.1606432892> Acesso em 22 out 2020.

²²³ KELLIHER, W. Hilton. The Warwick Manuscripts of Fulke Greville. **The British Museum Quarterly**, [S.L.], v. 34, n. 3/4, p. 107-121, 1970; Fulke Greville Lord Brooke. **CELM**. Disponível em: <<https://celm-ms.org.uk/introductions/GrevilleFulke.html>> Acesso em 22 out 2020; Impressões recentes: GROSART, Alexander B. (ed.). **The Works in Verse and Prose Complete of the Right Honourable Fulke Greville**. (Privately Printed): Fuller Worthies Library (Privately Printed), 1870. 4 v; BULLOUGH, Geoffrey (ed.). **Poems and Dramas of Fulke Greville**. Londres: Oliver & Boyd, 1938. 2 v; GOUWS, John (ed.). **The Prose Works of Fulke Greville, Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1986.

2.3 Recordando Sidney

Ao pensarmos sobre a figura de Greville e como sua produção literária era entendida no século XVII, especialmente em relação a como o cortesão era lembrado, notamos que seu nome, na maior parte das vezes, estava acompanhado à alcunha de sua amizade com Sir Philip Sidney. Seja em sua lápide, em seus escritos ou na discussão levantada por Gavin Alexander²²⁴ sobre como Greville pensava em passar uma imagem para a posteridade, se mostra evidente que sua figura ficou para sempre atrelada à de Sidney.

Como argumentamos anteriormente, acreditamos que o texto que aqui discutimos, seja em suas versões manuscritas ou a impressa, influenciou diretamente no que se sabia e como se pensava sobre Fulke Greville, já que parte do documento é dedicada a seus trabalhos e eventos em sua vida. Todavia, tanto pelo título do impresso pelo qual ficou conhecido “The Life of the Renowned Sir Philip Sidney” quanto pelo fato que (apesar das alterações e variações das diferentes versões, e das múltiplas temáticas presentes no documento) a narrativa da história de vida de Sidney consiste na maior parte do texto sendo fundamental para o estabelecimento de uma idealização exemplar de Sir Philip. Percebemos que o texto foi, ao longo do tempo, lido mais por estudiosos e curiosos do conhecido poeta do que por aqueles do próprio Fulke Greville, que muitas vezes se focaram mais em suas peças, tratados e poemas.

É interessante pensar que, por exemplo, a sociedade de estudos de Sir Philip Sidney, “International Sidney Society”, dedicou em 2001 dois volumes de sua revista, “The Sidney Journal”, para debater Greville e o *Life*²²⁵. Aliás, a própria existência da sociedade, nos mostra a importância e o reconhecimento que Sir Sidney tem até os dias atuais, especialmente em comparação à figura mais obscura de Greville.

Portanto, nos parece impossível escrever sobre o documento sem dar a devida atenção a quem foi Sir Philip Sidney, e, mais do que isso, sobre como foi conhecido ao longo do século XVII. Não nos interessa pensar sobre Sidney para discutirmos os acontecimentos

²²⁴ ALEXANDER, Gavin. Fulke Greville and the Afterlife. **Huntington Library Quarterly**, [S.L.], v. 62, n. 3/4, p. 203-231, jan. 1999.

²²⁵ HANSEN, Matthew C; WOODCOCK, Matthew. **Fulke Greville: A Special Double Issue of the Sidney Journal** 19.1–2, 2001.

narrados no texto ou sua “veracidade”. Entretanto, não discutir Sidney significaria ignorar uma importante parcela de entendimento daqueles que leram, copiaram ou colecionaram as versões manuscritas, pois sua fama já se encontrava muito bem estabelecida no período.

Nascido em 1554 em Kent, era o primeiro filho de Sir Henry e Mary Sidney, filha do duque de Northumberland, e irmão de Robert Sidney, futuro primeiro conde de Leicester. Percebemos a importância de sua família quando Philip, que recebeu o nome de Felipe II rei da Espanha, é apadrinhado pelo monarca em seu batismo. Primo distante de Greville, frequentaram juntos Shrewsbury School, partindo depois para Christ College em Oxford²²⁶. Sidney foi casado com Frances Walsingham, com quem teve uma filha²²⁷.

Seu tio, Robert Dudley, conde de Leicester, teve considerável influência em sua carreira, embora Sidney não tenha ocupado grandes cargos políticos. Gavin Alexander, em sua obra “Writing after Sidney: The Literary Response to Sir Philip Sidney 1586-1640” inicia sua introdução afirmando que o mais importante evento na carreira literária de Sir Philip Sidney foi sua morte em 1586 aos 31 anos, logo após ter escritos suas mais importantes obras²²⁸. Não é exagero apontar que a fama de Sidney esteve intimamente ligada à ideia de uma morte precoce. Seu velório atraiu cerca de 700 pessoas na Catedral de Saint Paul, onde foi enterrado²²⁹. *Life* narra com destaque seu falecimento, decorrente de um ferimento ocasionado na batalha de Zutphen quando Sir Philip estava nos Países Baixos para ocupar o cargo de Governador de Flushing.

²²⁶ Ver árvore genealógica produzida por Rebholz no **Anexo E. REBHOLZ, R. A. The Life of Fulke Greville, First Lord Brooke**. Oxford: Clarendon Press, 1971.

²²⁷ Ver em: MACCAFFREY, Wallace T. Sidney, Sir Henry (1529–1586), lord deputy of Ireland and courtier. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-25520>> Acesso em 02 jan 2021; ADAMS, Simon. Sidney [née Dudley], Mary, Lady Sidney (1530x35–1586), courtier. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-69749>> Acesso em 02 jan 2021; LOADES, David. Dudley, John, duke of Northumberland (1504–1553), royal servant. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-8156>> Acesso em 02 jan 2021; WOULDHUYSEN, H. R. Sidney, Sir Philip (1554–1586), author and courtier. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-25522>> Acesso em 20 jan 2016.

²²⁸ ALEXANDER, Gavin. **Writing After Sidney: The Literary Response to Sir Philip Sidney, 1586-1640**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. xix.

²²⁹ WOULDHUYSEN, H. R. *Op. cit.*

Alexander aponta, ainda em sua introdução, que o segundo maior acontecimento da carreira literária de Sidney fora a impressão de seus textos na última década do século XVI²³⁰. Sir Philip ficou conhecido por seus poemas e peças, em especial “Arcadia”, alguns dos quais haviam circulado em vida apenas em manuscrito. Essas duas razões teriam levado Sidney a dominar a cultura literária logo antes da virada do século, atribuindo a aqueles que o levaram a impressão de seus textos à criação de Sidney como grande autor inglês, influenciando diretamente toda uma geração de leitores até pelo menos a década de 1640. Greville esteve diretamente envolvido no processo da publicação impressa da prosa “The Countess of Pembroke’s Arcadia” em 1590. Outras obras e versões foram organizadas por seu irmão Robert, por sua irmã a condessa de Pembroke e por sua sobrinha Mary Wroth²³¹. Encontramos inúmeras reimpressões do texto: 1590, 1593, 1598, 1599, 1605, 1613, 1621 (Dublin), 1622, 1623, 1627, 1629, 1633, 1638, 1655, 1662 e 1674²³².

O estudo e debate bibliográfico sobre Philip Sidney e suas obras é extenso²³³. Há também uma quantidade razoável de autores que se debruçaram em esmiuçar a narrativa de *Life* e os acontecimentos sobre a vida de Sidney ali presentes, procurando pensar sobre sua veracidade e sobre quanto das opiniões do próprio Greville e sua idealização de Sidney estariam presentes no texto.

Farmer, por exemplo, acredita que Greville utilizou da figura de Sir Philip, que se

²³⁰ ALEXANDER, Gavin. **Writing After Sidney**: The Literary Response to Sir Philip Sidney, 1586-1640. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. xix.

²³¹ *Idem, Ibidem*, p. xix-xxxvi.

²³² The Countesse of Pembrokes Arcadia. **ESTC**. Disponível em: <http://estc.bl.uk/F/EHFD5CPEG9NUSRRXEJ3T3RNTKU3EBBD7987K4ADD3HY9M3LBV-67120?func=short-sort&set_number=022478&sort_option=01---A02---A> e <http://estc.bl.uk/F/EHFD5CPEG9NUSRRXEJ3T3RNTKU3EBBD7987K4ADD3HY9M3LBV-02312?func=short-0-b&set_number=022618&request=WRD%20%3D%20%28%20the%20countess%20of%20pembroke%20arcadia%20%29> Acesso em 12 jan 2021; SIDNEY, Philip. *The Countesse of Pembrokes Arcadia*, written by Sir Philippe Sidnei. London: Printed [by John Windet] for William Ponsonbie, Anno Domini, 1590.

²³³ Muitas obras estudam mais profundamente Sidney e seus trabalhos. Algumas das mais conhecidas são: WOODCOCK, M. **Sir Philip Sidney and the Sidney Circle**. Writers and Their Work. Tavistock, Devon: Northcote House, 2010; ALEXANDER, Gavin. **Writing After Sidney**: the literary response to Sir Philip Sidney 1586-1640. Oxford: Oxford University Press, 2006; DUNCAN-JONES, Katherine. **Sir Philip Sidney: Courtier Poet**. New Haven and London: Yale University Press, 1991; WOODHUYSEN, H. R., **Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts, 1558-1640**, Oxford: Clarendon Press, 1996; REES, Joan. **Sir Philip Sidney and Arcadia**. Rutherford: Fairleigh Dickinson University Press, 1991; Waller, G. F.; MOORE, Michael D. **Sir Philip Sidney and the Interpretation of Renaissance Culture**: The Poet in His Time and in Ours: A Collection of Critical and Scholarly Essays: Mostly Papers Presented to the International Conference "Sir Philip Sidney in His History and Ours", Held at Wilfrid Laurier University, Waterloo, Canada, in October 1982. London: Croom Helm, 1984; WORDEN, Blair. **The Sound of Virtue**: Philip Sidney's Arcadia and Elizabethan Politics. New Haven: Yale Univ. Press, 1996.

tornara uma personificação da virtude pública e de serviço ao Estado, como veículo para a instrução moral e política. O autor afirma que esta narrativa se entremeia com a concepção de História de Greville, a qual exige mais do que a mera apresentação de fatos²³⁴. Esta prática de Greville estaria então em consonância com o que era estabelecido pela literatura clássica de Políbio, Tácito e Sêneca. A narrativa que Greville escreve seria um lembrete de que os feitos de Sidney forneciam um guia para a vida, de um homem ideal, exemplar.

Para nosso estudo, todavia, parece mais interessante se debruçar sobre a fama e o entendimento que se tinha de Sidney no século XVII e nos possíveis impactos que o texto teve sobre esses. Nesse sentido, acreditamos que Farmer nos ajuda a pensar como a narrativa da vida de Sidney, contida no documento, contribuiu para uma idealização de Sidney como grande cortesão e autor elisabetano.

O texto nos manuscritos varia, seja por acréscimos ou mudanças na ordem da escrita, nas diferentes versões que chegaram até nós. Entretanto, a narrativa sobre Sidney se encontra nos primeiros dois terços do documento. Inicia-se com a infância de Greville e Sidney, como se conheceram na escola e a amizade entre os dois. O texto dedica uma reflexão sobre “Arcadia”. Encontramos testemunhos do caráter de Sir Philip: do Príncipe de Orange, do Conde de Leicester e de Sir Francis Walsingham (sogro de Sidney). Também são apresentadas no texto diversas “opiniões” de Sidney sobre a religião e sua lealdade à Reforma, o possível casamento da rainha Elizabeth com o duque de Anjou, o estado político europeu, o poder da Espanha e medidas contra ela.

Parte da narrativa da vida de Sir Philip está organizada a partir de sua carreira: são apontadas viagens realizadas pelo cortesão, como sua missão diplomática, os planos, impedidos pela rainha, com Sir Francis Drake, o convite de seu tio Leicester para a empreitada nos Países Baixos²³⁵. O texto contrasta a vida e a figura de Sidney com relação àquela de um homem comum, idealizando-o e afirmando-o como figura de respeito, apesar de não ter ocupado cargos importantes. A batalha de Zutphen, seu ferimento e momentos finais

²³⁴ FARMER, Norman. Fulke Greville and Sir John Coke: an exchange of letters on a history lecture and certain latin verses on Sir Philip Sidney. *Huntington Library Quarterly*, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 217-236, maio 1970.

²³⁵ No quarto capítulo (do impresso) é narrada a visita de Sidney, como embaixador da rainha Elizabeth, acompanhado por Greville ao imperador Rudolf buscando uma união com os príncipes germânicos contra Espanha e Roma, o mesmo capítulo destaca as relações diplomáticas, especialmente contra o poder espanhol e papal.

também têm destaque no texto, construindo o personagem de herói com fim trágico e o futuro promissor que nunca se concretizaria.

A narrativa do documento complementa a memória de Sir Philip Sidney cuja fama foi consolidada a partir de sua morte e com as impressões de suas obras. Para Kuhn, “como fonte para biografias de Sidney, the *Life* tem sido influente; sem ele, a fama de Sidney como pessoa não teria sido tão grande. Embora a reputação de Sidney como poeta e autor de *Arcádia* estivesse garantida, suas obras ocultam muito bem o Sidney histórico”²³⁶. O texto teria ajudado a consolidar a idealização exemplar de Sidney a partir de detalhes representativos e “bem escolhidos”, formando o retrato que foi seguido por biógrafos posteriores. A escrita de Greville teria estabelecido Sir Philip mais como homem de ação do que das letras²³⁷.

Uma importante questão sobre a qual refletimos ao longo do capítulo foi se a “obra”, entendida aqui como trabalho escrito, teria sido mais um símbolo, ou seja lida, lembrada e colecionada, por conta de Sidney do que propriamente de Greville. Apontamos que o texto contribuiu para a construção de uma memória e idealização de Sidney, especialmente entre pesquisadores do autor, possivelmente os maiores estudiosos de *Life*. Entretanto, como percebemos com o estudo da proveniência dos manuscritos, a maior parte dos documentos que sobreviveram foram guardados por figuras para as quais conseguimos traçar uma conexão direta com Greville. Se por ventura os leitores que nos são contemporâneos ou aqueles a partir da publicação de 1651, que tiveram acesso ao texto principalmente pelas edições impressas, o buscaram por sua narrativa sobre Philip Sidney, aqueles que copiaram, guardaram ou colecionaram as versões manuscritas que aqui estudamos parecem tê-lo feito mais por sua conexão com Greville.

²³⁶ Trad. livre. “as a source for biographies of Sidney, the *Life* has been influential; without it, Sidney’s fame as a person would not have been nearly as great. Although Sidney’s reputation as poet and author of *Arcadia* was secure, his works conceal rather well the historical Sidney” KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. ix.

²³⁷ *Idem*.

2.4 Variações e possíveis implicações

Já apontamos a presença de variações de conteúdo entre as diferentes versões do texto. Discutimos a seguir quais são as principais e como impactaram no conjunto do texto, de modo a entendermos um pouco mais sobre as possíveis implicações que puderam ter na leitura e no entendimento do trabalho.

Encontramos, ao todo, seis versões diferentes, cinco delas manuscritas e uma impressa. Entretanto, temos conhecimento do conteúdo de três manuscritos e do impresso. A tabela seguinte resume várias das características que discutimos ao longo dos dois capítulos e nos ajuda a entender um pouco mais das variações e diferenças entre elas.

Documento	Mão	Marcas d' água	Tamanho	Capítulos	Observações	Local	Prov.
GrF 24 (J*) (LG**)	2 ou 3 mãos letra grande itálica com influência secretária	Heawood 2179 (1638) insertos: 2673 (1659) e 2691 (1672)	Fólio 96 fol. 300x191mm	17	Sem título	Bodleian, Juel-Jensen E 5 [item 1]	Leveson- Gower
GrF 24.5	Uma mão, secretária	-	107 fol	18	“A dedication to Sr: Philip Sidney”. Junto com “A Letter to an Honourable Lady” c/ inscrição	Hertfordshi re Record Office, DE/ Hx/F 109, ff. [1r-81r].	Stanley
GrF 25 (S**)	Uma mão secretária com influência itálica	Heawood 140 (1630) ou 136 (1611) ou Tramonin 463 (1633)	Fólio 46 fol. 340x216 (343x210?) mm	17	-	Biblioteca de Shrewsbury (MS 295.1)	Langley
GrF 26 (T*) (TC**)	2 mãos (uma por volume) Vol1: letra pequena, secretária, não cursiva Vol 2: letra pequena, cursiva, secretária com influência itálica	Heawood 3652 (1635) ou 3674 (1678).	Oitavo Vol 1: 75f 131-5 x 70mm Vol 2: 61f 130 x 72mm	18 2 volumes	“A dedication to Sr: Philip Sidney” (itálico grande e decorado)	Trinity College, Cambridge (MSS R. 7. 32, 33)	Puckering

Documento	Mão	Marcas d' água	Tamanho	Capítulos	Observações	Local	Prov.
GrF 26.5	Mais de uma mão	-	-	-	"Notes out of a dedication of the ould Lo: Brookes to Sr Phillip Sidney" c. 1629-30	The Duke of Bedford, Woburn Abbey, HMC MS No. 23, pp. 246-65	Russell
1651 (Impresso)	Pelo menos dois compositores		Oitavo	18	Publicado por Henry Seile e editado por P.B.	Muitas cópias disponíveis ***	

Tabela 2 Tabela das Versões²³⁸

Apresentamos nessa seção as variações entre três das versões manuscritas, GrF 24, 25 e 26. Para entendermos melhor a especificidade de cada uma, do ponto de vista de sua produção e possíveis circulação e leitura, destacamos diferenças nos conteúdos dos documentos, sejam adições, exclusões ou alterações na ordem, partindo da análise realizada por Kuhn e Gouws em suas edições críticas, mas sem ter como intento a busca pelo autoral. Tentamos ressignificar a discussão com a intenção de entender como essas variações poderiam ter potencialmente modificado o texto e seu entendimento.

Dedicamos parte de nossa discussão para evidenciar as diferenças entre o conteúdo das versões do texto porque elas têm a potencialidade de impactar concretamente o significado da obra e, portanto, nos indicar como essa foi lida. A partir das análises de Kuhn e Gouws podemos dividir os textos em dois grupos GrF 24/25 e GrF 26/1651, ficando claro que as maiores variações se encontram entre eles.

A grande diferença entre os dois grupos se dá principalmente por meio da adição de uma parcela de texto e reorganização de outra. A mais evidente dessas mudanças é a de adição: enquanto nos manuscritos GrF 25 a temática de Sidney domina cerca de 71% do texto (64 das 90 páginas), em 1651 ela compõe 65% (166 páginas das 255); em GrF 25 temos 10 páginas (cerca de 11,1%) dedicadas a Greville e seus trabalhos enquanto em 1651 o tópico

²³⁸ * Nomenclatura adotada por Gouws; ** Nomenclatura adotada por Kuhn.

*** Listadas pelo ESTC. Disponível em: <<http://estc.bl.uk/R208970>> Acesso em 17 nov 2019.

toma 29 páginas (cerca de 11,4%); sobre a rainha Elizabeth, temos 18% do texto dedicado em GrF 25 (16 páginas) aumentando para 24% em 1651 (60 páginas)²³⁹.

Analisaremos agora a ordem e o conteúdo dos capítulos de GrF 24 e 25 em comparação aos capítulos de GrF 26 e 1651. Como apontamos em nosso texto e tabela (**Tabela 3**), os dois primeiros manuscritos tem seu conteúdo organizado em 17 capítulos. Já GrF 26 e 1651 contam com 18 capítulos. Descrevemos, na tabela a seguir, a ordem dos temas abordados nos dois grupos. Marcamos em cor aqueles que aparecem em ordem diferente.

GrF 24 e 25	GrF 26 e 1651 (impresso)
Começo da vida de Sidney	Começo da vida de Sidney
Testemunhos sobre Sidney	Testemunhos sobre Sidney
Conquista de Sidney	Conquista de Sidney
Expedições além mar	Expedições além mar
Final da primeira parte da vida de Sidney	Profecias políticas, perigo espanhol
Sucessos e decepções nos Países Baixos	Sucessos nos Países Baixos
Profecias políticas, perigo espanhol	Batalha de Zutphen, morte de Sidney
Opinião de Sidney sobre relação com a Espanha e relação com a rainha	Obras e vida de Greville
Batalha de Zutphen, morte de Sidney	O reino da Elizabeth e suas políticas
Obras e vida de Greville	Políticas de Elizabeth com a Espanha
O reino da Elizabeth e suas políticas	Projeto de história da Rainha Elizabeth
A escrita de Greville em tempos não favoráveis	A escrita de Greville em tempos não favoráveis
As tragédias de Greville, comparação com a poesia de Sidney	As tragédias de Greville, comparação com a poesia de Sidney

Tabela 3 Tabela comparativa adaptado de Kuhn (**Anexo C**)²⁴⁰

A partir da tabela e dos dados, entendemos que o início e o final dos manuscritos são iguais nos dois grupos: iniciamos com a vida de Sidney e terminamos com a escrita de

²³⁹ KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. lxxxix.

²⁴⁰ *Idem, Ibidem*, p. lxxix-lxxxix.

Greville, sua discussão sobre “Mustapha” e “Alaham”, além da comparação entre sua poesia e a de Sidney. Outra similaridade entre as versões seria que, embora estejam compostas em ordem diferente, a maior parte das temáticas são abordadas nos dois grupos de textos, ou seja, tópicos são expandidos mais do que inseridos.

As principais diferenças se dão do meio para frente, onde percebemos que trechos são aumentados e sua ordem modificada. Antecipa-se o trecho sobre o panorama político e a questão da Espanha após o evento envolvendo o conflito com a Invencível Armada para os capítulos oito e nove em GrF 26 e 1651. Retira-se, ou é reduzida, a parte que aborda a experiência de Sidney nos Países Baixos, em relação às decepções na região.

As outras mudanças parecem ocorrer dada a decisão de encerrar a vida de Sidney no capítulo treze de GrF 26 e 1651. Assim, segue um capítulo sobre Greville, sua vida, seus tratados e tragédias, e inicia-se a seção sobre a rainha Elizabeth, a qual é consideravelmente expandida, correspondendo aos capítulos quinze, dezesseis e dezessete de GrF 26 e 1651. Nota-se, também, que há uma alteração entre a forma como é abordada a relação com a Espanha durante o reinado de Elizabeth, aparecendo como integrado à opinião de Sidney em GrF 24 e 25 e integrada à história do reinado da rainha em GrF 26 e 1651.

A sequência de capítulos que aparece de GrF 24 e 25 em GrF 26 e 1651 é 1-7, 11, 8-10, 17, 12-16, 18. Kuhn aponta as 6 maiores adições ao texto: 3050 palavras a respeito da possibilidade de uma iniciativa diplomática inglesa na Europa, contra a Espanha; 960 palavras elogiando a forma com que a rainha Elizabeth preservou os direitos tradicionais e como levantou fundos; 880 palavras sobre o desejo frustrado de Greville em escrever uma história completa da vida de Elizabeth; 450 palavras sobre os perigos do favoritismo e da inconsistência religiosa a partir de exemplos da rainha; 173 palavras em referência a atitude de Elizabeth a respeito dissidentes religiosos, em especial católicos; e, ao final, 78 palavras descrevendo como a rainha preveniu que pequenos oficiais realizassem manipulações financeiras desonestas²⁴¹.

A transposição de conteúdo mais importante do ponto de vista textual é a incorporação do capítulo onze de GrF 24 e 25 ao capítulo dezessete de GrF 26 e 1652. O capítulo onze finaliza implicando que o texto encerrou sua discussão a respeito da rainha Elizabeth. Com as

²⁴¹ KUHN, Joaquin Charles. **An Edition of Fulke Greville's Life of Sir Philip Sidney**. 1973. 494 f. Tese (Doutorado) - Curso de Modern Language And Literature, Yale University, New Haven, 1973, p. lxxxi-lxxxv.

alterações e adições do conteúdo sobre a rainha, faria sentido que este capítulo que conclui o tema fosse inserido no final do conteúdo sobre a rainha. Ao remanejar o capítulo onze, surgiria um problema de transição no texto entre o conteúdo das propostas de Sidney sobre as incursões nas possessões espanholas nas Índias Ocidentais e a morte de Sidney, solucionado com a inserção do material a respeito da expedição aos Países Baixos. Uma outra transposição é a retirada da passagem sobre a proposta de um ataque à Sicília, presente no capítulo dez de de GrF 24 e 25, para inseri-la no capítulo nove de GrF 26 e 1652²⁴².

Ao pensarmos sobre as possíveis implicações dessas alterações e diferenças no conteúdo, no entendimento e leitura do texto entendemos que GrF 24 e 25 apresentam um foco maior na narrativa sobre a vida e morte de Sir Philip Sidney, que são complementados por capítulos sobre Greville e Elizabeth. As mudanças na ordem do texto acabam por deixar os temas de GrF 26 e 1652 mais divididos internamente, numa estrutura menos fixa em que as duas principais temáticas apresentadas, as narrativas sobre Sidney e Elizabeth, se encontram entre os capítulos dedicados mais a Greville. Essas diferenças teriam um potencial impacto na leitura e entendimento da obra, já que os leitores que tiveram acesso a GrF 24 e 25 talvez estariam lendo a vida de Sidney e reflexões de seu amigo Greville sobre sua própria escrita e sobre políticas da rainha Elizabeth, enquanto os leitores de GrF 26 e 1652 teriam acesso a um texto um pouco mais diverso, no qual Greville narra sobre a vida de seu amigo Sir Philip Sidney, sobre seus próprios textos e sobre o reinado da rainha Elizabeth.

O capítulo propôs discutir aspectos de circulação, coleção e leitura das diferentes versões manuscritas do texto do Greville. Para os primeiros dois aspectos, coleção e circulação, levantamos o estudo da proveniência das diferentes cópias, procurando refazer o trajeto do arquivo à produção. Já para entendermos mais como os manuscritos foram lidos e entendidos tocamos em três tópicos relacionados a seu conteúdo: Greville, Sidney e as variações entre as versões.

²⁴² GOUWS, J. S.. **An Edition of Fulke Greville's A Dedication to Sir Philip Sidney**: ('The Life of the Renowned Sir Philip Sidney'). 1976. 308 f. Tese (Doutorado) - University Of Oxford, Oxford, 1976, p. xlix-l.

O estudo da proveniência nos forneceu informações importantes sobre a posse, venda, doação e coleção dos manuscritos. Sobre sua leitura e entendimento, infelizmente dado nossas limitações de acesso às versões, pudemos levantar apenas um leitor: o conde de Bedford e o documento GrF 26.5. Perguntamo-nos por quem e qual o motivo do texto de Greville ter sido colecionado e preservado, chegando até os dias de hoje. Descobrimos laços entre Greville e a maior parte das famílias que possuíam os manuscritos no século XVII. Também constatamos que, em sua maioria, essas apoiaram o rei durante as guerras civis.

Discutir mais sobre a figura de Greville no século XVII nos parece central para debatermos a forma como os documentos eram lidos e entendidos no período. Nos interessa interpretar Greville, não como autor com sua definição romântica do século XIX, mas como era entendido retoricamente na época e quais os impactos que seu nome teria na leitura do texto. Para isso tentamos fugir de uma discussão tradicional biográfica mais longa, retrazendo como era lembrado por seus contemporâneos. Embora uma figura relativamente desconhecida atualmente, principalmente se comparado a Sidney, sua menção em impressos como “The states-men and favourites of England Since the Reformation” e “Fragmenta regalia” nos sugerem um cenário diferente.

A memória de Greville está, propositalmente ou não, relacionada diretamente à forma como é apresentado em seu monumento fúnebre, como servo a rainha Elizabeth e conselheiro de Jaime I, como amigo de Sir Philip Sidney. Greville é recordado primordialmente como cortesão elisabetano, os resultados de seus esforços para adquirir título de nobreza aparecem nos dois impressos: Sir Fulke Greville, lorde Brook, filho de Sir Fulke Greville e descendente de *Willoughby Lord Brook, Admirall* de Henrique VII. É apresentado nos impressos ao lado de figuras conhecidas como lorde Essex, Bacon, Cecil e o próprio Sidney.

Se discutir a figura de Greville nos parece importante, o mesmo podemos dizer sobre Sidney. Personagem muito mais conhecido (e estudado) atualmente, a imagem Sir Philip do século XVII tem uma relação dialógica com *Life*: por um lado a fama originária de seus escritos e sua morte prematura alimentam o interesse pelo texto de Greville, enquanto, por outro lado, o *Life* claramente auxilia e modela a consolidação de uma exemplaridade de Sidney, alterando para sempre o modo como o autor foi lembrado. Ainda assim, apesar de ser mais conhecido, o estudo relativo à proveniência dos documentos nos permite entrever ligações entre Greville e vários dos manuscritos. Como apontamos, embora atualmente o *Life*

esteja muito mais atrelado à figura de Sidney, no passado parece que os manuscritos foram colecionados devido à sua relação com Greville.

Já cotejando as diferenças de conteúdo entre as versões manuscritas, apuramos duas questões: a primeira se refere ao fato que, em sua maioria, essas consistiram de mudanças na ordem do texto e adição de conteúdo; a segunda nos aponta a possibilidade de terem significado uma mudança de ênfase, impactando sua leitura e entendimento. Para nós, a divisão e o peso entre as três principais temáticas presentes (a vida de Sidney, a produção de Greville e as políticas de Elizabeth) se encontram mais equilibradas nas versões presentes em GrF 26 e 1652, enquanto Sidney tem possivelmente mais destaque em GrF 24 e 25.